

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O Papel do Conservatório de Música e Artes do Dão na formação profissional dos alunos através do ensino articulado de música: Retratos sociológicos de dez antigos alunos

Ana Salomé Rodrigues da Costa

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura com Especialização em
Entretenimento e Indústrias Criativas

Orientadora: Professora Doutora Vera Borges, Investigadora Integrada
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

O Papel do Conservatório de Música e Artes do Dão na formação profissional dos alunos através do ensino articulado de música: Retratos sociológicos de dez antigos alunos

Ana Salomé Rodrigues da Costa

Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura com Especialização em Entretenimento e Indústrias Criativas

Orientadora: Professora Doutora Vera Borges, Investigadora Integrada
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

Ao Professor Paulo Gomes dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

“Nada tem valor para o homem, enquanto homem, se não o puder fazer com paixão”
Max Weber, 1919.

A elaboração da presente dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos, quer pessoais, quer institucionais sem os quais não teria sido possível a realização da mesma e aos quais estarei eternamente grata.

Primeiramente quero agradecer aos meus pais e familiares, em especial à minha mãe, pois sem o seu apoio incondicional não teria tido forças para seguir o meu sonho de me formar numa área com tantas incertezas inerentes.

Quero agradecer também a todos os docentes com os quais tive a oportunidade de me cruzar ao longo de todo o meu percurso de formação, em especial à Professora Doutora Vera Borges que me apoiou incondicionalmente, estando sempre presente e incentivando-me a cada etapa mesmo quando os obstáculos pareciam maiores que a gratificação final. Aos professores e funcionários do Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD) que, desde da minha passagem pela instituição até ao momento presente, sempre me apoiaram e se mostraram disponíveis para ajudar no que fosse necessário.

Agradecer ainda a todos os meus colegas e amigos que ao longo dos anos, contribuíram para o meu enriquecimento, quer ao nível da minha formação profissional, académica, quer ao nível pessoal e que, de uma forma ou de outra, tornaram possível a conclusão desta pesquisa, em especial aos antigos alunos do CMAD que se disponibilizaram para a realização de entrevistas. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

Por fim, dirijo um agradecimento especial ao Professor Paulo Gomes, cujo nome ficará sempre ligado ao ensino da música e que foi quem me incentivou a realizar este projeto, mostrando-se, desde o início, sempre disponível para ajudar. Tenho como certo que, como várias vezes o fez, continuaria nos momentos de maior dificuldade a dar-me uma “palmadinha” nas costas e com um sorriso no rosto diria: “está tudo bem, vais conseguir e estou cá para ajudar”. Através do Conservatório de Música e Artes de Dão deixou o seu legado e um bocadinho de si a todos nós, ao Professor Paulo dedico esta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação analisa as trajetórias individuais de carreira de um conjunto de dez jovens que frequentaram o ensino articulado de música, no Conservatório de Música e Artes do Dão, no segundo e terceiro ciclos, entre os anos 2007 e 2015. Através das entrevistas, de carácter biográfico, foi possível construir dez “retratos sociológicos”, onde se analisaram os percursos dos antigos alunos, os tempos e os momentos da formação profissional, as desilusões e os sucessos, a importância da família, a influência dos professores e da escola do ensino articulado de música como um dos momentos cruciais de socialização destes jovens alunos. Nos seus discursos, os jovens destacam a qualidade de ensino do Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD), tendo este sido a sua “rampa de lançamento” para o “mundo das artes” da música. Aqueles que seguiram uma profissão artística mencionam a importância das atividades desenvolvidas no Conservatório para o enriquecimento dos seus interesses artísticos, despertando e desenvolvendo a sua criatividade. Por fim, os jovens que deixaram de lado a sua formação artística salientam a importância das ferramentas adquiridas durante a sua formação no ensino articulado de música, não só ao nível artístico, como também ao nível cognitivo e enquanto meio de socialização. Foi possível concluir que, independentemente da área profissional que estes jovens escolheram seguir, o ensino articulado de música teve um impacto positivo na sua trajetória de carreira académica e pessoal.

Palavras Chave: trajetória individual de carreira; biografias; música; formação musical; ensino articulado de música; conservatório.

ABSTRACT

This thesis analyzes the individual career paths of a group of ten young students who attended the articulated teaching of music at the Conservatório de Música e Artes do Dão (Conservatory of Music and Arts of Dão), between the years 2007 and 2015. Through the interviews, of a biographical nature, it was possible to construct ten “sociological portraits”, where the career paths trajectories of the former students were analyzed, the times and moments of professional formation, the disappointments and successes, the importance of the family, the influence of the teachers and the school of the articulated teaching of music, as one of the crucial moments of socialization for these young students. In their speeches, the young students emphasized the quality of teaching at the Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD), which was their "beginning of the path" in the “art world” of music. Those who followed the artistic profession mention the importance of the activities developed at the Conservatory to enrich their artistic interests, awakening and developing their creativity. Finally, the young students who left their artistic training aside mention the importance of the tools acquired during their training in the articulated teaching of music, not only at the artistic level, but also at the cognitive and socialization level. It was possible to conclude that regardless of the professional domain they chose to pursue, the articulated teaching of music had a positive impact on their academic and personal trajectory of career.

Keywords: individual career path; biographies; music; musical education; articulated teaching of music; conservatory.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	16
1.1– O ENSINO ARTÍSTICO E O INTERESSE PELA CULTURA	16
1.2– A QUESTÃO DE PARTIDA	18
1.2.1 – AS PROFISSÕES	20
1.2.2 – A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO ARTÍSTICA	24
1.2.3 – A VOCAÇÃO ARTÍSTICA ASSOCIADA AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.....	25
1.2.4 – O CONCEITO DE CARREIRA, O SUCESSO E A IMPORTÂNCIA DAS MOTIVAÇÕES INTRÍNSECAS.....	29
1.2.5 – O PERCURSO DE CARREIRA DE UM MÚSICO.....	35
1.3 – DESENHO METODOLÓGICO	37
1.3.1 – MÉTODO DE PESQUISA	37
1.3.2 – ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS E OS “RETRATOS SOCIOLOGICOS”.....	39
1.4 – OS ENTREVISTADOS: BREVE APRESENTAÇÃO.....	42
CAPÍTULO 2 – O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA E ARTES DO DÃO	43
2.1 – O TERRITÓRIO	43
2.2 – CONTEXTO SOCIOGEOGRÁFICO DO CMAD	44
2.3 – A ESCOLA E OS SEUS APOIOS	45
CAPÍTULO 3 – “RETRATOS SOCIOLOGICOS”	46
3.1 IGOR VARELA: UM PRODÍGIO MUSICAL – O CAMINHO DE UM CLARINETISTA DO INTERIOR DE PORTUGAL ATÉ À ESFERA INTERNACIONAL.....	46
3.1.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	46
3.1.2 O INÍCIO DO PERCURSO NO MUNDO DA MÚSICA.....	46
3.1.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES	47
3.1.4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	48
3.1.5 A IMPORTÂNCIA DO CMAD NA SUA TRAJETÓRIA ENQUANTO MÚSICO	49

3.1.6	A IMPORTÂNCIA DOS CONCURSOS.....	50
3.1.7	“A MÚSICA É 90% SUOR, 10% TALENTO”	51
3.1.8	A CARREIRA DE MÚSICO FAZ-SE NA SALA DE ESTUDO	52
3.1.9	O QUE REPRESENTA ATUALMENTE O CMAD.....	52
3.2	JOSÉ PEDRO MORAIS: DE PERCUSSIONISTA A PRAÇA DA BANDA SINFÓNICA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS.	53
3.2.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	53
3.2.2	O INÍCIO DO SEU PERCURSO NO MUNDO DA MÚSICA	54
3.2.3	A MOTIVAÇÃO PARA SEGUIR A PROFISSÃO DE MÚSICO.....	54
3.2.4	O SEU PERCURSO NO CMAD E OS SEUS BENEFÍCIOS	55
3.2.5	A ENTRADA NA BANDA MILITAR DO EXÉRCITO PORTUGUÊS	56
3.2.6	A SUA VISÃO SOBRE O CMAD	57
3.2.7	A “APTIDÃO” PARA SER MÚSICO	57
3.3	INÊS MATOS: DAS AVENTURAS DE CRIANÇA PELA MÚSICA, AO VIOLINO, TEATRO MUSICAL, DANÇA E POR FIM ESTUDOS ARTÍSTICOS. A PAIXÃO PELA CRIAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE ARTE.	58
3.3.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	58
3.3.2	A INFLUÊNCIA DO MEIO FAMILIAR	58
3.3.3	A SUA TRAJETÓRIA NO CMAD	59
3.3.4	A ESCOLHA DO CURSO SUPERIOR	60
3.3.5	A INFLUÊNCIA DO CONSERVATÓRIO NAS SUAS DECISÕES DE FORMAÇÃO ACADÉMICA	61
3.3.6	A INSTABILIDADE DA ÁREA CULTURAL E ARTÍSTICA EM PORTUGAL	62
3.3.7	A IMPORTÂNCIA DO CMAD NA REGIÃO ONDE SE INSERE	62
3.3.8	PERSPETIVAS FUTURAS	63
3.4	MARIA MIGUEL JESUS: O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA COMO UM COMPLEMENTO À FORMAÇÃO.	64
3.4.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	64
3.4.2	O PERCURSO DE FORMAÇÃO: DA MÚSICA À ECONOMIA	64
3.4.3	O PAPEL DA MÚSICA NA SUA FORMAÇÃO	65
3.4.4	A VOCAÇÃO NO MEIO ARTÍSTICO	65
3.4.5	O CMAD COMO UMA MAIS VALIA PARA A CULTURA DA REGIÃO.....	66
3.4.6	AS VANTAGENS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	66

3.5	MARIANA REBELO: DE VIOLINISTA À PAIXÃO PELO TEATRO MUSICAL. AS DIFICULDADES DE EMPREGABILIDADE DOS ARTISTAS EM PORTUGAL E A FALTA DE OPORTUNIDADES.....	67
3.5.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	67
3.5.2	A TRAJETÓRIA DE MARIANA NO MUNDO ARTÍSTICO	68
3.5.3	A FALTA DE OFERTA DE ENSINO ARTÍSTICO NA REGIÃO	69
3.5.4	A INFLUÊNCIA DO CMAD NO SEU PERCURSO	69
3.5.5	A EMPREGABILIDADE DO MEIO ARTÍSTICO EM PORTUGAL	69
3.5.6	A CORAGEM NECESSÁRIA PARA SEGUIR A PROFISSÃO	70
3.5.7	A FALTA DE OFERTAS CULTURAIS E ARTÍSTICAS NA REGIÃO ONDE SE INSERE O CMAD	71
3.5.8	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO CMAD.....	72
3.6	ANA RITA RODRIGUES: O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR E DE COMPLEMENTO AO ENSINO REGULAR. UM CAMINHO DE DESAFIOS, RESILIÊNCIA E PRIMOR.	72
3.6.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	72
3.6.2	A MÚSICA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR.....	73
3.6.3	O PERCURSO “ENRIQUECEDOR E DESAFIANTE” NO CMAD	74
3.6.4	A INFLUÊNCIA DO ENSINO ARTICULADO NA ESCOLHA PROFISSIONAL	75
3.6.5	A VOCAÇÃO NA ÁREA ARTÍSTICA.....	75
3.6.6	AS VANTAGENS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	76
3.6.7	A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES	77
3.6.8	A FALTA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NA REGIÃO	77
3.6.9	PERSPETIVAS FUTURAS	78
3.7	LUÍS CARLOS PINTO: DE TROMPISTA, A ATOR, APRESENTADOR E ENGENHEIRO INDUSTRIAL. O MEDO DA INSTABILIDADE NO MEIO ARTÍSTICO E CULTURAL E A SEGURANÇA E ESTABILIDADE DE UM CURSO SUPERIOR EM ENGENHARIA.	78
3.7.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	78
3.7.2	OS PRIMEIROS CONTACTOS COM A MÚSICA.....	79
3.7.3	O DESPERTAR PARA O MUNDO ARTÍSTICO	80
3.7.4	A INCERTEZA DE UMA CARREIRA ARTÍSTICA E “O PLANO B”	80
3.7.5	PARA UM PERCURSO DE “SUCESSO” É NECESSÁRIO MUITO TRABALHO E É ESSENCIAL TER VOCAÇÃO	81
3.7.6	A FALTA DE OFERTA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NA REGIÃO.	81

3.7.7	AS MAIS VALIAS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	82
3.7.8	AS DÚVIDAS E A IMPORTÂNCIA DE UMA SEGUNDA PROFISSÃO	83
3.7.9	A LIGAÇÃO COM O MUNDO ARTÍSTICO	84
3.8	LEONARDO COELHO: DO VIOLINO, À BATERIA, GUITARRA E POR FIM À FLAUTA TRANSVERSAL. A PAIXÃO PELA MÚSICA E A PROCURA CONSTANTE POR MAIS E MELHOR FORMAÇÃO	85
3.8.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	85
3.8.2	O CRESCIMENTO DE MÃOS DADAS COM A MÚSICA.....	86
3.8.3	A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES	86
3.8.4	O ENSINO PROFISSIONALIZADO DE MÚSICA E AS DÚVIDAS DURANTE O PERCURSO DE FORMAÇÃO	87
3.8.5	A PREPARAÇÃO DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	87
3.8.6	O ENSINO SUPERIOR.....	88
3.8.7	O TRABALHO ALIADO À VOCAÇÃO.....	88
3.8.8	O ENSINO DA MÚSICA COMO UM COMPLEMENTO DE FORMAÇÃO.....	89
3.8.9	A RELAÇÃO COM ATIVIDADES CULTURAIS E ARTÍSTICAS E FALTA DAS MESMAS NA REGIÃO.....	89
3.8.10	A “RAMPA DE LANÇAMENTO”.....	89
3.8.11	ESPECTATIVAS FUTURAS	90
3.9	SÓNIA PAIS: DE SANTA COMBA DÃO À ESFERA INTERNACIONAL – UM CASO DE SUCESSO	90
3.9.3	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	90
3.9.4	A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA	91
3.9.5	DA BANDA FILARMÓNICA À ENTRADA NO CMAD.....	91
3.9.6	O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA	92
3.9.7	A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES NA SUA TRAJETÓRIA E TOMADA DE DECISÃO	92
3.9.8	O APOIO INCONDICIONAL DOS PAIS	94
3.9.9	A ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR E A IDA PARA O ESTRANGEIRO	94
3.9.10	AS OPORTUNIDADES “LÁ FORA”	95
3.9.11	O CONTACTO COM ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS	95
3.9.12	AS INCERTEZAS DA PROFISSÃO	96
3.9.13	O FATOR VOCAÇÃO.....	97
3.9.14	O CMAD “É COMO UMA CASA”.....	97

3.10	MARIANA BANDEIRA: DO TROMPETE À GESTÃO. O “BICHINHO” QUE PERMANECE.	98
3.10.1	APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA	98
3.10.2	A DECISÃO DOS PAIS	98
3.10.3	O ENSINO ARTICULADO E COMPLEMENTAR DE MÚSICA.....	99
3.10.4	O FATOR TALENTO E A EMPREGABILIDADE DO SETOR ARTÍSTICO.....	100
3.10.5	“HÁ VOCAÇÃO E VOCAÇÃO”	101
3.10.6	O CONTACTO ATUAL COM O MUNDO ARTÍSTICO.....	101
3.10.7	O IMPACTO DO CMAD NA VIDA DO ALUNO.....	102
3.10.8	A PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS.....	102
CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....		104
4.1	PORQUE RAZÃO ESCOLHERAM SEGUIR A FORMAÇÃO NO CONSERVATÓRIO?	108
4.2	O ENSINO ARTICULADO.....	109
4.3	OS ALUNOS E A FAMÍLIA	110
4.4	VANTAGENS DO CMAD NA REGIÃO	111
4.5	VOCAÇÃO /TALENTO VS TRABALHO.....	112
CONCLUSÃO		114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		119
ANEXOS.....		123
ANEXO A – MODELO DA ENTREVISTA E AS SUAS PRINCIPAIS DIMENSÕES		123
ANEXO B – DADOS DE CARATERIZAÇÃO GERAL DOS ENTREVISTADOS.....		126
ANEXO C – POPULAÇÃO EMPREGADA, TOTAL E NAS ATIVIDADES CULTURAIS E CRIATIVAS, POR SEXO, GRUPO ETÁRIO E NÍVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO (%), 2018		129
ANEXO D – GRELHA DE ANÁLISE GERAL DAS ENTREVISTAS.....		129

INTRODUÇÃO

Num contexto cultural e num mercado de trabalho como o português, onde pouco se fala da profissão de músico e das carreiras musicais, a discussão em torno da importância da formação musical, em particular no ensino básico, do segundo e terceiro ciclos, fica ainda mais afastada e secundarizada na esfera pública. Este trabalho de investigação tem como objetivo principal procurar colmatar a falta de discussão pública em torno da importância da formação musical e do seu impacto na trajetória individual de carreira dos alunos. Para o fazer, pretende-se analisar o percurso de 10 jovens que passaram, durante a sua formação, pelo ensino articulado de música, no segundo e terceiro ciclos, no Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD). Este Conservatório situa-se no concelho de Santa Comba Dão, no distrito de Viseu, e foi fundado em agosto de 2008.

A motivação principal para a realização deste trabalho de investigação baseia-se no facto de que também eu frequentei o ensino articulado de música neste Conservatório e, apesar do meu percurso académico e profissional se desviar daquilo que foi a sua base de aprendizagem – a música –, considero que nunca se deixa totalmente de parte aquilo que aprendemos enquanto músicos, é algo intrínseco. Por isso, continua presente no meu dia a dia um pouco daquilo que aprendi no Conservatório, não só a música, mas também aquilo que é ser artista.

Após ter concluído o ensino articulado de música na Escola Secundária de Santa Comba Dão através do CMAD, em 2012, ingressei na área de Artes Visuais do ensino Secundário na Escola Secundária de Tondela, um concelho vizinho, porque não existia essa opção na Escola Secundária de Santa Comba Dão. Apesar de não ter deixado a música de parte, o meu percurso tomou outro rumo, preferencialmente, direcionado para as artes performativas e indústrias criativas, tendo-me licenciado em Estudos Artísticos, variante em Artes do Espetáculo na FLUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; e, posteriormente, ingressei no Mestrado de Empreendedorismo e Estudos da Cultura, com especialização em Entretenimento e Indústrias Criativas, no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.

Ao longo do meu percurso de formação, continuei a acompanhar os colegas com quem estudei no CMAD – alguns deles com percursos semelhantes e outros com percursos bastante díspares entre si, o que sempre me intrigou e levou a questionar como é que a nossa base de ensino no segundo e terceiro ciclos nos formou, não só a nível académico e profissional, mas também a nível pessoal, enquanto cidadãos.

A relevância da presente investigação baseia-se não só em cenários macro que mostram a importância do setor cultural e artístico (ver capítulo 1, Anexo C), como também em dimensões micro, que privilegio neste trabalho, e que são as histórias e as biografias dos meus entrevistados. Estas mostram a importância da socialização musical, os pais, a escola e os professores. É neste sentido que pretendo descrever, através das palavras dos entrevistados, jovens profissionais saídos do Conservatório, como é que se organizaram as suas trajetórias de formação e inserção profissional, as suas desilusões e os seus sucessos. Procuro, ainda, compreender de que forma os métodos utilizados no ensino articulado de música influenciaram estes alunos, e quais foram os seus benefícios, não só na profissionalização artística dos estudantes, como também no desenrolar da sua trajetória de vida, na música ou fora dela.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

1.1– O ENSINO ARTÍSTICO E O INTERESSE PELA CULTURA

O ensino artístico torna-se cada vez mais referenciado nos métodos de ensino dos dias de hoje, destacando-se o seu potencial transformador dos indivíduos e da nossa sociedade. Apesar de serem ainda poucas as escolas que dão relevância ao ensino vocacional e artístico, exercendo o regime articulado de música nos seus estabelecimentos, neste momento conta-se um total de oito escolas públicas e conservatórios. O Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, em Braga, o Conservatório de Música, no Porto, a Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, o Instituto Gregoriano de Lisboa, o Agrupamento de Escolas de Vialonga, em Vila Franca de Xira, o Conservatório de Música de Coimbra, o Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian e o Agrupamento de Escolas da Bemposta, em Portimão. Existem, ainda, 90 escolas, conservatórios privados, dos quais 36 são conservatórios privados e quatro são conservatórios público-privados.¹ Este número reduzido de escolas deve-se, em parte, à marginalização da área artística musical e das atividades culturais, em geral, em Portugal. Contudo, este cenário está em plena transformação e crescimento, havendo um aumento da valorização da área artística e cultural, como mostrarei a seguir.

Atualmente, estamos a atravessar um período de muitas incertezas devido à pandemia resultante da doença COVID-19, provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2. É um facto que todos os setores da economia estão a ser afetados com esta pandemia, mas o setor artístico é um dos mais lesados. Acredito que podemos ultrapassar este período atípico de uma forma proveitosa. A arte e a cultura fazem parte da história dos povos e, com o confinamento e a limitação do acesso ao mundo exterior, as pessoas tiveram a oportunidade de desenvolver e estimular capacidades intrinsecamente ligadas à arte e à cultura: assistiram a filmes, a séries, leram livros, viram teatro na televisão, assistiram a concertos e espetáculos online, muitas fizeram trabalhos manuais, etc. Apelou-se muito, e ainda se apela, à valorização da cultura e dos artistas neste período de pandemia e

1

Fonte: <http://www.angep.gov.pt/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=562258815914AAAAAAA> consultado a 28/01/2020.

acredito que as pessoas estão mais recetivas a, pelo menos, refletir sobre este tema. A pandemia veio ajudar a valorizar a arte como uma forma de conhecimento.

Recuando alguns anos, e concentrando-nos na Europa dos anos 70 e 80, podemos verificar que, naquela época, existiu um aumento da procura de produtos e espetáculos artísticos por parte dos cidadãos, o que em conjunto com o aumento de subsídios de entidades governamentais, tanto nacionais como europeias, levou à expansão do setor cultural sem fins lucrativos, dos serviços de formação artística e de conservação e exibição do património cultural, levando também ao aumento do emprego na área das artes e da cultura. A definição de arte e cultura, nesse período, foi sendo delineada em paralelo com a evolução e o desenvolvimento das políticas culturais. As artes e a cultura tornaram-se cada vez mais presentes e respeitadas na sociedade, em grande parte devido à criação de apoios públicos para as atividades amadoras, associações, atividades socioculturais, entre outras. O apoio público às comunidades locais criou ligações entre a arte, a cultura, o lazer, a escolaridade e o trabalho social (Menger, 1999: 542-543).

Para realizar uma análise mais atual e detalhada, sobre o aumento da procura e valorização cultural, podemos analisar o documento das Estatísticas da Cultura de 2018, publicado a 16 de dezembro de 2019, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).² O mesmo sustenta que, em 2018, os espetáculos ao vivo contaram com 16,9 milhões de espectadores, mais 9,5% do que em 2017; os museus receberam 19,5 milhões de visitantes, mais 13,5% do que no ano anterior; o cinema teve 14,8 milhões de espectadores, menos 5,3% do que em 2017; o emprego cultural aumentou em 14,3 mil lugares relativamente ao ano anterior e o volume de negócios de empresas do setor cultural e criativo aumentou mais 5,3% do que em 2016, somando um total de 6,3 mil milhões de euros.

Através dos dados supracitados, podemos concluir que as pessoas estão cada vez mais interessadas no setor cultural, criativo e artístico.³ No ano de 2018, houve um total de 31 942, 6 espectadores nas várias modalidades de espetáculos públicos, desde o cinema, dança, folclore, música, recitais, ópera, até ao teatro, e entre outras atividades

² Fonte:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354601381&DESTAQUESmodo=2, consultado a 28/01/2020.

³ Apesar da percentagem de espectadores na indústria do cinema ter diminuído.

artísticas, tendo investido cerca de 469,8 milhões de euros em atividades culturais e criativas, mais 19,7 milhões de euros do que em relação ao ano de 2017. As Câmaras Municipais tiveram um papel importante neste aumento dos públicos.

A mesma fonte indica que 2,7% da população empregada em Portugal, no ano de 2018, exercia funções nas atividades culturais e criativas, o que corresponde a 131,4 mil pessoas, e três quintos tinham como nível de escolaridade o ensino superior completo, sendo o emprego neste setor mais escolarizado do que o emprego do total da economia (ver anexo C).

1.2– A QUESTÃO DE PARTIDA

O Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD) contribui para a formação de jovens músicos, quer estes sigam ou não a via de profissionalização musical. Muitos são os jovens que após terminarem o ensino no Conservatório prosseguem os seus estudos em escolas profissionais e universidades de música, não só em Portugal, como no estrangeiro. Sendo de notar que muitos destes jovens alunos, ao longo do seu percurso no CMAD, foram adquirindo prémios, nacionais e internacionais. De igual modo, também muitos são os alunos que após terminarem o seu percurso no Conservatório não seguem a sua formação na área da música, mas continuam o seu percurso académico na área das artes, como a dança e o teatro, ou na área de produção e nos estudos artísticos. Há ainda uma grande parte dos alunos que segue áreas completamente distintas em relação à música ou ao ensino artístico, como a medicina, a gestão e as engenharias.

Tendo em conta este contexto geral, numa primeira fase da investigação, considereirei como pontos chave de orientação as seguintes questões: qual é a relevância do ensino articulado de música neste contexto territorial?; qual é a relevância do trabalho desenvolvido pelo CMAD na trajetória de carreira dos seus alunos?; como é que o ensino articulado de música pode ajudar na profissionalização dos seus alunos, não só numa carreira musical, como também noutras áreas de profissionalização? Posteriormente, considereirei que a minha questão de partida para esta investigação seria procurar compreender até que ponto o ensino articulado de música é ou não importante para a formação profissional dos alunos? Mostrarei os resultados da análise feita através de entrevistas de carácter biográfico, que apresentarei sob a forma de “retratos sociológicos”, descrevendo as diferentes trajetórias de formação e carreira dos antigos alunos e quais os seus destinos e visão futura.

Na tentativa de elaborar uma pesquisa teórica sobre a temática abordada e, de forma a ajudar no processo desta análise, começo por elencar um conjunto de trabalhos recentes, feitos em Portugal. Mesmo não sendo sobre o ensino articulado de música, estes trabalhos inspiraram a pesquisa que agora apresento. Destaco, o estudo de preparação para mestrado de Rute Lopes (2018), intitulado *Licenciatura em Dança / FMH*, que aborda o ensino artístico especializado e não especializado em Dança em Portugal. Depois, o relatório final de Ana Marto, Ana Paz e Ana Travassos, intitulado *Estudo de Avaliação do ensino artístico* (2007), que discute o ensino artístico especializado, a consolidação entre a educação artística e o ensino artístico e a expansão da oferta de cursos artísticos e de natureza artística; e ainda, a dissertação de Ana Barata (2017), intitulada *Perceção e efeitos no sucesso de carreira: um estudo exploratório numa amostra de trabalhadores na área da gestão de recursos humanos*, que trata os conceitos de sucesso e os fatores explicativos de sucesso de carreira e as suas variáveis. O estudo sobre *Ensino artístico especializado da música*, de Ana Paz (2008); a dissertação *Discursos sobre a “especificidade” do ensino artístico: a sua representação histórica nos séculos XIX e XX* (2002), de Carlos Alberto Gomes que aborda o défice de estudos nesta área.

Por seu turno, a minha investigação procura compreender a importância do Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD), inscrito num território geográfico específico – Santa Comba Dão –, e que desenvolve o ensino articulado na formação profissional dos seus alunos. Em particular, pretendo saber como é que se organizaram as trajetórias de carreira destes alunos. Porque razão é que escolheram seguir a formação no Conservatório? Que oportunidades lhes deu a formação feita nesta escola? O que fazem hoje? Quais foram os principais obstáculos que sentiram quando saíram da escola? Quais foram as principais influências desta escola na sua trajetória de formação? Quer sejam eles músicos ou alunos que não seguiram a sua profissionalização na área artística, procuro perceber a influência da frequência do ensino articulado de música, não só na sua profissionalização e construção de carreira, mas também na sua formação pessoal. Estas são as principais questões às quais procuro responder.

Por fim, tive em conta a escassez de oferta do ensino de música no interior do país, sendo essa uma das principais razões pelas quais decidi elaborar a presente pesquisa, tendo também curiosidade em compreender a organização do mundo musical e artístico, culminando na razão primordial de tentar compreender a importância que teve o ensino articulado de música na trajetória de carreira dos entrevistados. Assim, como objetivo geral da minha investigação, pretendo refletir acerca da carreira e profissão de músico,

tendo como ponto de vista específico a descrição da influência do ensino articulado de música no percurso de formação e profissionalização dos indivíduos.

1.2.1 – AS PROFISSÕES

A partir do ano de 1930, com o trabalho de Carr-Saunders e Wilson (1934), institucionalizou-se a área de especialização e de desenvolvimento de investigação empírica da sociologia das profissões; em Portugal, estas foram analisadas por Maria de Lurdes Rodrigues (2012), no livro onde se encontram as referências ao trabalho daquele autor. Hoje em dia é notável o desenvolvimento de novas profissões e atividades ocupacionais, sendo a sociologia das profissões uma área importante para a compreensão, não só destes novos grupos que se estão a desenvolver, bem como dos conceitos de profissão, profissionalização, projeto profissional e profissionalismo. Os modelos profissionais variam de área para área de ocupação consoante o seu modelo de organização e atuação na sociedade.

No que concerne às profissões do espetáculo, Maria de Lurdes Rodrigues (2012) e Vera Borges (2007) dizem-nos que, no início, estas estavam pouco ligadas a sistemas formais de ensino e muito dependentes do autodidatismo, privilegiavam-se mais as ligações dos indivíduos a estruturas onde se “aprendia fazendo” e as relações de trabalho pareciam depender da capacidade de iniciativa dos indivíduos:

(...) Este grupo integra ocupações com fraca ligação aos sistemas formais de formação, adotando predominantemente o modelo de credenciação pela experiência, combinada com mecanismos de certificação e regulamentos no acesso à profissão através da inscrição nas associações e da atribuição de carteiras profissionais. O paradigma são as profissões do espetáculo e da *cultura* (toureiros, músicos, realizadores de cinema, jornalistas, escritores ou jogadores), mas estende-se a outras profissões manuais ou de serviços pessoais (...). As posições, na relação com outros grupos, são predominantemente de independência ou de subordinação. São maioritárias as situações de emprego privado, tendo ainda em comum estas ocupações o facto de terem frequentemente capacidade de iniciativa na constituição das condições do seu emprego (Rodrigues, 2012: 53).

Rodrigues (2012) menciona igualmente que as profissões, segundo a análise feita pelos primeiros sociólogos Durheim, Weber e Parsons, são uma característica distintiva

das sociedades modernas. De forma a organizar e qualificar o trabalho desenvolvido por um determinado grupo ocupacional desenvolveu-se aquilo a que chamamos de profissões, o que levou a existir uma comparação – como umas e outras se assemelham e se afastam – de situações de trabalho de diferentes áreas, atividades e ocupações. Citando o sociólogo Everett Hughes, Rodrigues diz-nos que este “considera que mais importante do que definir o que é uma profissão é identificar as circunstâncias segundo as quais as ocupações se transformam em profissões” (Rodrigues, 2012: 75). Por seu turno, José Casqueiro Cardim e Rosária Ramos Miranda (2007), citando autores pioneiros como Dubar e Tripier (1998), consideram que já existe uma profissão quando:

Há um conjunto de pessoas que desenvolvem o mesmo ofício (Dubar, Tripier, 1998:11; Rodrigues, 1997; Kovag *et al*, 1994; IEFP, 1994). No entanto, (...) há, também, profissões e ocupações profissionais que não se reduzem, de uma forma literal, a ofícios”. (...) A Classification Internationale Type des Professions (CITP), da responsabilidade do BIT/OIT, entende profissão como o “conjunto de modos operativos, inseridos em organizações e associados a requisitos específicos, nomeadamente a conhecimentos relativos a métodos, técnicas, características de materiais e equipamentos” (Valadares, Fernandes, 1991: 7). O que introduzirá uma dimensão de execução individual/ posto de trabalho, como unidade estatística. A profissão seria, assim, constituída por um conjunto de postos de trabalho com elevado grau de semelhança entre tarefas principais a executar e exigências para o respetivo desempenho (Valadares, Fernandes, 1991: 7, *apud* J. Casqueiro e R. Miranda 2007: 82).

É possível que uma determinada atividade possa ser corretamente executada por um indivíduo sem que este tenha qualquer tipo qualificação escolar, tendo em conta que este deverá ser dotado de uma determinada predisposição e talento para a executar, o que podemos também chamar de vocação. Como é mencionado na obra *Profissão e Vocação – Ensaio sobre grupos profissionais* (Delicado *et al.*, 2010), citando M. Weber, podemos dizer que, numa definição sociológica, vocação é:

Um empenhamento emocional com a atividade que torna o seu exercício uma necessidade pessoal e uma prioridade central (Weber, 1979), ou uma valoração dessa atividade que torna o seu exercício inseparável da vida do indivíduo, um valor em si

mesmo e não apenas um meio para obter retribuição económica (Bellah *et al.*, 1985) (Delicado *et al.*, 2010: 128-129).

Se retrocedermos à época medieval (Cardim e Miranda, 2007), podemos verificar que, já naquela época, a qualificação de um indivíduo era obtida por aquele que demonstrasse previamente uma determinada qualidade na execução de uma atividade:

A noção medieval de ‘trabalhador habilitado’, ou ‘qualificado’, para a realização de um certo trabalho, nos termos de organização de trabalho da época (...) era obtida através da aprendizagem prática e integração na comunidade profissional que lhe reconhecia essa qualidade. Por contraste com estes, os que não possuíam esse reconhecimento eram ‘não qualificados’ (Cardim e Miranda, 2007: 13).

M. Weber fala-nos que não existe forma de estar apto para exercer determinada atividade sem se ter um pouco de vocação e paixão por aquilo que se está a fazer, é assim necessário que quem pratique uma qualquer atividade tenha um sentimento de valorização da mesma para que esta seja exercida com sucesso: “nada tem valor para o homem, enquanto homem, se não o puder fazer com paixão” (Weber, 1979: 114). Mas não chega ao indivíduo ter essa paixão e vocação: “(...) sucede, no entanto, que, por muito grande, autêntica e profunda que seja essa paixão, não é possível forçar com ela o resultado” (Weber, 1979: 114) e com isto o indivíduo precisa também da profissionalização dessa “vocação” para obter sucesso ou, pelo menos, melhores resultados, na sua trajetória artística.

José Casqueiro Cardim e Rosária Ramos Miranda (2007) definem profissão como sendo “o conceito que permite operacionalizar classificações profissionais e estabelecer sistematizações e comparações, o carácter social do profissionalismo”, acrescentando que:

A função das profissões estabelece-se aqui à volta da capacidade possuída pelos profissionais para responderem a necessidades sociais pela constituição de comunidades à volta dos mesmos valores e noção de serviço, pelo reconhecimento social das competências possuídas (Dubar, 1997: 90, *apud* Cardim, Miranda, 2007:77).

Seguindo o paradigma interaccionista, identifica-se a profissão:

Revela essencialmente a noção que o profissionalismo encerra a defesa dos interesses particulares dos grupos profissionais específicos, a construção, por pessoa e pelos grupos, de processos identitários que dependem da dinâmica entre os membros do grupo e o contexto envolvente (Cardim, Miranda, 2007: 77, 78).

O estudo das profissões desenvolveu-se, num plano sociológico, em quatro períodos distintos como mencionam os autores J. Casqueiro Cardim e R. Ramos Miranda (2007) ao aludir a Rodrigues (1997: 4): o primeiro período é “o da definição de campo ou procura de um modelo – de 1934 ao fim da década de 60, (Parsons, Goode, Barber, Moore, funcionalistas, e Hughes, Strauss e Bucher, interacionistas, ou Wilensky e Gross, tentando a síntese entre os dois paradigmas)”; um segundo período é o da “crítica e reabilitação das profissões – na década de 70”; identificam o terceiro período como sendo “o ‘poder das profissões e pluralidade de paradigmas’ – nas décadas de 70 e 80, com diferentes abordagens e interpretações sobre o poder das profissões” e por último, referem o quarto período como “a abordagem sistémica, comparativa e procura de modelos complexos, nomeadamente os desenvolvidos na Europa” (Cardim e Miranda, 2007: 78).

Segundo estes autores, a sociologia americana surge com um conceito convergente, o conceito de “profissionalismo”, sendo este utilizado para “definir o sistema de comportamento de uma parte dos trabalhadores qualificados que possuiriam identidades sociais latentes que agiam sobre as suas relações sociais, a sua influência e o seu estilo de comunicação” (Cardim e Miranda, 2007: 81). José Casqueiro Cardim e Rosária Ramos Miranda (2007) mencionam três dimensões de profissão ou profissionalismo, sendo eles:

Um, na linha tradicional da ‘sociologia das profissões’ só reconhece, ou reconhece essencialmente, as que têm características corporativas e, de forma total ou parcial, ‘reserva de mercado’. Uma outra orientação, mais tradicionalmente orientada para a necessidade operativa de realizar trabalhos técnicos de identificação e caracterização do mundo profissional em toda a sua amplitude, que reconhece as profissões segundo algumas das características antes indicadas, não limitando a sua designação à existência de reserva de mercado do trabalho (formalização, etc.). Uma outra asserção de ‘profissionalismo’ remete para o ‘profissional’ enquanto especialista (*expert*), referindo-se a pessoas que possuem um certo conhecimento utilizável fora do exercício profissional corrente e, normalmente, útil para apoiar a tomada de decisões no quadro das políticas públicas (Coster e Pichault, 1998: 293, cit in Cardim e Miranda, 2007: 84, 85).

Concluindo, para exercer uma determinada profissão nem sempre é necessário ter formação na área em que essa profissão se insere. Existem profissões que estão intrinsecamente ligadas às habilidades práticas de quem as exerce e não exclusivamente a um determinado conhecimento adquirido através da formação. A ocupação profissional que um certo indivíduo desempenha pode, por vezes, não estar ligada a uma formação específica na área de atividade da sua profissão. No caso específico de ocupações artísticas, o autodidatismo foi muito importante. Nem sempre o indivíduo tem uma formação completa na área, contudo tendo uma determinada predisposição e vocação, aliada ao trabalho e determinação, sente-se capaz de exercer a ocupação, tão bem ou melhor, do que aquele que apenas tem uma componente de formação: mas no caso da música isto não se verifica. Mas, hoje em dia, as profissões artísticas estão muito ligadas aos sistemas de formação e às escolas, onde se aprendem técnicas, convenções e onde os professores desempenham um papel cada vez mais importante. E no caso da música mais ainda, uma vez que para desenvolver esta atividade como uma profissão implica que o indivíduo desenvolva um trabalho contínuo de formação, onde os professores são um elemento essencial no percurso e sucesso da sua trajetória de carreira.

1.2.2 – A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO ARTÍSTICA

As profissões do setor artístico são muitas vezes desvalorizadas, sendo comum a pergunta “sim, és músico e que mais?”. Isto aplica-se não só a músicos, como pintores, bailarinos, atores, entre outras profissões que muitas vezes ainda são vistas como um *hobby* e não como uma ocupação a tempo integral da qual possa advir a remuneração que o indivíduo necessita para conseguir viver. A nossa sociedade está formatada para pensar que um artista apenas é bem-sucedido após ganhar alguma notoriedade e reputação (Becker, 2010). Aqui o talento do artista não é tanto considerado como um fator de sucesso, mas sim a sua exposição. Grandes artísticas com um talento notório continuam no anonimato, muitas das vezes porque não surgiram as oportunidades certas de estes mostrarem o seu trabalho. O sucesso de carreira de um profissional do setor artístico pode ser dividido entre dois fatores, o que podemos chamar de pessoal e de social: para um artista a sua carreira pode ser de sucesso, bastando este estar realizado com o seu percurso, contudo, para a sociedade a sua carreira é de sucesso dependendo da sua notoriedade.

No setor artístico não existe uma fórmula perfeita para que se possa garantir o sucesso de carreira de um indivíduo, bem como não existe em nenhuma profissão, sendo mais fácil seguir um determinado caminho para atingir sucesso em profissões de outros setores do que no setor artístico. O facto das profissões artísticas continuarem ao longo dos anos a serem marginalizadas não ajuda no seu progresso e valorização, pelo que é urgente que a sociedade seja reeducada neste sentido e que exista uma maior valorização e reconhecimento deste setor. Desta forma, o sistema educativo desempenha um papel importante na reeducação da nossa sociedade. Atualmente, são várias as disciplinas de arte que fazem parte do currículo escolar do aluno no ensino obrigatório, tais como educação visual, música e, em algumas escolas, até o teatro. Contudo, apesar de se estimular a aprendizagem destas artes aos alunos, no 9.º ano, quando estes devem escolher o seu ramo de especialização é desencorajado o ingresso no curso de Artes Visuais, estimulando o aluno a seguir o curso, por exemplo, de Científicos porque “tem mais saída”. Qual é então o objetivo de incluir no plano curricular dos alunos disciplinas artísticas, quando mais tarde este é desencorajado a ingressar um curso de vertente artística, porque profissões desse ramo “não dão dinheiro”? O facto é que, na nossa sociedade, um médico, advogado, professor é mais reconhecido e valorizado do que um ator, pintor, bailarino.

1.2.3 – A VOCAÇÃO ARTÍSTICA ASSOCIADA AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

Apesar do conceito de carreira ter uma vasta multiplicidade de significados, vamos aqui utilizar o sentido de que “carreira” pode ser algo que se constrói ao longo do tempo em que se exerce uma determinada profissão derivada de uma vocação, quer seja esta proveniente de uma aptidão naturalmente adquirida ou proveniente de competências adquiridas através de uma formação, o que coloca em tensão a vocação e o exercício da profissão.

As profissões de índole artística colocam um desafio à análise sociológica, desafio esse ao qual Freidson (1986) procurou responder:

Freidson foi o primeiro a reconhecer que essas profissões [as profissões artísticas] colocam à sociologia um desafio difícil de resolver (Freidson, 1986) e isso deve-se ao facto de a sociologia das profissões não atender, habitualmente, à dimensão vocacional que determinadas profissões indubitavelmente possuem mais do que outras (Cabral e Borges, 2006: 14).

Também a investigação de Pierre-Michel Menger (1999, 2002, 2005) sobre as organizações, mercados e profissões artísticas têm o propósito de analisar a vocação e a profissão do artista. Existe uma notável tensão entre vocação e o exercício profissional e, expondo a visão de M. Weber, os autores Cabral e Borges dizem-nos que:

Ser bem-sucedido numa carreira científica ou artística implica possuir um conjunto de disposições interiores, uma vocação, que exige disciplina, trabalho no laboratório, pertença a uma comunidade que faz progredir o conhecimento e o reconhecimento pessoal do indivíduo no seu seio (Cabral e Borges, 2006: 13).

Por sua vez, Dubar define profissão “como uma vocação do indivíduo associada ao diploma e à formação académica, às regulamentações, às normas e às representações jurídicas para garantir a manutenção e autorregulação” (Dubar 2005: 194).

Neste sentido, em abril de 1971, aquando do colóquio sobre o projeto do ensino artístico, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, José-Augusto França esclareceu aquilo que, para ele, era considerado ser o ensino artístico, apelando à sua “especificidade”. Existe uma diferença entre o ensino artístico – ensino das artes na escola e integrado no ensino regular e o ensino artístico especializado/vocacional – ensino das artes em escolas artísticas que visam a formação de artistas e profissionais das artes. Desta forma, existe uma divisão conceptual, o ensino artístico “genérico”, para todos os alunos, e o ensino artístico “especializado”, mais voltado para aqueles que pretendem a profissionalização artística (Gomes, 2002). Os alunos que frequentam o ensino artístico “genérico”, que manifestam desde cedo uma certa aptidão e talento pelas artes, estão mais propensos a seguir o ensino vocacional artístico no regime integrado, articulado ou supletivo.

Atualmente, existe um programa denominado PEEA – *Programa de Educação Estética e Artística* em contexto escolar que nasceu da iniciativa da Direção-Geral da Educação, do Ministério da Educação, que pretende desenvolver em contexto escolar uma estratégia integrada a nível nacional, na competência das diferentes formas de artes: artes visuais, dança, música e teatro. Este programa procura, sempre que possível, realizar parcerias com instituições culturais, de forma a que não só as crianças e jovens, mas também as famílias e os professores possam desenvolver o gosto pelas várias formas de arte, criando hábitos culturais e aumentando, desta forma a valorização cultural e o meio

artístico, considerando este como uma forma de conhecimento e de enriquecimento pessoal. Segundo dados do *website* deste projeto, o programa acontece desde 2010 e já envolveu um total de 5635 docentes e 99843 alunos.⁴ Este projeto tem enfoque numa progressiva aprendizagem sobre o universo cultural e artístico, privilegiando o desenvolvimento da criatividade, o sentido estético e o contacto com diferentes universos culturais. Programas como este ajudam a que os alunos possam experienciar o mundo artístico desde cedo, despertando em si, se for o caso, determinada aptidão, vocação ou talento e que, posteriormente, possam aprofundar estas competências.

Programas, como o mencionado anteriormente, e o ensino artístico “genérico” ajudam a identificar uma determinada vocação num indivíduo, podendo levar uma prática artística ocasional à realização de uma vocação artística, “dando depois lugar ao investimento total do indivíduo num projeto. Nas profissões artísticas promove-se sobretudo a transmissão intergeracional dos saberes e do ‘aprende-se fazendo’” (Borges, 2007; Borges e Delicado, 2010: 226). As autoras referem que “as investigações mais recentes ora ligadas à música (Coulangeon 2004), ora ligadas ao teatro (Borges 2009a) sugerem que hoje as escolas sistematizam os saberes artísticos e representam um dos principais lugares de aprendizagem do ‘como se faz’, autorizando, encorajando e desmultiplicando as vocações artísticas” (Borges e Delicado, 2010: 228).

É possível realizar uma analogia com a música através das referências sobre política que Weber mencionada na sua obra *O Político e o Cientista*:

Há duas formas de fazer da política uma profissão. Ou se vive ‘para’ a política ou se vive ‘da’ política. Os opostos não se excluem absolutamente. Pelo contrário, fazem-se geralmente as duas coisas, pelo menos idealmente; e na maioria dos casos, também materialmente. Quem vive ‘para’ a política faz ‘dela a sua vida’ num sentido *íntimo* que possui, ou alimenta o seu equilíbrio e tranquilidade com a consciência de ter dado um *sentido* à sua vida, pondo-a ao serviço de ‘algo’. A diferença entre o viver *para* e o viver *de* situa-se pois a um nível muito mais grosseiro, ao nível económico. (Weber, 1979: 20, 21).

Partindo do pressuposto que quem ingressa no ensino articulado de música já tem uma determinada vocação e paixão pelo o mundo artístico e musical, o que é que faz esses

⁴ Fonte: <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/peea.html>, consultado a 08/02/2020.

indivíduos, viverem *para* ou *de* essa área? Talvez a vocação e a noção de trabalho vocacional, faça aqui a diferença. Como nos diz Freidson (1986):

O que é central na noção de trabalho ‘vocacional’ é a ideia de que a sua execução não obedece ao desejo ou à necessidade de ganho material. Podemos ver um parentesco entre essa ideia e as concepções de psicólogos do trabalho que tentam distinguir características ‘intrínsecas’ e ‘extrínsecas’ de tarefas capazes de atender à necessidade de ‘realização pessoal’ no trabalho. Em geral, parece-me que a definição desse conceito deve enfatizar a disposição para realizar uma atividade produtiva por razões não económicas - disposição para atender às necessidades dos outros, contribuir para a formação de capital científico ou outro, disposto a exercer a atividade por si próprio, por paixão e não por interesse material (Freidson, 1986:441)⁵.

Freidson (1986) considera que é difícil atribuir o *status* de artista a um indivíduo ou definir os limites da definição da profissão artística, sobretudo, em países onde:

Existem poucas instituições nacionais concentrando autoridade cultural e poder económico em questões artísticas, e onde a organização artística segue o modelo de mercado livre. A própria existência de um mercado livre amplamente penetrado pelas relações de mercado introduz tanta fluidez nas carreiras e nas condições de trabalho que os critérios oficiais que permitem definir profissões distintas e contar seus membros obviamente se tornam arbitrários, incompletos e dificilmente justificáveis (Freidson, 1986:432).⁶

O mesmo autor menciona que, ao analisarmos as nossas noções comuns de “profissão” e “trabalho”, para definirmos uma profissão artística, essa démarche

Obriga-nos a levar em consideração a existência de uma atividade produtiva socialmente objetiva, que não pode de modo algum ser descrita como ‘lazer’ (e não como ‘trabalho’), mas que está fora da categoria habitual de trabalho remunerado, uma atividade que é realizada segundo o modelo de compromisso e identificação, sem constituir a principal fonte de rendimento. Em suma, as artes fornecem um

⁵ Tradução livre.

⁶ Tradução livre.

exemplo de um atividade produtiva real, mas teoricamente confusa, que está fora do âmbito das estatísticas oficiais habituais (Freidson, 1986:432).⁷

1.2.4 – O CONCEITO DE CARREIRA, O SUCESSO E A IMPORTÂNCIA DAS MOTIVAÇÕES INTRÍNSECAS

Até à década de 1970 existia um modelo tradicional de carreira que se definia pela estabilidade no trabalho, divisão sexual e progressão linear vertical. Com a necessidade de mudança das organizações, o crescente número de mulheres no mercado de trabalho, a globalização, a cosmopolização social, a preocupação com os direitos do trabalhador, o aumento do grau de educação escolar e a preocupação com o meio ambiente, levou a que houvesse uma transformação nos modelos de carreira, surgindo o modelo moderno de carreira onde as mulheres iniciam as suas carreiras e diversos grupos sociais emergem em diferentes tipos de trabalho. As carreiras também se tornaram menos estáveis e lineares (Chanlat, 1995; Tolfo, 2002).

Se outrora as trajetórias de carreira se caracterizavam pela predominância do sexo masculino no trabalho, uma progressão linear vertical de carreira e a estabilidade no emprego estava diretamente interligada ao sucesso e enriquecimento do mesmo, a abordagem do modelo moderno de carreira, devido às mudanças socioeconómicas, traz instabilidade e imprevisibilidade. São características deste novo modelo o crescimento do número de empregadores do sexo feminino nas organizações, a afirmação dos direitos humanos, o aumento dos níveis de escolaridade necessários para exercer determinada função e a progressão de carreira que se tornou cada vez mais horizontal em vez de vertical. Deixou de existir um vínculo duradouro com uma determinada organização a fim de garantir uma estabilidade financeira e de carreira. Os indivíduos passaram, assim, a gerir a sua própria carreira, consolidando os seus interesses com as oportunidades do mercado de trabalho, sendo este novo modelo benéfico para o indivíduo e para a organização, não sendo descurados os interesses do indivíduo em prol da organização.

Segundo Chanlat (1995), devido às novas transformações no mundo do trabalho, passaram a existir quatro tipos de carreira que estabelecem uma relação entre o modelo tradicional e o modelo moderno de carreira: a carreira burocrática, a carreira profissional, a carreira empreendedora e a carreira sociopolítica. A carreira burocrática caracteriza-se por posições hierárquicas, níveis de autoridade, estatuto social, antiguidade na

⁷ Tradução livre.

organização e impessoalidade das relações; a carreira profissional caracteriza-se por saber e reputação, ou seja, quanto maior for o grau de especialização do indivíduo maior será a sua reputação e profissionalização; a carreira empreendedora caracteriza-se pela criação e inovação que, por conseguinte, gera mais incerteza por ser uma carreira de inovação individual; e a carreira sociopolítica caracterizada pelas habilidades sociais e relações, relações essas como as familiares e comunitárias que uma determinada pessoa possui.

Dada esta mudança nos modelos de carreira, que estão constantemente em transformação, é necessário que os indivíduos se adaptem às mudanças laborais a que estão frequentemente expostos. Desta forma, no contexto contemporâneo, podemos ainda considerar a carreira de músico como uma carreira *outsider*, representando uma carreira que, mais no passado do que nos dias de hoje, fugia aos padrões considerados comuns na sociedade, tendo características não convencionais como horários irregulares, ausência de um local fixo de trabalho, entre outras características (Becker, 2008). Becker diz-nos que “todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias impô-las. As regras sociais definem situações e tipos de comportamento a ela apropriadas, especificando algumas ações como ‘certas’ e proibindo outras como ‘erradas’” (Becker, 2008: 15). Desta forma, o termo *outsider* é utilizado por Becker “para designar aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo” (Becker, 2008: 27). Tendo em conta que a percentagem de alunos que frequentam o ensino articulado de música é tão reduzida, poderei dizer que esta é uma forma de ensino *outsider* e, conseqüentemente, quem segue a carreira de músico formula uma trajetória de carreira desviante daquilo que é o percurso considerado comum pela maioria daqueles que não possuem uma carreira artística ou não têm contacto direto com esta realidade.

O conceito de carreira pode ser bastante divergente e contraditório, suscitando algum debate, bem como o que se considera ser o sucesso e o insucesso da mesma. A noção de trajetória de carreira está intrinsecamente ligada à noção de tempo, tendo em conta que normalmente o termo carreira está associado à execução de um determinado trabalho por um determinado período de tempo, podendo vir a evoluir havendo uma progressão na carreira. Segundo Enriquez (1999), a carreira de um indivíduo está intrinsecamente ligada ao seu trabalho e desde os primórdios da humanidade que o trabalho se encontra presente na sociedade fazendo parte da evolução humana. Desde a antiguidade clássica que a sociedade se estrutura segundo o tipo de trabalho e, conseqüentemente, a profissão de cada indivíduo, sendo o trabalho um diferenciador da classe social onde se insere.

Por sua vez, S. J. Adamson, N. Doherty e C. Viney no seu artigo *The meanings of career revisited: implications for theory and practice* (1998) explicam o conceito tradicional de carreira:

Quando as pessoas falam em linguagem cotidiana de ter uma carreira, geralmente assume-se que estão a referir-se à sua carreira profissional; ou seja, uma referência ao que fazem na vida, para quem trabalham, ou ao que detalham no seu curriculum vitae. Assim, simples definições de carreira incluem: ‘a sequência de posições relacionadas ao trabalho ocupadas ao longo da vida de uma pessoa’ (Londres e Stumpf, 1982: 4) ou ‘a sequência evolutiva das experiências de trabalho de uma pessoa ao longo do tempo’ (Arthur, Hall e Lawrence, 1989: 8) (Adamson *et al.*, 1998: 252).⁸

Segundo estes autores, no interior de uma organização, carreira pode significar, tanto a nível conceptual como prático, uma sequência lógica de postos de trabalho, ajudando na gestão da organização, potencializando o valor, conhecimento e habilidades dos seus empregadores, desenvolvendo a sua vocação dentro da organização, de forma a que este evolua na pirâmide hierárquica, melhorando, não só o seu *status* dentro da organização, bem como a própria organização. Esta é uma visão que analisa a carreira como uma “sequência lógica de posições de trabalho” (Adamson *et al.*, 1998: 252).⁹

O indivíduo, ao evoluir na pirâmide hierárquica, aumenta o seu *status* e as suas tarefas modificam-se, tornando-se mais influente sobre aqueles que o observam e que se encontram numa posição hierárquica inferior. Goffman (1993) diz-nos que “quanto mais elevada é a posição de um indivíduo na pirâmide, menor o número de pessoas que lhe são familiares, mais reduzido o tempo que passa nos bastidores, mais provável é que seja obrigado a mostrar-se cortês e delicado” (Goffman, 1993: 159). Podemos assim verificar que na progressão de uma profissão, dificilmente as relações quotidianas do indivíduo não se modificam conforme a alteração do desempenho do mesmo. Se analisarmos o conceito de desempenho, este termo:

Designa qualquer atividade de um indivíduo que se verifique durante um período marcado pela sua presença contínua perante um conjunto determinado de

⁸ Tradução livre.

⁹ O que permite às organizações gerir os seus recursos humanos de forma a satisfazer as necessidades organizacionais.

observadores e com alguma influência sobre estes. Será conveniente rotular como ‘fachada’ essa parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de maneira genérica e fixa a fim de definir a situação para os que observam o desempenho. A fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado, empregue intencional ou inconscientemente pelo indivíduo durante o seu desempenho (Goffman, 1993: 34).

Para o indivíduo, a sua carreira pode tanto significar algo simbólico, como estar a exercer algo que sempre quis, como apenas exercer uma profissão que atenda às suas necessidades económicas ou ainda definir em que classe social se insere. No artigo *The meanings of career revisited: implications for theory and practice* (1998), S. J. Adamson, N. Doherty e C. Viney (1998) referem que “uma vez que podemos conceber o trabalho como uma atividade essencialmente social, ‘ter uma carreira’ implica muito mais do que, por exemplo, uma troca de trabalho por retorno financeiro” (Adamson *et al* 1998: 252-253).¹⁰

É necessário reformular o conceito tradicional de carreira e adaptá-lo às mudanças desta nova era onde todos os dias emergem novas atividades e, por conseguinte, carreiras modernistas e cada vez mais individualistas. A trajetória de uma carreira não está vinculada ao conceito de carreira que implicava uma relação entre uma organização e um indivíduo ao longo do tempo, numa determinada sequência lógica de progressão e de natureza hierárquica, como já foi mencionado anteriormente.

Existem inúmeros fatores que influenciam a trajetória individual de carreira de um indivíduo, não só o contexto social em que este se insere como a nova era digital em que vivemos, mas também devido às várias mudanças organizacionais que trouxeram a necessidade de uma definição de carreira mais ampla, reconhecendo que existe, não só uma gestão organizacional das carreiras, mas também um percurso individual de carreira que é importante conhecer e analisar. Um determinado indivíduo pode ter diferentes experiências de trabalho em áreas distintas, não havendo uma ligação lógica entre as mesmas, conseguindo adquirir formação e conhecimento com maior facilidade e rapidez.

Nesta era onde a informação está disponível de forma mais simplificada e acessível, qualquer pessoa pode adquirir competências e ensinamentos através da vontade de saber mais e de evoluir em determinado tema ou área. Ao ser autodidata, o indivíduo torna-se aos poucos mais conhecedor e apto, aumentando o seu valor enquanto profissional. As

¹⁰ Tradução livre.

novas tecnologias, como a *internet*, vieram facilitar o acesso à informação e, por consequência, ao conhecimento, podendo o indivíduo tornar-se um recurso valioso para a ele mesmo e, conseqüentemente, para o empregador, conseguindo moldar o seu percurso individual de gestão da sua carreira. De acordo com os autores S. J. Adamson, N. Doherty e C. Viney, (1998),

(...) Primeiro, a carreira como vocação, centrada na correspondência entre personalidade e ocupação, de forma mutuamente benéfica para o indivíduo e a organização (Holland, 1985); segundo, como veículo de autorrealização e crescimento individual (Shepard, 1984); e terceiro, a carreira foi concebida como uma componente da estrutura da vida individual (Levinson, 1984). (Adamson *et al* 1998: 253-254).¹¹

Estas três formas continuam presentes no contexto atual, apesar de se terem tornado mais flexíveis, de forma a se adaptarem à versatilidade das carreiras e das estruturas. Segundo os autores, a mudança do modo de vida contemporâneo ilustra três mudanças fundamentais na filosofia da carreira organizacional:

(i) A relação empregador-empregado não é agora concebida como de longo prazo e, portanto, a orientação futura das carreiras agora parece menos apropriada; (ii) embora a progressão na carreira ainda possa, de facto, significar uma mudança entre posições ao longo do tempo, já não significa necessariamente um movimento hierárquico - a progressão na carreira assumiu um significado completamente diferente; e (iii) tanto do ponto de vista organizacional como individual, já não é tão evidente como uma carreira lógica, ordenada e sequencial pode realmente evoluir. (Adamson *et al* 1998: 255).¹²

Pode então dizer-se que na carreira de um músico, como de outros artistas e profissionais das artes e da cultura, ou outros profissionais em geral, não existe necessariamente um vínculo de longo prazo com uma determinada organização, mas sim uma transação benéfica entre empregador e empregado, de forma a atender às necessidades tanto organizacionais como individuais. Assim sendo, a trajetória de carreira de um indivíduo pode ser considerada de “sucesso” não por subir numa pirâmide

¹¹ Tradução livre.

¹² Tradução livre.

hierárquica de determinada organização, mas sim por desenvolver a sua vocação explorando ao máximo as suas capacidades, habilidades e atributos de acordo com as mudanças das necessidades do mercado de trabalho.

Concluindo, a trajetória de carreira profissional dos indivíduos não é feita apenas pela organização onde o indivíduo exerce o seu trabalho, mas também pelo percurso que este realiza: o percurso de formação, o percurso profissional e o percurso pessoal. É difícil definir aquilo que é o sucesso profissional tendo em conta que, para cada pessoa, o seu sucesso e o seu percurso profissional variam conforme a sua vocação, vontade, objetivos, metas, recursos pessoais, familiares, sociais, económicos e institucionais. O sucesso tanto pode ser analisado utilizando as etapas da vida profissional como até mesmo as etapas de concretização profissional e pessoal do indivíduo. P. M. Menger (1999: 541-574) fala da importância da realização intrínseca e Ana Barata (2017), na sua investigação *Perceção e efeitos no sucesso de carreira*, cita o sociólogo Judge T. A. (*An empirical investigation of the predictors of executive career success*, 1995), dizendo que:

(...) O sucesso de carreira pode ser determinado pelas execuções entendidas ou reais que o indivíduo vive através das suas experiências de trabalho. Assim, assume que só é tido em conta uma dimensão, a realização do indivíduo. No entanto, existem diversos pesquisadores que avaliam o sucesso de carreira por componentes extrínsecos e intrínsecos. O componente extrínseco do sucesso é analogamente observável, objetivo e com resultados tangíveis, tais como a remuneração, status e posições de ascendência (Jaskolka, Beyer & Trice, 1985), enquanto o componente intrínseco do sucesso é assente por uma avaliação subjetiva do indivíduo em relação ao seu sucesso em termos de emprego, carreira e satisfação com a vida (Gattiker & Larwood, 1986; Judge *et al.*, 1995 cit. in Barata, 2017: 11).

O trabalho criativo nem sempre está ligado a boas condições de trabalho, sendo que o indivíduo pode até acumular mais que um trabalho para poder ter um nível de rendimento mínimo capaz de cobrir as suas necessidades, pelo que poderíamos pressupor que estes não têm uma carreira de sucesso, contudo se for uma profissão cujo o indivíduo sinta satisfação e gratificação, isso ajudará a que se mantenha na profissão com muito esforço e sacrifício. A disparidade das remunerações entre os vários setores da cultura é notável, sendo de notar a baixa remuneração dos músicos e artistas mais desconhecidos. A remuneração de um indivíduo cuja profissão está relacionada com o setor cultural e

artístico nem sempre corresponde ao seu nível de formação, sendo que o talento está intrinsecamente ligado ao sucesso da sua carreira e à sua reputação:

Entendida como um fenômeno cumulativo: por exemplo, a atribuição de um prêmio ‘chama’ mais trabalhos para um artista, mais encomendas para um ateliê, mais reconhecimento e notoriedade para um indivíduo, empresa ou equipa, e cria mais distância entre os diferentes patamares na hierarquia dos talentos. (...) Com efeito, a reputação resulta de um processo comparativo e seletivo (Borges e Costa, 2012: 25, aludindo às conclusões de Menger, 1999).

Contudo, o talento de um artista pode ser definido como “o ingrediente de qualidade atribuído ao artista individual por comparações que não podem ser apoiadas por quaisquer pontos de referência externos absolutos” e critérios de avaliação objetivos (Borges *et al*, 2012: 55).¹³

1.2.5 – O PERCURSO DE CARREIRA DE UM MÚSICO

O percurso de carreira de um músico distingue-se, logo à partida, pelo despertar desde cedo de uma determinada aptidão que pode vir a ser desenvolvida e trabalhada de forma a que esta se torne uma profissão. Izabela Wagner na sua obra *Producing Excellence: The Making of Virtuosos* define a carreira de músico como: “o curso de vida dos estudantes desde muito novos. A carreira enquanto adulto é vista simplesmente como o prolongamento da carreira de estudante” (Wagner, 2015: 4). Para que a carreira de um músico se torne uma carreira de sucesso é necessário que as várias etapas ao longo da sua formação sejam ponderadas e sejam tomadas as decisões certas, o que nem sempre é fácil uma vez que este percurso começa numa idade muito jovem, sendo frequente, nos períodos de maior instabilidade, como a adolescência, onde surgirem dúvidas e períodos de maior insatisfação. É neste período que, normalmente, “os estudantes mudam de professor, tocam menos concertos, ficam menos satisfeitos com as suas atuações, e expressam dúvidas sobre o seu percurso profissional como solistas” (Wagner, 2015: 8).¹⁴ Nesta altura é importante a influência dos elementos integrantes da escola onde este aluno estuda, em especial o seu professor. O professor torna-se assim um ponto fulcral na

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Tradução livre

carreira do aluno, sendo que este influencia as tomadas de decisão do aluno e é um modelo a seguir. A escolha do primeiro professor, geralmente, recai sobre o professor que dá as aulas, a disponibilidade desse professor e também o custo das aulas. Ao longo do percurso de formação é frequente que o aluno troque de professor, procurando outra metodologia de ensino, um professor que considere mais adequado e que se encaixe nos seus objetivos. Desta forma, é importante salientar que a escolha da escola, o nome da escola, não se torna um fator de escolha para estes alunos, mas sim o professor que leciona nessa escola (Wagner, 2015: 22).

O poder socioeconómico da família de um músico é também determinante para que este consiga ter uma formação de qualidade e, conseqüentemente, uma carreira de sucesso. É frequente neste meio que as crianças sejam caracterizadas como talentosas, sendo:

O rótulo ‘talentoso’ crucial para os estudantes solistas porque, tal como as categorias desviantes analisadas por Howard Becker (1963), uma condição principal de aptidão para a categoria solista-estudante é a rotulagem. A diferença entre ambos os tipos de rotulagem é que o ‘desviante’ Breckeriano é um rótulo negativo, enquanto ‘criança talentosa’ é um rótulo positivo (Wagner, 2015: 34-35).

Desta forma, quem rotulou este jovem como talentoso tem um papel importante de apoio, geralmente sendo os professores, estes preparam o aluno para que este seja capaz de seguir uma trajetória de sucesso na música, preparando-o para um nível de exigência elevado, de forma a que a sua performance seja exímia.

É também frequente a participação em vários concursos ao longo da formação de jovens músicos, como menciona I. Wagner: "os concursos representam uma ferramenta para comparar o desempenho do solista com o de outros, e uma oportunidade para estabelecer prazos para a preparação do repertório" (Wagner, 2015: 66).¹⁵ Estes concursos são não só importantes para manter o foco e interesse do aluno, como também uma oportunidade de este lidar com a pressão da avaliação e de ser levado ao limite, o que faz com que mais tarde, numa prova de acesso a uma nova escola, academia ou a um lugar em orquestra, esteja mais bem preparado.

¹⁵ Tradução livre.

Os alunos ao longo do seu percurso e da sua evolução enquanto músicos procuram encontrar sempre novos professores que lhes confirmem mais notoriedade e que lhes tragam novos desafios, pelo que é frequente que os alunos mudem de cidade e até mesmo de país apenas para poderem ter a oportunidade de estudar com determinado professor. Contudo, não é apenas o aluno que beneficia do nome e trabalho do professor, esta é uma situação em que ambos os lados beneficiam, uma vez que a reputação dos professores se deve também à reputação dos seus alunos. Posto isto, I. Wagner diz que “os jovens artistas constroem a reputação dos seus professores e a sua própria reputação, formando as bases das suas carreiras de estudantes solistas. Os concursos servem como uma oportunidade para os jovens solistas tomarem o seu lugar no Mundo solista” (Wagner, 2015: 70/71).¹⁶

A carreira de músico é um percurso bastante individualista onde a insatisfação está presente a cada etapa. O músico procura sempre mais, tocar mais, tocar melhor. Não existe uma progressão de carreira linear, o músico decide aquilo que pretende fazer, como ser solista, tocar em orquestra, música de câmara, ser professor e, a partir desse momento, terá de prestar provas sempre que queira mudar a condição que adquiriu anteriormente. Por exemplo, um determinado músico tem um lugar cativo numa orquestra, este lugar é vitalício, porém caso este queira trocar de orquestra terá de prestar provas e poderá não entrar, o que faz com que a carreira de músico seja uma eterna aprendizagem. Muitas vezes o que há vista de terceiros poderá ser uma carreira de sucesso, para o músico, não passa de um acumular de insucessos quando comparada com a carreira de outro músico melhor, este insucesso comparativo é um dos aspetos particulares da educação artística (Wagner, 2015: 189).

1.3 – DESENHO METODOLÓGICO

1.3.1 – MÉTODO DE PESQUISA

Através do estudo das biografias de dez antigos alunos, vou mostrar as ligações dos entrevistados ao mundo da música e ao mundo artístico, atualmente, independentemente da sua trajetória de estudo e profissional. Depois, na parte da Discussão, vou tornar comparáveis os vários percursos de formação e profissionais dos entrevistados e descrever o grau de contentamento dos mesmos, se estes se sentem realizados e se consideram que estão a construir um percurso de sucesso. Ao longo da discussão dos

¹⁶ Tradução livre.

resultados das entrevistas é possível analisar e descrever a importância do ensino articulado de música. Considero pertinente analisar cada percurso e fazer a comparação dos percursos para compreender o “sucesso” segundo a percepção dos entrevistados, expondo, posteriormente, as principais conclusões desta investigação.

No meu plano de investigação, a escola é analisada como o principal contexto de formação musical dos dez antigos alunos. Foi utilizado um guião de entrevista de cariz biográfico para a recolha do material que vou analisar; e a sua apresentação segue o formato de “retratos sociológicos”, inspirados nos trabalhos de Bernard Lahire (2004), Vera Borges (2008) e João Miguel Teixeira Lopes (2012). Para tal, entrevistei os alunos, seguindo as dimensões que considerei fundamentais: a dimensão pessoal da trajetória de carreira; a entrada na escola; depois da escola até aos dias de hoje, as formas de entrada no mundo da música depois da frequência do Conservatório; o percurso de formação e a importância que teve o ensino articulado de música na trajetória de carreira dos entrevistados (ver anexo A, onde se encontra a estrutura principal das entrevistas).

Realizei as entrevistas a antigos alunos que se mantiveram na área da música, a alunos que estão hoje em outras atividades artísticas e, por fim, a antigos alunos que estão em áreas que em nada têm a ver com a música ou os estudos artísticos. As entrevistas tiveram a duração média de uma hora e meia e todos os entrevistados deram autorização para que o seu nome fosse citado no âmbito desta tese. O método de pesquisa que utilizei consiste numa recolha aprofundada da informação, tendo em conta que se pretende preencher um vazio, uma vez que não existem estudos feitos sobre esta escola junto dos seus alunos que entraram no mercado de trabalho. A pesquisa procura colmatar essa lacuna e descrever a importância do ensino articulado de música, lecionado pelo CMAD.¹⁷ Em particular, das dez entrevistas que realizei, quatro foram feitas a antigos alunos que, atualmente, são músicos, dois que estão no meio artístico e criativo e quatro que escolheram áreas completamente díspares. Dos entrevistados, quatro são homens e seis são mulheres, oriundos na sua totalidade da região de Dão-Lafões.

Para analisar as entrevistas, utilizei uma grelha de análise (ver anexo D), as notas escritas num diário de campo e os registos de áudio e vídeo, que me permitiram recordar os contextos e os momentos da pesquisa, durante a escrita da tese. Para fazer o diário de

¹⁷ O ensino articulado de música é lecionado apenas do 5.º ao 9.º ano. Os alunos após terminarem o 9.º ano têm a opção de seguir o regime complementar de música até ao 12.º ano. Atualmente já existe o curso profissional de música no ensino Secundário lecionado pelo CMAD.

campo, utilizei a seguinte metodologia: foram registradas notas breves, de forma a evitar esquecer situações importantes e, de forma a enumerá-las; fiz apontamentos como listas, utilizei expressões, citações e palavras-chave e, por último, fiz a organização do diário de campo a partir das notas anteriores, sistematizadas por temas e/ou ordem cronológica.

Através destas entrevistas de cariz biográfico é possível ouvir uma conversa guiada, mas flexível com questões orientadoras, dando a oportunidade ao entrevistado de organizar o seu discurso e experimentar a conversa seguindo a sua própria experiência e o que considera mais importante ressaltar na sua biografia. A par das entrevistas foram utilizados resumos, transcrições mais importantes, notas de campo, emoções pessoais do entrevistado e ideias que surgiram no desenrolar das conversas e que procuro mostrar na segunda parte da tese.

1.3.2 – ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS E OS “RETRATOS SOCIOLOGICOS”

Como mencionado anteriormente, foram feitas entrevistas biográficas a antigos alunos do CMAD com o objetivo de explorar o seu percurso, quer pessoal, quer académico e profissional desde a entrada no ensino articulado de música lecionado pelo CMAD, até a atualidade. Existem vários fatores que influenciam as trajetórias dos indivíduos, como a sua permanência ou a mudança do local de residência, o contexto social em que se inserem, a predisposição à mudança e ao incerto, os recursos económicos e sociais das famílias, os contactos que têm. Tornou-se interessante analisar os resultados das entrevistas descrevendo a trajetória dos entrevistados segundo o contexto social (origens sociais e familiares, residência, sociabilidades e redes) e o contexto escolar e profissional (trajetória no ensino, escolhas profissionais), que se pode consultar no Anexo D.

Identifiquei, numa primeira fase de reflexão, vários pontos chave de pesquisa, analisando a trajetória objetiva e subjetiva dos entrevistados de forma a compreender as identidades sociais dos mesmos. Através do estudo das suas biografias foi possível estudar as ligações dos entrevistados ao mundo da música e artístico. Devido às diversas trajetórias sociais que cada indivíduo pode seguir é importante analisar que tipos de acesso teve cada um deles a diferentes experiências sociais. Através de entrevistas biográficas foi possível analisar as trajetórias dos entrevistados e como cada um experienciou essas diferentes experiências sociais. Apesar de todos os entrevistados terem frequentado o ensino articulado de música nem todos prosseguiram os seus estudos na mesma área de formação, a sua individualidade fez com que existissem variações no

percurso de cada entrevistado que, apesar de em certo ponto da sua vida serem integrantes do mesmo projeto, na escola, a sua trajetória varia conforme as suas experiências individuais, moldando desta forma o seu percurso. Existem, então, duas distinções que são necessárias fazer, a distinção entre competência e disposição que é “bastante elementar na medida em que saber fazer e estar disposto a fazer nem sempre se traduzem um no outro” (Júnior e Massi: 2015, 564) e a distinção entre disposições e apetências que é, por sua vez “mais produtiva na medida em que permite investigar as relações que os indivíduos estabelecem com as suas próprias ações e disposições” (Júnior e Massi: 2015, 564). Desta forma, conseguimos analisar de que maneira os entrevistados encararam a frequência do ensino articulado de música e quais as apetências favoráveis ao ensino da música, sendo que uns tiveram contacto com a música mais precocemente do que outros.

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa não define à partida quais serão os elementos estudados ao longo da investigação sendo as questões formuladas de forma a que as respostas às mesmas sejam amplas e fluídas, definindo o percurso das entrevistas à medida que estas se desenrolam. Desta forma, a entrevista semiestruturada permitiu-me manter a autonomia dos entrevistados, apesar de haver um guião a ter em conta e que me é familiar, pois também estudei música no CMAD, o que se revelou positivo na fase das entrevistas, pois,

Quando se fala de música, discutem-se principalmente aspetos técnicos: as estruturas harmônicas, por exemplo, ou as variações rítmicas. Não se pode falar dessas questões sem utilizar a linguagem das notas e dos sinais cujo sentido é dado por um sistema de significações completamente arbitrário, mas bem conhecido pelos músicos que o utilizam e se servem dele para organizar as suas apresentações públicas. É necessário que o sociólogo que faz uma pesquisa sobre a música aprenda esse sistema exatamente como faria um aprendiz. Senão ele não pode comunicar-se com as pessoas com as quais pesquisa e não pode compreender as ações que ele vê. Pois nesse mundo a linguagem técnica é o instrumento da comunicação (Becker, 2013: 134).

A minha formação foi ajudando na aproximação aos jovens entrevistados, havendo uma empatia sobre os temas abordados, não descurando o distanciamento necessário para o sucesso da minha investigação. Foi possível, por isso, recolher descrições detalhadas, incorporando várias perspetivas de forma a descrever os processos e desenvolvendo uma perspetiva abrangente de modo a conhecer como os acontecimentos são compreendidos

pelos outros, ligando intersubjetividades e identificando variáveis para a pesquisa. Desta forma, através dos “retratos sociológicos”, foi possível “‘puxar’ pelos diferentes fios que produzem socialmente os sujeitos, através das socializações múltiplas à escala individual” (Lopes *et al.*, 2018).

Assim, verifiquei como a entrevista biográfica é importante quando queremos analisar dados à escala individual, passando de uma narrativa biográfica do entrevistado para uma narrativa da história de vida do entrevistado e, para isso, é necessário analisar “os inúmeros aspetos de vida passada ou presente do entrevistado que não entram no campo de consciência e de interesse deste” (Lahire, 2004: 314). Para João Teixeira Lopes (2012) “os retratos sociológicos são tanto uma técnica quanto uma metodologia, ou seja, uma abordagem metodológica que integra um dispositivo técnico baseado em uma teoria da prática alicerçada na génese plural e contextual das disposições” (Júnior e Massi: 2015, 566). Teixeira Lopes (2012) menciona ainda que para criar respostas a problemas de pesquisa específicos é necessário repartir a elaboração do “retrato sociológico” em seis fases distintas, que tive em conta na minha pesquisa:

1. – Elaboração do roteiro de entrevista biográfica;
2. – Realização de 2/3 sessões de entrevista;
3. – Transcrição da entrevista: transcrevi as dez entrevistas na sua totalidade, mas, em geral, pareceu-me mais pertinente e produtivo colocar os excertos longos no miolo da tese e, por isso, optei por não colocar as entrevistas em anexo;
4. – Edição das entrevistas;
5. – Construção do retrato, inserindo uma vertente interpretativa ainda superficial;
6. – Produção de um título que destaque o fio condutor interpretativo do relato, um resumo do percurso e, por fim, um corpo de texto detalhado.

Após a realização destas etapas de trabalho, é possível analisar o “retrato sociológico”: através do título e do resumo que nos proporcionam uma leitura rápida e, depois, através do corpo principal que proporciona uma leitura mais demorada. Este foi o método que utilizei para a realização dos “retratos sociológicos”, que apresento no capítulo 3 desta tese.

1.4 – OS ENTREVISTADOS: BREVE APRESENTAÇÃO

Entrevistei Igor Varela (23 anos), licenciado em Instrumentista de Orquestra – Especialização em Clarinete na Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO), que atualmente frequenta o mestrado em Concerto e Interpretação de Clarinete na Haute École de Musique de Genève, na Suíça; Leonardo Coelho (22 anos), flautista, licenciado em Música na Universidade de Aveiro e que frequenta o mestrado em Ensino da música na mesma instituição; Sónia Pais (22 anos), flautista, que frequenta a licenciatura em Música na Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlim, na Alemanha e José Pedro Morais (23 anos), percussionista, que terminou os seus estudos em música na Escola Profissional de Música de Espinho e que atualmente faz parte da Banda Sinfónica de Música do Exército Português. Na área das artes entrevistei Mariana Rebelo (23 anos), atriz que frequentou o curso de Atores na Escola Superior de Teatro e Cinema (IPL) e Inês Matos (20 anos) que frequenta a licenciatura em Estudos Artísticos com variante em Artes do Espetáculo na FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Os ex-alunos que seguiram trajetórias de carreira completamente distintas da área da música que entrevistei foram: Maria Miguel Jesus (23 anos), licenciada em Finanças Empresariais no ISCAL - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa e que atualmente frequenta o mestrado em Ciências Empresariais no ISEG – Lisbon School of Economics & Management; Mariana Bandeira (22 anos), licenciada em Gestão na Nova SBE – Nova School of Business & Economics, que concluiu o mestrado em Gestão na mesma instituição e trabalha atualmente na sua área de formação; Ana Rita Rodrigues (23 anos), licenciada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e que, atualmente, frequenta o mestrado em Gestão no Iscte – Business School; Luís Carlos Pinto (23 anos), licenciado em Engenharia Industrial no IST – Instituto Superior Técnico e que, atualmente, se encontra a frequentar o mestrado na mesma instituição em Engenharia Industrial (ver Anexo B).

CAPÍTULO 2 – O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA E ARTES DO DÃO

2.1 – O TERRITÓRIO

Em agosto de 2008, o CMAD iniciou a sua atividade como sendo uma escola privada do Ensino Artístico Especializado de Música. Esta escola surgiu para combater as necessidades e objetivos de formação de instituições e coletividades existentes na região e também para dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas Atividades de Enriquecimento Curricular de Música, nas escolas da região, instruído pela Edições Convite à Música (ECM) em colaboração com as Câmaras Municipais de Santa Comba Dão, Carregal do Sal e Tábua. Em parceria com Ministério da Educação, foi criado o regime articulado de música, cujos alunos que o frequentam o fazem de forma gratuita. Atualmente são mais de 300 alunos que frequentam o CMAD, provenientes dos vários concelhos adjacentes ao concelho de Santa Comba Dão, como Carregal do Sal, Tondela, Arganil, Oliveira do Hospital, Mortágua, Nelas e Penacova.

Em conjunto com a Associação de Música e Artes do Dão (AMAD), o CMAD promove inúmeros eventos culturais e artísticos, não só na área da música, mas também noutras áreas artísticas como o teatro musical e a dança, tendo desta forma um papel de relevo na vida cultural da região.¹⁸ O CMAD desenvolve assim uma parceria com Ministério da Educação, sendo que um dos programas da Direção-Geral da Educação (DGE) é o Programa Nacional da Educação Estética e Artística (PEEA).

Este programa tem como objetivo desenvolver um plano de intervenção nas escolas através das diferentes formas de arte, sejam elas a Educação e Expressão Musical, Educação e Expressão Plástica, quer sejam o Movimento e Drama/Teatro e Dança. Com este objetivo, a DGE reforçou então parcerias entre várias escolas, agrupamentos e instituições culturais envolvendo crianças docentes e famílias e ajudando a criar o prazer pelas diferentes formas artísticas existentes no nosso país, valorizando assim a arte como uma forma de conhecimento. Foi através deste programa que nasceu a parceria entre o CMAD e o Ministério da Educação e Ciência.

Considero importante salientar que no concelho de Santa Comba Dão existem três Bandas Filarmónicas, a Sociedade Filarmónica Fraternidade de S. João de Areias, a

¹⁸ Esta Associação, a AMAD, surgiu do trabalho desenvolvido pelo CMAD e do qual resultaram os seus fundadores: elementos do CMAD (professores e funcionários) e pais de alunos.

Sociedade Filarmónica Lealdade Pinheirense - Banda musical de Pinheiro de Ázere e a Filarmónica de Santa Comba Dão. As Bandas Filarmónicas integram escolas de música de onde advêm muitos dos alunos do CMAD. Estes alunos ingressam mais tarde no CMAD com o objetivo de profissionalizar o ensino lecionado nas escolas de música. Quem frequenta estas Bandas Filarmónicas fá-lo de forma gratuita e podemos verificar que existem pessoas de todas as classes sociais e faixas etárias como elementos participativos destas Bandas Filarmónicas.

As atividades desenvolvidas por estas Bandas Filarmónicas perante a comunidade são maioritariamente de cariz lúdico e social, participando em festas religiosas e tradicionais, comemorações nacionais e da região, receções a entidades oficiais e ainda outras celebrações e concertos onde possam participar.

2.2 – CONTEXTO SOCIOGEOGRÁFICO DO CMAD

O CMAD encontra-se sediado no concelho de Santa Comba Dão, distrito de Viseu. Santa Comba Dão tem cerca de 11.500 habitantes, e é um dos concelhos com maior densidade demográfica da Região Dão-Lafões. Este concelho tem uma extensão geográfica de 114km² e é composto por seis freguesias: União de Freguesias de Treixedo e Nagosela, União de Freguesias de Santa Comba Dão e Couto Mosteiro, Freguesia de São Joaninho, União de Freguesias de Óvoa e Vimieiro, Freguesia de Pinheiro de Ázere e Freguesia de São João de Areias. A cidade de Santa Comba Dão, onde se situa o CMAD fica entre o rio Criz e Mondego e é atravessada pelo rio Dão, existindo também a barragem da Agueira que une os 3 rios e que está em funcionamento desde 1981, proporcionando desta forma uma paisagem de harmonia com a natureza.

A sua origem remonta ao ano de 974/975 d.C. e ergueu-se cidade em 1999 sendo provida de todos os serviços essenciais ao bom funcionamento de uma cidade desde bombeiros, centro de saúde, bancos, supermercados, farmácias, biblioteca, casa da cultura, auditório municipal, escolas, posto da GNR, estádio municipal, entre outros. ¹⁹

Segundo os indicadores de referência do concelho de Santa Comba Dão, consultados na Metainformação disponível no Datacentro, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, a densidade populacional do concelho, em 2018, era de 93,8 com uma taxa de atividade de 41,8%, a taxa de desemprego de 12%, a taxa

¹⁹ Fonte: <https://www.cm-santacombadao.pt>, consultado a 10/12/2019.

de desemprego jovem de 24,7% e a taxa de emprego da população em idade ativa de 42,4%. Através dos dados dos Censos de 2011, podemos verificar que a proporção da população que frequenta o ensino é de 19,5%, a taxa de analfabetismo da população é de 5,9%, a proporção da população residente com o ensino superior completo é de 8,9% e a proporção da população com 18 ou mais anos com pelo menos o ensino Secundário completo é de 22,4%.²⁰

2.3 – A ESCOLA E OS SEUS APOIOS

Segundo o Diário da República, 1.ª série, n.º 156, com a portaria n.º 229-A/2018, artigo 3.º de 14 de agosto o regime articulado refere-se à “frequência de um curso artístico especializado quando assegurado por duas escolas distintas”, neste caso específico, o regime de ensino articulado é assegurado através da parceria da Escola Secundária de Santa Comba Dão com o CMAD.²¹ Este regime de ensino de carácter vocacional consiste na articulação de ensino entre a formação artística, neste caso na área da música, e a formação do ensino básico.

²⁰Fonte: <https://datacentro.ccdrc.pt/ZoomTerritorial.aspx?D=4CBAFB1E47B0CD51391F23EBC EC9C56DD396DA10F6BDE2AD885FE258A8CC246C>, consultado a 10/12/2019.

²¹ Fonte: <https://dre.pt/application/conteudo/116068173>, consultado a 9/12/2019

CAPÍTULO 3 – “RETRATOS SOCIOLÓGICOS”

3.1 IGOR VARELA: UM PRODÍGIO MUSICAL – O CAMINHO DE UM CLARINETISTA DO INTERIOR DE PORTUGAL ATÉ À ESFERA INTERNACIONAL.

3.1.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Igor Varela tem 23 anos, toca clarinete e frequenta o mestrado na Haute École de Musique de Genève, na Suíça. Desde cedo que demonstrou interesse pela música e, após várias atividades desenvolvidas nas atividades de enriquecimento escolar (AECs), decidiu entrar na Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, tinha oito anos de idade. Fez parte da primeira turma de ensino articulado de música do CMAD, no ano letivo de 2007/2008, e, desde então, tem tido um percurso exemplar no meio artístico. Logo nos primeiros anos de formação começou a ganhar prémios e a participar em concertos em Portugal e no estrangeiro. O ambiente vivido no meio musical motivou-o a continuar a estudar música, tendo a oportunidade de tocar em estreia absoluta obras de Nuno Figueiredo, Christopher Bochmann, Luís Lopo, Nuno Peixoto de Pinho, Vasco Garcia, Eduardo Serra e Paulo Perfeito; e de ganhar vários lugares em orquestras, portuguesas e estrangeiras. Igor ambiciona continuar a progredir na sua carreira e sente-se realizado com o seu percurso.

3.1.2 O INÍCIO DO PERCURSO NO MUNDO DA MÚSICA

Igor Varela ingressou no ensino da música com apenas oito anos de idade através da Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, tendo somente contacto com a música através das atividades de enriquecimento curricular (AECs) na escola primária. Ao entrar na Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, no final do seu 4.º ano do primeiro ciclo, começou a estudar percussão e clarinete. Aquando da abertura do Conservatório de Música e Artes do Dão, em 2007, com a influência de um dos fundadores e também seu professor, Sérgio Neves ingressou no ensino articulado de música sem pensar nas vantagens: “Nunca pensei nas vantagens que isso pudesse ter, e tu sabes, na altura que abriu o Conservatório muita gente entrou, não tem muita explicação”.

Apesar de só ter começado a ter contacto com a música depois de entrar na Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, Igor já frequentava atividades culturais, o seu avô tinha uma praça de táxis perto de uma associação cultural que tinha um grupo de teatro amador

que, com o passar dos anos, deixou de existir: “Eu lembro-me que em São Joaninho havia uma companhia de teatro e eu ia muitas vezes, em relação à música foi mesmo depois de ter entrado na Banda [Filarmónica] e depois de ter começado a gostar de música”. O percurso de Igor pelo CMAD foi exemplar, sendo um dos melhores alunos, a sua aptidão para a música é notável desde essa altura, sendo realçada não só por professores, mas também pelos seus colegas. Igor participou de vários concursos ficando sempre muito bem qualificado, foi solista em concertos, mas apesar destes feitos, afirma que foi apenas no 5.º grau e último ano no Conservatório [ano letivo de 2011/2012] que nasceu a vontade definitiva de continuar a estudar música:

Eu comecei a estudar mais, comecei a gostar cada vez mais, comecei a levar cada vez mais a sério, já começava a fazer algumas coisas, fazia uns concursos, fazia uns concertos (...). Foi todo esse ambiente que mais tarde me motivou e me levou a continuar a estudar música, de uma forma mais séria e não tanto como uma forma de passatempo ou de só ‘porque quero aprender’.

Após concluir os seus estudos no CMAD, não havendo outra alternativa em Santa Comba Dão para um ensino mais profissional e dedicado à música, Igor entrou na Escola Profissional de Música de Espinho. Esta entrada foi bastante ponderada e foi necessário um grande apoio familiar, tendo em conta que iria mudar-se para uma cidade a cerca de 150km de distância e viver sozinho com apenas 15 anos. O seu objetivo ao ingressar no curso profissional de música era “aperfeiçoar ao máximo as minhas competências na música”.

3.1.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES

Os seus professores sempre foram um ponto fulcral no seu percurso, um modelo a seguir e através dos quais conseguiu criar dinâmicas de trabalho que o fizeram evoluir, desde o professor Sérgio Neves que o influenciou a entrar no CMAD e que o considerou, desde cedo, um aluno com talento, ao maestro Pedro Neves que considera ser uma das mais valias da Escola Profissional de Música de Espinho. Igor confessa que foi “sempre um bocado atrás, não atrás da escola, mas atrás dos professores que estão na escola” e, por isso, continuou os seus estudos na Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO), em Lisboa, onde fez a sua licenciatura. Atualmente encontra-se a fazer o mestrado, na Suíça, na Haute École de Musique de Genève:

Não tanto pelo título do curso, por exemplo o título do curso em Lisboa não era daquilo que eu realmente pretendia na altura, porque eu queria tirar uma licenciatura em performance e a licenciatura em Lisboa acabou por ser uma licenciatura em orquestra. Não me faz diferença nenhuma, mas é uma questão de títulos e hoje em dia estou em Génève a tirar, precisamente, o mestrado em performance.

Este músico considera que o que faz a escola são os professores e não os cursos que oferecem:

No nível mais profissional, mais avançado, eu acho que o mais importante é sem dúvida os professores e estando numa escola que tem bons professores, vais ter colegas muito bons também, que era o caso em Lisboa, que tinha uma classe de clarinetes muito forte, que é o caso em Génève que é uma das melhores classes de clarinete da Europa. Eu acho que o importante na escolha da escola é mesmo escolher o professor e ter a sorte que o professor também te escolha a ti.

3.1.4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Igor Varela inúmera várias vantagens de frequentar o ensino articulado de música, não só para quem, como ele, segue uma carreira musical, mas também para quem opta por uma outra profissão fora da área artística. Fala dos momentos de interação com o público nos concertos como um momento onde é possível aprender a lidar com a pressão, com o estar à vontade em momentos de maior exposição e saber lidar com as expectativas de terceiros:

Sempre nos ensinou a estar à vontade em palco, e eu acho que o nós desde cedo termos começado a estar em palco, e nós subíamos ao palco da Casa da Cultura, ok que não é um grande auditório, mas já é um sítio para quase 300 pessoas e nós sempre que subíamos tínhamos a Casa da Cultura a abarrotar, sempre cheio de pessoas, de pais.

Frisa também a importância dos momentos de ensaio e do trabalho em grupo que “mais tarde pode vir a ser preciso, não só na área da música, mas outras áreas. (...) É importante trabalhar em grupo.”

Para Igor foi importante aprender a gerir os seus horários, apesar de querer estudar música, tinha também outras disciplinas na escola que confessa não lhe interessarem tanto, porém queria ter tempo também para estudar essas disciplinas, uma vez que para os seus pais era indispensável ter boas notas também nas disciplinas de ensino regular:

Eu gostava tanto de estudar clarinete, mas os meus pais queriam que eu estudasse as outras coisas que comecei a aprender a gerir bem os horários, eu pensava: tenho de estudar clarinete aqui, mas tenho de fazer isto, tenho de fazer aquilo, e isso é uma coisa que ainda faço e que aprendi precisamente no Conservatório.

3.1.5 A IMPORTÂNCIA DO CMAD NA SUA TRAJETÓRIA ENQUANTO MÚSICO

Como músico, Igor considera que o CMAD prepara bem os seus alunos, uma vez mais porque tem bons professores:

O Conservatório está cheio de bons professores, lá está, uma escola, a qualidade de uma escola é feita da qualidade dos professores e da qualidade dos alunos e depois especificamente, eu acho que na música é uma coisa mais especial, porque nós chegamos a uma aula de matemática e a matéria é a mesma para todos, na música é diferente, as aulas são individuais e tu tens o teu caminho.

Todavia, observa que o ensino da música é adaptável ao aluno dependendo do seu objetivo, sem descurar a qualidade. Cada aluno pode traçar o seu caminho com a ajuda do professor, sendo que o professor prepara o aluno para o seu objetivo, quer este seja seguir música, tornando o ensino mais exigente, quer seja apenas aprender música e concluir o Conservatório:

Se disseses ao professor ‘eu estou aqui porque gosto muito de tocar clarinete e quero aprender a tocar o dó ré mi fá sol, por favor ensine-me’ e o professor vai-te guiar para um caminho que não vai elevar muito as expectativas ao ponto de tu dizeres ao professor ‘não, não é isto que eu quero, não quero esta exigência, não é isto.’ (...) Eu cheguei ao pé do Sérgio Neves e disse: ‘eu quero ir para Espinho’ e ele obviamente

que me preparou a um nível para eu ir fazer a prova em Espinho e de eu poder entrar. Agora, se um aluno tem umas exigências mais baixas e não tem expectativas de um dia seguir, eu acho que a formação não deve ser descuidada, as aulas e a dedicação ao aluno não devem ser descuidadas, mas não devem ser num nível de exigência muito alto. Também porque a música deve ser educativa e não uma prisão.

3.1.6 A IMPORTÂNCIA DOS CONCURSOS

Igor começou a dar cartas na música desde cedo, ganhando vários concursos e destacando-se entre os vários clarinetistas da sua geração. O Festival de Clarinetes do Dão, organizado pelo Professor Sérgio Neves, em nome do CMAD, desencadeou várias oportunidades de encontro, quer de alunos, quer de professores:

O Festival era um ponto de encontro de muita gente, vinha a [Orquestra] Filarmonia das Beiras, eu ouvi o Luís Carvalho a tocar com o quinteto de Brahms que é uma das minhas obras preferidas, conhecia alunos que ele tinha na Universidade de Aveiro, eles vinham todos aí e hoje em dia um deles até é professor no Conservatório em Santa Comba [Dão], o Edgar.

Através do Festival de Clarinetes do Dão e de outras atividades desenvolvidas pelo CMAD, foi possível o Igor conhecer outras pessoas da área da música, mencionando até que alguns se referiam a ele como “aquele é o miúdo que ganha os concursos”. Aqui podemos verificar que a notoriedade do percurso de Igor começou desde cedo e que estes momentos de fraternização entre alunos de outras escolas e de vários pontos do país permitiu que conhecesse várias pessoas, não só alunos, mas também professores e outros profissionais:

O Conservatório foi muito importante, porque não era em muitos sítios que organizavam um festival daquela dimensão com as pessoas que vinham cá. Eu lembro-me que vinham cá clarinetistas muito bons, orquestras, vinham as marcas de clarinetes, a Buffet, vinha a Selmer, a Yamaha, vinha a revista DACAPO, vinha muita gente. Havia reportagens (...) sobre o Conservatório e sobre o Festival e isso é muito importante e sem dúvida que foi o Conservatório me deu isso, não só a mim, mas a mais gente no Conservatório.

3.1.7 “A MÚSICA É 90% SUOR, 10% TALENTO”

Igor considera que para seguir música é necessário muito trabalho e que mesmo tendo talento, vocação, sem trabalho não se chega a uma vida profissional e de “sucesso”:

Há muita gente que fala no talento, eu sempre achei que a música é 90% suor, 10% talento. Até podes ter talento e nunca o desenvolveres, não é? Há pessoas que têm aptidão para fazerem certas atividades, mas que, se não as desenvolverem, com o passar dos anos ficam sempre no mesmo sítio, ou seja, tu tens este nível [exemplificou com as mãos] porque tens talento, mas este nível de talento não te vai levar para uma vida profissional, ainda por cima na música que estás a competir sempre, se queres um trabalho tens de fazer provas contra toda a gente, muita gente do mundo inteiro. Eu acho que mais do que ter talento é preciso ter paciência, é preciso dedicação, trabalho, acho que é isso, dedicação é a palavra para isso.

O seu percurso na música é notável, todavia a dúvida também fez parte do seu percurso:

Qualquer pessoa que anseia ter um uma carreira em qualquer que seja a área, tem que duvidar do caminho a certa altura. Há alturas que nós ouvimos muitas vezes o ‘não’, gostava muito de fazer isto, vais fazer a prova e ‘pá não, fica para a próxima, vem cá para o ano’. E nessas alturas é muito fácil pensares ‘se calhar, não ando aqui a fazer nada, não ando’.

Igor foi capaz de ultrapassar estes momentos de dúvida e de dificuldade, o percurso de um jovem músico não é fácil e este precisa de aprender a lidar com a rejeição, ter resiliência e força de vontade para ultrapassar as dificuldades e acima de tudo acreditar no seu trabalho, no seu talento.

As dúvidas e questionamentos fazem parte de qualquer percurso e, apesar de estar ciente das suas capacidades, Igor questiona e reflete ainda muitas vezes sobre as decisões que tomou ao longo do seu percurso:

Pensava muitas vezes, e penso ainda: eu saí de casa com 15 anos, deixei de viver com os meus pais com 15 anos e eu penso às vezes: ‘será que valeu a pena ter saído de casa tão cedo?’, ‘será que vale a pena?’. Acordar e pensar ‘tenho de ir estudar clarinete’, ‘será que vale a pena eu agora estar longe de toda a gente?’ ter ido para a

Suíça e estar lá sozinho, estar longe da minha família e da minha namorada, será que isso vale a pena? Eu penso nisso muitas vezes, mas acho que lá está, acho que faz parte da evolução de qualquer pessoa, em qualquer área.

3.1.8 A CARREIRA DE MÚSICO FAZ-SE NA SALA DE ESTUDO

A carreira de músico, na perspetiva de Igor, “faz-se na sala de estudo”. Ele acredita que um bom músico necessita de dedicar muitas horas do seu dia a estudar, é uma carreira de formação e aprendizagem contínuas: “Na minha opinião, a carreira faz-se na sala de estudo, quanto melhor tu fores enquanto músico, mais possibilidades tens de teres um emprego de topo”. Quando questionado sobre a progressão de carreira no mundo da música, Igor dá o exemplo de um músico de orquestra:

Imagina, estás numa orquestra há cinco anos, por lá estares há cinco anos não sobes de patamar, não é assim, ou seja, estás na orquestra “x” se a orquestra “x” tem um nível médio, não anceias por mais, podes ficar, ou seja, quando nós ganhamos um lugar, um lugar numa orquestra, o contrato é vitalício, o contrato é sempre vitalício, a não ser que seja um contrato de substituição ou assim, mas tu ganhas um lugar, o lugar é teu e estás ali o tempo que tu quiseres.

Se o músico não tiver como objetivo progredir, mudar de orquestra e ter novos desafios, pode continuar na orquestra onde ganhou o lugar, contudo se ambicionar mudar de orquestra e fazer provas, onde uma vez mais vai ser colocado à prova, é importante que este tenha um trabalho de estudo e que não se deixe estagnar por ter um lugar cativo, um emprego dado como garantido, pois mais tarde o músico que continuou a sua formação e o seu estudo irá destacar-se:

Lá está o porquê de eu dizer que a carreira se faz na sala de aula, se tu vais a uma orquestra de topo e não tiveres nível para fazer a audição para a orquestra de topo, não vais ganhar o lugar, não vais, de uma forma ou de outra, progredir na carreira. Eu vejo, na minha opinião progredir na carreira é dar um salto qualitativo a nível musical. (...) Se é uma orquestra muito boa, claramente que a orquestra vai pedir muito de ti e a orquestra compensa-te por isso.

3.1.9 O QUE REPRESENTA ATUALMENTE O CMAD

Hoje em dia, Igor vê o CMAD como uma vantagem para a região tanto a nível pedagógico como cultural, sobretudo trouxe mais “diversidade de cultura, não só à cidade, mas à região”. Igor compara ainda o CMAD a outros Conservatórios dizendo que este é um “Conservatório muito mais dinâmico, do que, por exemplo, um Conservatório de Coimbra, um Conservatório de Viseu, que já têm muitos anos.” Salienta ainda a qualidade dos espetáculos que o CMAD apresenta dizendo: “Não conheço nenhum conservatório que faça os espetáculos que o CMAD faz com a qualidade que apresentam”.

Para além das vantagens pedagógicas que o CMAD trouxe para os alunos que estudam em Santa Comba Dão e nos concelhos vizinhos, Igor considera que veio também colmatar outras falhas que existiam na região a nível de ofertas culturais:

Eu acho que o mais importante mesmo foi o facto de ter trazido a cultura, porque a parte da pedagogia é para os alunos, os concertos que eles promovem é para toda a gente e acho que uma senhora de 80 anos tem o mesmo direito que um miúdo de ver um concerto, de conhecer um espetáculo, o que for, percebes? Acho que essa é a grande vantagem do Conservatório e nós devemos estar muito agradecidos por existir e por continuar a fazer essas coisas.

Atualmente, Igor Varela tem como objetivo a curto prazo obter um lugar em orquestra e encontra-se realizado com o seu percurso, não assinalando nenhum tipo de arrependimento:

Claro que se calhar olhando para trás acho que num ponto ou noutro podia ter aproveitado melhor as coisas, podia ter feito as coisas de forma diferente, mas acho que fiz sempre da melhor forma que sabia e da melhor forma que podia. De um modo geral sinto-me realizado.

3.2 JOSÉ PEDRO MORAIS: DE PERCUSSIONISTA A PRAÇA DA BANDA SINFÓNICA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS.

3.2.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

José Pedro Morais tem 23 anos, frequentou o ensino articulado de música do 6.º ao 9.º ano, concluiu o Secundário na Escola Profissional de Música de Espinho, e fez um ano de cadeiras isoladas do curso de Música da Universidade de Aveiro. Desistiu

do Ensino Superior para entrar no Exército Português, tendo mais tarde sido transferido para a Banda Sinfónica do Exército. Estar no Exército deu-lhe estabilidade financeira e profissional, mas, apesar disso, decidiu também dar aulas e é o maestro da Banda Juvenil da Filarmónica de Santa Comba Dão. Sente-se satisfeito com o seu percurso, mas não coloca de parte a possibilidade de voltar a estudar música e a enfrentar as dificuldades de uma carreira musical fora do Exército.

3.2.2 O INÍCIO DO SEU PERCURSO NO MUNDO DA MÚSICA

José Pedro Morais tem 23 anos e pertence à classe dos Praças da Banda Sinfónica do Exército Português. O seu ambiente familiar desde cedo o despertou para a música, das brincadeiras com os irmãos aos grupos de amigos. Com oito ou nove anos de idade entrou na Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, querendo aprender a tocar guitarra, não havendo essa possibilidade decidiu, após ter aulas de formação musical, aprender a tocar precursor. Inscreveu-se no Conservatório de Música de Viseu, longe de pensar que tão cedo abriria um Conservatório de música na sua localidade. Juntando a sua vontade de estudar música à abertura do Conservatório de Música e Artes Dão, José Pedro entrou na primeira turma do ensino articulado de música no ano letivo 2008/2009.

Ingressou no ensino articulado no 6.º ano do 2.º ciclo e ainda não pensava na música como uma carreira: “Pensava que era escola, tinha aulas, mas eram de música. Não ligava nada, acho que ninguém ligava muito a sério, pertencia ao nosso curso, era como se fosse a escola normal”. Quando entrou no Conservatório não tinha interesse noutras atividades culturais e artística, porque: “Nem havia, só a [Banda] Filarmónica” dando ao Conservatório o destaque de ter proporcionado a existência de uma maior diversidade cultural na região de Santa Comba Dão: “Música agora temos e agora há teatro e até dança, mas na altura não havia nada de teatro, nem nada. (...) O Conservatório trouxe isso, mas na altura não havia e acabava por não conhecer”.

3.2.3 A MOTIVAÇÃO PARA SEGUIR A PROFISSÃO DE MÚSICO

Terminado o ensino articulado de música do 3.º ciclo, José Pedro, com o apoio dos pais, decidiu fazer provas para entrar na Escola Profissional de Música de Espinho, na qual entrou no ano letivo de 2012/2013, considerando que “se não tivesse conseguido entrar,

pensava: ‘olha não sirvo para isto’”. Ter entrado naquela altura, talvez tenha sido a motivação para seguir a profissão. Ao começar os seus estudos nesta nova escola sentiu algumas dificuldades de adaptação: “É diferente, junta muitas pessoas de muitas escolas, ou seja, acho que hoje em dia já há, mas, na altura, não havia uma preparação específica”.

José Pedro sentia-se confiante sempre que as disciplinas estavam relacionadas com a música, principalmente nas aulas de instrumento, contudo sentiu algumas dificuldades noutras disciplinas e, inevitavelmente, comparava a sua preparação com a de outros alunos:

Quanto a instrumento, os alunos estão quase todos no mesmo patamar, mas por exemplo a formação musical e esse tipo de disciplinas, há uns que numas escolas dão com um bocadinho de mais rigor e levam um bocadinho mais a sério do que noutras, ou seja, sentia-me ali no meio, havia pessoas que sabiam muito mais e outras muito menos.

3.2.4 O SEU PERCURSO NO CMAD E OS SEUS BENEFÍCIOS

José Pedro considera que o ensino do CMAD evoluiu ao longo dos anos. Atualmente, é parte ativa da comunidade artística em Santa Comba Dão, fazendo parte de várias atividades desenvolvidas pelo CMAD e sendo membro da Banda Filarmónica de Santa Comba Dão, onde é também maestro de Banda Juvenil. Esta relação próxima manteve-se ao longo dos anos, mesmo quando estava a estudar em Espinho e em Aveiro e, atualmente, a viver em Lisboa. Devido a esta estreita relação, e ao facto de ter pertencido à primeira turma de ensino articulado de música do CMAD, faz com que José Pedro considere que a qualidade de ensino aumentou consideravelmente:

Foi o início e eles ainda estavam a procurar o que iam fazer, fomos a primeira turma, hoje em dia já noto que é diferente. (...) O CMAD foi também tendo cada vez melhores professores e as pessoas também que estão à frente, na direção e a seguir o projeto do Professor Paulo, fazem a diferença e tem evoluído imenso.

Olhando para trás, José Pedro assume que seria difícil conciliar a sua vontade de aprender música com o ensino regular, uma vez que teria de se deslocar para outra cidade para poder frequentar aulas e, sendo estas aulas extracurriculares, teria mais dificuldade em conciliar os seus horários e momentos de estudo:

Se não fosse articulado tinha de ser extracurricular, ocuparia mais tempo. (...) Aquelas disciplinas [as de música] faziam parte do meu horário da escola, ou seja, era um plano curricular adequado e se não fosse articulado, eu fora o horário da escola ainda tinha de ir ter as outras aulas de música, ia ter muito mais carga horária. É uma mais valia ser articulado.

Contudo, a facilidade de horários e o facto de poder ter este tipo de ensino na sua cidade não é a única vantagem que considera positiva, existem outras, tendo ressaltado o impacto positivo que este tipo de ensino traz para os seus alunos:

A música, falo aqui da música, também traz outra personalidade às pessoas, por exemplo, os miúdos aprendem coisas na música e evoluem certas características cognitivas e até de personalidade, que se calhar, não andando na música não desenvolviam. Acho que não é qualquer um que vai para este ramo (...), normalmente essas pessoas têm vocação e se formos a ver isso depois nota-se nas notas, as turmas de música são sempre as que têm melhores notas.

3.2.5 A ENTRADA NA BANDA MILITAR DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Apesar de ter feito um ano de cadeiras isoladas do curso de Música na Universidade de Aveiro, José Pedro decidiu deixar a música de lado para entrar no exército onde, mais tarde, entrou para a Banda Militar do Exército Português e, atualmente, faz “muitos concertos, muitas cerimónias, tocamos pelo país todo”. José Pedro considera que a instabilidade e empregabilidade incerta na área da música foram os fatores para ter tido várias dúvidas e inseguranças ao longo do seu percurso, fazendo-o optar por ingressar na vida militar:

A instabilidade, a falta de emprego, é o principal fator. Em Portugal não temos muito apoio, se queres ser músico, queres ser instrumentista, há poucos sítios onde podes tocar para sobreviveres, o outro lado é só seres professor, mas em Portugal há poucas escolas e muitos professores, ou seja, nem todos podemos ter trabalho.

3.2.6 A SUA VISÃO SOBRE O CMAD

Como mencionado anteriormente, José Pedro continua a manter uma ligação estreita com o CMAD, o que faz com que tenha uma melhor perceção da sua evolução ao longo dos anos: “Acho que evoluiu imenso. (...) A quantidade de pessoas que o Conservatório já lançou para fora e não só, a qualidade de ensino e a qualidade que os miúdos já conseguem ter, que nós na altura não tínhamos. Eu considero que nós fomos a experiência”.

Quando reflete sobre o seu percurso no CMAD, José Pedro menciona que foi um ponto fulcral na sua aprendizagem, onde conseguiu evoluir e ter a certeza que queria seguir música: “O Conservatório para mim foi a evolução, nós começamos a tocar, aprendemos as bases e serve para nós darmos o salto”. Como desde cedo sabia que queria seguir música como profissão, José Pedro não ponderou, no final do ensino articulado de música no 9.º ano, seguir outra área de formação. Não havendo o curso de música em Santa Comba Dão, candidatou-se à Escola Profissional de Música de Espinho, o que considera ter sido uma novidade na altura, uma vez que foi a primeira vez que alunos saíram do CMAD para seguir a profissionalização:

Normalmente começam no 5.º ano, nós [primeira turma do Conservatório] começámos no 6.º, entrámos do 6.º até ao 9.º e serviu como rampa para nós seguirmos para a música. Na altura, da nossa turma, seguimos só duas pessoas o ramo da música.

Desta forma, caracteriza o ensino do CMAD como sendo um rampa de lançamento para o mundo da música: “É a nossa rampa de lançamento, não dá para ir mais que o 12.º ano, na altura não havia em Santa Comba [Dão] o curso profissional de música e nós tínhamos de ir para fora e o Conservatório serviu para nós evoluirmos e nos prepararmos”.

3.2.7 A “APTIDÃO” PARA SER MÚSICO

Entre trabalho e talento, José Pedro considera que é necessário ter uma aptidão para seguir uma carreira na música:

Eu não sei se tenho talento ou não, mas acho que realça sempre quem tem uma aptidão, o talento é difícil de explicar, não sei sequer se tenho talento, há quem goste

do que eu faço e há quem não goste, mas é preciso muito trabalho, isso sem dúvida. Mas também há pessoas que não têm esse talento e é tudo trabalho.

José Pedro sente-se realizado com o seu percurso, contudo admite que poderia ter tomado outras decisões:

Se calhar tinha continuado a estudar, mas não digo que não vá acontecer, mas é mais difícil agora do que na altura. O Exército deu-me estabilidade, mas também dou aulas, sou maestro da Banda Juvenil da Filarmónica de Santa Comba Dão, de resto faço tudo isso, mas acho que se tiver de vir a fazer outra coisa, não tenho problema nenhum.

Em suma, sente-se realizado com o seu percurso atualmente, mas afirma não ter medo das dificuldades da profissão de músico, podendo enfrentá-las com garra e determinação no futuro.

3.3 INÊS MATOS: DAS AVENTURAS DE CRIANÇA PELA MÚSICA, AO VIOLINO, TEATRO MUSICAL, DANÇA E POR FIM ESTUDOS ARTÍSTICOS. A PAIXÃO PELA CRIAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE ARTE.

3.3.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Inês Matos tem 20 anos, frequentou o curso de iniciação do CMAD e, posteriormente, o ensino articulado do 5.º ao 9.º ano. Decidiu, no 10.º ano, seguir Humanidades e esteve um ano a frequentar um curso de dança, até que desistiu para se candidatar à Licenciatura em Estudos Artísticos, variante em Artes do Espetáculo, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde que tem memória, sempre viveu rodeada pelo mundo artístico. É fascinada pelo mundo das artes, principalmente pela magia de idealizar e criar manifestações artísticas. Ambiciona um dia poder trabalhar no CMAD e poder dinamizar a região onde este se insere, podendo desta forma despertar o interesse das pessoas pelas artes e pela cultura.

3.3.2 A INFLUÊNCIA DO MEIO FAMILIAR

Inês Matos tem 20 anos e frequenta a Licenciatura em Estudos Artístico com variante em Artes do Espetáculo, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem vários familiares inseridos no meio artístico e cultural, desde o seu pai que é fotógrafo, ao seu tio Luís Matos, que atualmente é o diretor do CMAD. Foi através do tio que, com cerca de seis anos, iniciou o seu percurso no meio artístico:

Antes de existir o Conservatório, (...) o meu tio Luís já tinha a ECM [Edições Convites à Música]. (...) Não me lembro bem como é que aquilo funcionava, mas eu lembro-me que nós cantávamos músicas e fazíamos atividades, (...) pronto começou a partir daí, depois abriu o Conservatório.

Inês não se lembra das razões que a levaram a querer entrar no CMAD, mas afirma que teve uma grande influência dos amigos e do tio que: “Se calhar se eu não tivesse andado já com ele [tio] e não tivesse assim ‘coisa’ para a música, as influências dele para a música, se calhar não me tinha apercebido disso”.

3.3.3 A SUA TRAJETÓRIA NO CMAD

Frequentou o curso de iniciação do Conservatório e entrou no ensino articulado no 5.º ano, finalizando-o no 9.º ano. Por influência do pai, Inês começou a estudar violino: “Eu gostava de violino, de pôr vídeos que eu via e que o meu pai me tinha mostrado”. Porém, hoje em dia, gostava de ter aprendido percussão. Terminou o ensino de música no 9.º ano por achar que não tinha aptidão, mas decidiu continuar a frequentar o teatro musical:

Eu queria continuar no Conservatório, mas continuei no [teatro] musical, porque eu achava que não tinha jeito para o violino e não percebo nada música. Eu percebo, não é? Eu sei ler as coisas básicas, mas a música não era assim o que eu mais gostava no Conservatório, o que eu gostava era do teatro musical, por isso saí no 9.º ano.

Ao terminar o ensino articulado de música no 9.º ano, escolheu a área de Humanidades, mas admite que tinha interesse pelo ensino profissional de dança, tendo ponderado essa vertente:

No 11.º ano andei a ponderar andar um ano para trás e ir para uma escola profissional estudar dança, mas depois acabei por não ir, mas no 10.º escolhi Humanidades

porque era a área que mais gostava, gostava de história, gostava de geografia, gostava dessas coisas e pronto, aqui [em Santa Comba Dão] como não havia nenhum curso, ou seja, na área do teatro, na área da dança, isso exigia eu ir para fora. (...) Depois no 11.º ano comecei a pensar que já estava no fim, não sabia se valia a pena andar 2 anos para trás.

Terminado o 12.º ano na área de Humanidades, Inês decidiu estudar dança, mas os vários interesses despertados ao longo da sua vida no contacto com as várias vertentes artísticas fizeram-na, após um ano, candidatar-se à licenciatura de Estudos Artísticos com variante em Artes do Espetáculo:

Eu quando acabei o meu 12.º ano estava muito certa que queria dança, só que depois comecei a perceber que se calhar... (...) não sei, meti a dança de lado. (...) Comecei a perceber que gostava muito da área da produção e dessas coisas e de organizar e que se calhar era mais para isso que eu tinha jeito do que estar propriamente em cima do palco, não é verdade? E então, não sei, comecei a apaixonar-me por esta coisa de organizar as coisas e de trabalhar no *backstage*.

3.3.4 A ESCOLHA DO CURSO SUPERIOR

Escolheu a licenciatura de Estudos Artísticos por ser um curso abrangente e por ter a possibilidade de ter contacto com várias áreas artísticas, desde a música, ao teatro e cinema. Apesar de todas mudanças de percurso pelas quais Inês passou, ela pôde contar sempre com o apoio dos pais:

Eles nunca me disseram ‘não’, eles sempre me deram a liberdade para escolher aquilo que quis. Claro que sempre me disseram: ‘tens a certeza?’ e eu fiz um ano de pausa para perceber, andei a estudar dança, mas depois parei e fiz um Gap Year para pensar e, não sei, mas eles sempre foram: ‘vai para o que tu quiseres desde que te esforces e trabalhes ok?’.

Não sente nenhum arrependimento em não ter seguido o ensino da música, mas confessa sentir falta do ambiente social e do ensino que o Conservatório lhe proporcionava:

Eu adoro música e adoro as coisas que o Conservatório faz e tudo, mas, lá está, eu gosto de ver de fora e de ajudar de fora. (...) Eu sentia falta, por exemplo, da orquestra, senti falta daquilo de estarmos juntos a fazer, a contruir um espetáculo, eu sei que é estranho, mas eu só sentia falta disso, de resto sei lá, sempre fui lá ajudar, ajudar o meu tio quando era preciso, sempre gostei mais dessa parte de fora do que estar propriamente no palco a tocar.

3.3.5 A INFLUÊNCIA DO CONSERVATÓRIO NAS SUAS DECISÕES DE FORMAÇÃO ACADÉMICA

Inês confessa que o Conservatório influenciou muito as suas decisões ao nível da sua formação académica:

Eu sempre pensei influenciada pelo Conservatório, ou seja, desde que eu tenho idade para me lembrar, eu sempre me lembro de adorar o mundo das artes e de dizer que um dia queria trabalhar nisso, ou seja, sei lá houve uma altura que eu pensava ir para turismo porque também gosto dessa área, mas nunca houve assim nada que me dissesse para ir para gestão ou essas coisas, sempre foi a área artística. Claro que às vezes tinha dúvidas tipo ‘ah, será que vale a pena ir para isto? Se calhar devia escolher outra coisa’ (...) lá está, se calhar foi porque sempre cresci com o Conservatório, com o mundo das artes à minha volta e então desde de pequena que me apaixonei por aquilo. Se calhar se não tivesse, não sei, não sei como seria.

Inês considera que para obter bons resultados e ter uma boa preparação a dedicação é essencial:

Não é preciso ter só vocação, é preciso ter também um bocadinho de empenho. Há pessoas que não têm assim tanta facilidade como os outros, mas se trabalharem... Eu é que não tinha muita, não sei, porque lá está se calhar também não gostava, como muitas pessoas gostam, não têm vocação, mas gostam. Eu gostava, mas não era uma coisa que eu quisesse muito à séria.

Contudo, considera que se quisesse seguir música, não pela qualidade do ensino, que considera ser bom, mas pela sua dedicação, não se sentira bem preparada. Afirma que para seguir uma carreira na área da música é necessário ter dedicação e muitas horas de trabalho. Como Inês não sentia tanto interesse pela música como por outras áreas

artísticas, acabou por não se dedicar tanto e considera que a exigência dos professores também é moldada pelos objetivos do aluno. Se um aluno quiser seguir música, o professor vai prepara-lo para isso, caso este não seja o seu objetivo, a exigência não é tão grande, mas a qualidade de aprendizagem não é negligenciada: “Se calhar não estava tão bem preparada, mas por mim, não era porque não me foi administrada a educação certa (...) porque eu ainda sei, ainda me lembro das coisas básicas e de tudo”.

3.3.6 A INSTABILIDADE DA ÁREA CULTURAL E ARTÍSTICA EM PORTUGAL

Inês considera a área cultural e artística muito instável, não só em Portugal, mas em vários países, e salienta que os jovens não têm interesse em ver espetáculos ao vivo:

A não ser que sejamos atores de televisão e famosos da televisão e essas coisas, eu acho que o mundo das artes em Portugal, se calhar não é só em Portugal, é em muitos sítios, é um bocadinho instável e difícil, nunca sabemos.... (...) O trabalho dos artistas nem sempre é contínuo, agora têm um trabalho aqui, depois ali outro, acho que é um bocadinho incerto.

Inês menciona ainda o desinteresse em especial pela arte produzida em Portugal, por portugueses. Considera que as pessoas gostam de ir ao cinema ver filmes estrangeiros, a concertos de bandas estrangeiras, contudo não há aderência a concertos de música portuguesa, orquestras, filmes portugueses: “Não sei, eu acho que a cultura, as pessoas ligam cada vez, não sei se é menos, mas desvalorizam o que é português”.

Sobre o território onde se insere o CMAD, Inês menciona o desinteresse dos jovens por frequentar atividades culturais e que isso se deve ao facto de também não existir muita oferta na região:

Aqui em Santa Comba [Dão] também não tens muitas possibilidades, não é verdade? (...) Eu acho que os jovens hoje em dia não se interessam, a maioria das pessoas não se interessa por ir ao teatro e aos museus e então não há assim grande valorização da arte ou só há quando é uma coisa que aparece na televisão, na *internet*, as pessoas não vão à procura da arte, a arte tem de chegar até às pessoas.

3.3.7 A IMPORTÂNCIA DO CMAD NA REGIÃO ONDE SE INSERE

Inês observa que existe pouca oferta de atividades artísticas e culturais na região onde se insere o CMAD:

Estou sempre a dizer que se não fosse o Conservatório não havia nada, Santa Comba [Dão], era uma cidade morta e não havia aqui nada e se calhar não havia tanta união como há entre as pessoas dos concelhos vizinhos: Tondela, Carregal do Sal e assim. Vêm todos aqui ao Conservatório ter aulas e acho que o Conservatório é uma grande influência.

Todavia considera que também existe uma desvalorização das pessoas pela área artística e pelo CMAD em especial:

Mas também acho que há pessoas em Santa Comba [Dão] que não valorizam o Conservatório, não sei... dizem: ‘este ano os bilhetes do musical estão muito caros’ e não estão. Tu vais a Lisboa e pagas, se calhar, 20€ ou 30€ e não dizes nada, mas como é aqui na ‘terrinha’ ‘aí 10€...’. (...) A acho que a Câmara [Municipal de Santa Comba Dão] às vezes também podia dar mais apoios, sinto que às vezes quem vem ver mais são pessoas de fora, as pessoas aqui de Santa Comba [Dão] não valorizam, não é todas, atenção. Se calhar também vem da família, da educação, a geração pós Conservatório já é diferente.

3.3.8 PERSPETIVAS FUTURAS

Inês tem como perspetiva futura trabalhar no CMAD e contribuir para a dinamização de atividades artísticas e culturais da região: “Para mim, primeiro que tudo, eu gostava muito de no futuro trabalhar no CMAD e de dinamizar lá coisas e trazer coisas. Eu sinto que, às vezes, o Conservatório precisa assim de ser abanado e trazer coisas diferentes.” Por enquanto, ela tem como objetivo terminar a licenciatura, considerando o CMAD como uma casa onde pode sempre voltar:

É uma casa, para mim é uma casa, eu chego à sexta feira de Lisboa e vou para o Conservatório (...) é um sítio seguro onde tu sabes que és sempre bem-vinda e que se tiveres assim uma ideia ‘tresloucada’ podes lá ir e propor, estão lá para ti. O Conservatório é uma casa, não tenho outra palavra sem ser casa.

3.4 MARIA MIGUEL JESUS: O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA COMO UM COMPLEMENTO À FORMAÇÃO.

3.4.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Maria Miguel Jesus tem 23 anos licenciou-se em Finanças Empresariais no ISCAL – Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa e, atualmente, frequenta o último ano do mestrado de Ciências Empresariais no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Ingressou no ensino articulado de música apenas no 7.º ano por influência de amigos, não tendo contacto com a música até então. Encara o ensino articulado de música como uma mais valia e um complemento à sua formação, mesmo sem nunca ter considerado seguir uma carreira musical.

3.4.2 O PERCURSO DE FORMAÇÃO: DA MÚSICA À ECONOMIA

Maria Miguel Jesus tem 23 anos e frequenta o último ano do mestrado de Ciências Empresariais no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Por influência de amigos e colegas de escola, ela entrou no ensino articulado de música no 7.º ano, não tendo tido contacto com área até então, apesar de gostar de música. Por ter entrado mais tarde teve de fazer dois graus em apenas um ano letivo, mas isso não desmotivou Maria Miguel. Como entrou mais tarde no Conservatório, a escolha do instrumento que viria a tocar foi mais restrita:

Quando eu me inscrevi no Conservatório deram-me uma lista e já havia poucas vagas, ou seja, era tudo cordas e então tive de escolher entre violino, viola de arco e violoncelo e pronto, explicaram-me um bocadinho de cada um, mostraram-me cada um e eu escolhi o violoncelo.

A Banda Filarmónica de Santa Comba Dão estava, no ano de 2010, à procura de um novo elemento que tocasse cordas e, foi então que convidaram Maria Miguel, na altura com 13 anos, para ingressar na Banda Filarmónica: “Comecei a ir àquelas aulas e à classe

de conjunto que existem e depois, passado um ano, é que entrei mesmo para a Banda [2011]”.

O seu objetivo não era estudar música e encarou o ensino articulado de música como um complemento à sua formação, encarando como uma “atividade extra”, pelo que quando terminou ao 9.º ano decidiu de sair do Conservatório, porém continuou a frequentar a Banda Filarmónica: “Não me via a fazer daquilo a minha vida.” No 10.º ano escolheu a área de Científicos e no 12.º ano candidatou-se à licenciatura de Finanças Empresariais no ISCAL – Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, na qual se formou em 2018.

3.4.3 O PAPEL DA MÚSICA NA SUA FORMAÇÃO

Apesar de nunca ter considerado seguir apenas música, Maria Miguel considera que esta foi uma mais valia na sua formação:

Em termos de currículo é uma grande mais valia, não digo que é o principal, como é óbvio. Se tiverem de decidir por quem tem a melhor média, decidem, mas se tiverem que distinguir entre uma pessoa que tenha o ensino da música no currículo acho que isso é uma grande vantagem, de tu teres uma dessas atividades extracurriculares, que é uma formação. Até porque te dá mais concentração, tens outras habilidades e aptidões para reagir aos problemas, aos desafios que surgem.

Maria Miguel destaca as aulas de orquestra como uma das aulas mais importantes, sem descurar as restantes, como as aulas de instrumento que preparavam o aluno também para a orquestra: “Porque havia um envolvimento de todos, nós sentíamos-nos empenhados para alcançar um objetivo comum, um objetivo final”. Sente-se realizada na área em que está atualmente, Gestão, e nunca equacionou a possibilidade de seguir uma carreira artística: “Porque eu sempre vi a música como um extra, mas nada que eu quisesse seguir para a minha vida e eu gosto da área em que estou”.

3.4.4 A VOCAÇÃO NO MEIO ARTÍSTICO

Maria Miguel considera ainda que para ingressar no mundo da música é necessário ter vocação, não esquecendo o trabalho e a dedicação que são necessários para ter um percurso de sucesso: “Não digo que seja um ponto fulcral, porque tu podes ter talento,

mas se não o treinares não vale de nada, mas acho que sim, que teres algum tipo de vocação pode ajudar a teres sucesso”. Atualmente, ela gosta de ir a concertos e espetáculos: “concertos, espetáculos, teatro é algo que eu vou mais, até porque o Zé Pedro é músico [namorado] e eu vou a muitos concertos de música”.

3.4.5 O CMAD COMO UMA MAIS VALIA PARA A CULTURA DA REGIÃO

Maria Miguel observa o trabalho do CMAD como uma mais valia para a dinamização da arte e da cultura na região, contudo considera que ainda existe espaço para poder haver mais atividades de diferentes áreas e mais vezes durante o ano:

Na nossa região não havia nada que envolvesse assim, de forma tão abrangente, a área da música e artística e o CMAD veio trazer muitos espetáculos, atividades, teatro e não só. Acho que isso foi muito vantajoso para a cidade porque criou uma dinâmica diferente. No entanto, acho que mesmo assim ainda poderíamos, não digo que só o Conservatório, mas ter muito mais atividades relacionadas à cultura do que temos. (...) O Conservatório trouxe cultura aqui para a região, sem dúvida.

Apesar do objetivo de Maria Miguel desde o início não ser seguir uma formação na área da música, considera que o CMAD trouxe várias oportunidades, não só para a região, como referido anteriormente, mas também para as pessoas:

Por exemplo, acho que, não era o meu caso, mas as pessoas que queriam mesmo seguir música, tinham sempre de ir para fora e não tinham a oportunidade de cá o fazer, então o Conservatório veio trazer essa oportunidade de as pessoas conseguirem desenvolver a sua formação e carreira na própria cidade e não terem de sair para poderem seguir os seus sonhos, acho que isso foi a grande mais valia e trazer cultura, claro.

3.4.6 AS VANTAGENS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Maria Miguel ressalta também que uma das mais valias do ensino articulado de música e a razão pela qual o frequentou, é:

A possibilidade de ter as aulas de Conservatório integradas nas aulas normais, não ter mais uma carga horária por assim dizer. Tínhamos orquestra à quarta-feira que era suposto ser uma tarde livre e algumas atividades extra, mas não ter mais uma carga horária que me prendesse mais tempo. Isso foi uma vantagem, foi mais um fator para eu ter ingressado, não havendo essa possibilidade, não sei se iria.

Para Maria Miguel, os anos em que frequentou o CMAD, que considera “uma grande escola”, trouxeram-lhe muitas competências:

Em termos de socialização, de eu conseguir dar-me com muito mais pessoas, ou seja, comecei a ter um maior à vontade, comecei a saber lidar com o palco, com a pressão. Um dos pontos que eu acho assim maiores é a concentração, porque nós aprendemos a ter muita concentração a tocar um instrumento e eu acho que isso nos fica para a vida, tu teres isso no teu trabalho, o foco, a concentração, é super vantajoso. É vantajoso tanto para quem seguiu mesmo música, como para quem não seguiu. Continua a ser vantajoso para quem não seguiu por todas as capacidades que te transmitiu, ou seja, a capacidade de lidar com o público, com o desconhecido, tensão, saberes estar num palco, cognitivamente, a concentração, acho que é isso o mais importante.

Maria Miguel deixou de tocar violoncelo e, atualmente, já não tem contacto com a música como tinha, contudo, nos seus tempos livres e momentos de lazer opta por frequentar atividades artísticas e culturais, como ir a concertos ou ao teatro. Salaria ainda que “se não tivesse feito o Conservatório, talvez não tivesse desenvolvido certas capacidades tão bem”.

3.5 MARIANA REBELO: DE VIOLINISTA À PAIXÃO PELO TEATRO MUSICAL. AS DIFICULDADES DE EMPREGABILIDADE DOS ARTISTAS EM PORTUGAL E A FALTA DE OPORTUNIDADES.

3.5.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Mariana Rebelo tem 23 anos e frequentou o ensino articulado de música do 6.º ao 9.º ano, e apesar de querer ingressar num curso profissional de teatro, no ensino Secundário, a sua localização geográfica não o permitiu. Frequentou, por isso, o

curso de Artes Visuais no Secundário, por ser o único curso com uma vertente mais artística e criativa da sua escola e ingressou no curso de Teatro, em 2015, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Atualmente, é atriz e encontra-se sem trabalho devido à pandemia, mas tenciona investir mais na sua formação e continuar a procurar trabalho, sem nunca desistir dos sonhos, por mais difícil que seja seguir a sua profissão, em Portugal.

3.5.2 A TRAJETÓRIA DE MARIANA NO MUNDO ARTÍSTICO

Mariana Rebelo tem 23 anos e é licenciada em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Começou a tocar violino com 10, 11 de idade por influência de uma amiga e colega de escola que também tocava violino. Entrou no CMAD quando este abriu, no 6.º ano do segundo ciclo, por decisão própria:

Eu fui porque já tinha começado as aulas de violino [um ano antes] e realmente tinha gostado, então eu é que disse aos meus pais que gostava de ir também para o Conservatório para ter uma formação mesmo a sério, em vez de ser só aulas particulares de violino. Aprender formação musical foi o meu interesse na altura.

Sempre gostou de tocar violino, mas não tinha como perspetiva futura seguir música, até que entrou no teatro musical e desenvolveu o seu interesse pelo teatro e pelo canto: “Fiquei a gostar mais de fazer teatro do que realmente das aulas de violino. Depois a partir daí acho que decidi estudar teatro”. Fez o ensino articulado de música do 6.º ao 9.º ano e após descobrir a paixão por teatro musical decidiu não continuar o ensino de música:

Eu pensei ‘se calhar eu não quero assim tanto ser violinista, eu só gosto disto porque me divirto e porque é giro e é tipo um *hobby*, vou parar por aqui e vou continuar só com o teatro musical’ (...) apesar de se calhar agora me arrepender um bocadinho porque tinha o 8.º grau feito e se calhar dava-me mais jeito.

Apesar de ter deixado o ensino da música no CMAD e estar apenas a frequentar as aulas de teatro musical, Mariana ainda teve aulas particulares de violino durante um ou dois anos: “Na altura acho que não senti nenhum arrependimento, porque eu gostava realmente mais de fazer teatro do que tocar violino e acho que se fosse agora teria optado por canto em vez de violino porque me abria mais portas”.

3.5.3 A FALTA DE OFERTA DE ENSINO ARTÍSTICO NA REGIÃO

Terminado o 9.º ano, Mariana queria ingressar numa escola profissional de teatro, que não existe na região, tendo decidido inscrever-se no curso de Artes Visuais:

Eu acho que foi no meu 10.º ano que eu percebi mesmo que gostava de teatro, que queria tirar teatro, só que na altura aqui não havia ensino, não havia curso profissional de teatro, nem perto e então andei assim um bocadinho frustrada porque gostava de ter começado logo no 10.º ano, só que só havia em Lisboa, no Porto, e eu na altura até me lembro de falar com a minha mãe sobre isso e a minha mãe não achou muita graça e disse que eu não ia para lado nenhum tão nova e então tive de fazer Artes Visuais que, por acaso, foi mesmo um curso que eu não gostei nada, nada, nada e já estava no 10.º ano à espera de chegar ao 12.º para seguir teatro.

Terminado o 12.º ano, nesta altura já com o apoio dos pais, apesar destes se mostrarem reticentes, ingressou no curso de teatro: “Claro que diziam que não era uma profissão muito segura como toda a gente sabe, mas acho que o problema não está na área, mas está no Sistema”.

3.5.4 A INFLUÊNCIA DO CMAD NO SEU PERCURSO

Mariana matriculou-se então no curso de Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Apesar do curso ser apenas de Teatro, Mariana considera que o Conservatório a ajudou ao longo da sua licenciatura:

Estudei só teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema, o curso é mesmo só teatro e acho que uma mais valia que eu tenho em relação a alguns colegas que só estudaram teatro é que acho que estou mais preparada, talvez não sei, para fazer teatro musical do que se calhar alguns deles que não tiveram formação musical e acho que é uma mais valia, porque há audições para teatro musical e é uma mais valia eu ter estudado no Conservatório, ter tido teatro musical, ter tido aulas de canto e isso favorece-me em relação àqueles que nunca tiveram.

3.5.5 A EMPREGABILIDADE DO MEIO ARTÍSTICO EM PORTUGAL

Licenciada há pouco tempo, Mariana mostra-se insatisfeita com a empregabilidade e oportunidades na área artística em Portugal:

Eu não estou nada satisfeita, acho que nem eu nem toda a gente que está a fazer isto, mesmo aqueles que têm trabalho é sempre muito incerto, não sabem se têm um projeto a seguir, se têm agora muita sorte e fazem um projeto muito bom e depois ficam sem trabalho, é sempre muito incerto, nós nunca conseguimos ter uma vida estável e saber que vamos sempre ter trabalho. E pronto, não sei, o sistema não está a ajudar, não está do nosso lado, nem nos está a favorecer. (...) Para mim não está a ser fácil, sinceramente, e está a ser complicado arranjar trabalho e sempre que arranjo é algo assim que não me dá a estabilidade que eu preciso para viver sozinha, para pagar as minhas contas. Só que o que toda a gente me diz, com mais experiência, e que isto só se consegue com tempo e a esperar, que nunca é instantâneo ou quase nunca, só quem tem muita sorte.

3.5.6 A CORAGEM NECESSÁRIA PARA SEGUIR A PROFISSÃO

Mariana acredita que para seguir teatro é preciso ter coragem e não desistir: “Só deve querer esta profissão quem tem mesmo coragem para conseguir ultrapassar as dificuldades e continuar sempre sem desistir. Acho que o mais importante é não desistir”. Considera importante na sua profissão, para além da persistência, a formação contínua e o fator sorte:

Eu acho que sem dúvida é insistir muito e esperar e bater a todas as portas possíveis e não desistir mesmo, porque já sem desistência é complicado, então se desistirmos não há mesmo nada e acho que a sorte também faz muito parte do nosso meio. Às vezes é preciso ter sorte para conseguir algumas coisas, mas é isso, é não desistir. Acho que é importante fazer *workshops*, tentar tirar cursos de teatro, porque também é a fazer que nós aprendemos mais, para termos mais sucesso.

Mariana reforça a ideia de que a progressão e valorização da carreira do artista se faz pela contínua formação do mesmo:

Acho que na nossa profissão, e acho que em todas assim em geral nas artes, acho que nunca devemos parar de aprender, há sempre coisas a aprender e eu acho que é o mesmo com o fazer e ter experiência. Se bem que às vezes também não te dão a

oportunidade de experimentar e de fazer parte, mas acho que é a fazer que nós conseguimos adquirir mais conhecimento e sei lá, ter mais trabalho e ser mais bem-sucedidos.

Apesar de sentir estas dificuldades, Mariana ainda não experienciou o ramo do cinema nem da televisão e atualmente, caso não fosse a pandemia, estaria a fazer um espetáculo infantil:

Sinto-me bem a fazer teatro e é o que gosto, (...) também gosto de experimentar coisas diferentes, aprender a estar em plataformas diferentes, mas sei lá, se tudo agora estivesse a correr bem eu estava a fazer um espetáculo infantil e ia continuar a procurar mais trabalho.

3.5.7 A FALTA DE OFERTAS CULTURAIS E ARTÍSTICAS NA REGIÃO ONDE SE INSERE O CMAD

Acredita que a região onde o CMAD se insere ainda está pouco desenvolvida e que ainda não tem as ofertas culturais e artísticas que poderia ter:

Acho que merecíamos um bocadinho mais, mas também, quer dizer as pessoas quando há espetáculos vão todas e não sei até que ponto é que não é possível fazer com mais regularidade. Acho que ganhávamos todos, a população, quem faz teatro.

Tendo em conta a sua profissão, Mariana gosta muito de ir ao teatro, mas não descarta a importância de frequentar outras atividades artísticas:

Acho que as artes nos trazem sempre algo bom e acho que a cultura num país é sempre importante, porque um país sem cultura também é uma cambada de pessoas que, sei lá, que não são cívicas, que são incultos. (...) Quando vou ao teatro venho sempre feliz, mesmo que eu não goste do espetáculo, acho que o teatro nos faz pensar muito e nos faz tentar perceber o que se está a passar. Mesmo que o espetáculo não conte uma história, que seja mais complicado de perceber, mais performance, é sempre bom porque as pessoas saem sempre de lá a tentar perceber o que é aquilo e conseguem discutir o assunto e é bom criar esse tipo de discussão em grupos de pessoas que vão juntas ao teatro ou vão a concertos. Eu acho que nos desenvolve

muito assim, sei lá, em termos sensoriais, a nossa criatividade, acho que é uma mais valia para toda a gente.

3.5.8 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO CMAD

Mariana afirma que o CMAD e o seu ensino trazem grandes mais valias a quem o frequenta:

Acho que ajuda muito à integração das crianças, dos jovens, temos um espírito de equipa diferente, trabalhamos em grupo, estávamos no coro e na orquestra juntos, na orquestra tínhamos de estar atentos, com atenção a todos os naipes para conseguirmos fazer um trabalho de grupo que fosse harmonioso. (...) Acho que todas as atividades assim relacionadas com artes, música, dança têm um espírito de equipa que ajuda as crianças a integrarem-se umas com as outras.

Confessa, ainda, que o Conservatório foi das fases mais marcantes da sua vida, tendo-a ajudado a ultrapassar dificuldades de interação social e a descobrir novas paixões como o teatro e o canto:

O Conservatório, para mim, foi das fases mais, assim mais marcantes da minha vida, porque primeiro estava a estudar música que era uma coisa que eu gostava e fui descobrindo que gostava de cantar, que foi uma coisa que não fazia ideia e foi também porque criei muitos amigos e acho que desenvolvi assim mais a minha timidez, deixei de ser tão tímida se calhar e era uma altura que eu me sentia mesmo confortável que era: eu durante a semana esperava pela quarta-feira para irmos todos para o Conservatório e por sexta-feira para irmos todos para o teatro musical e o Conservatório para mim foi uma altura muito feliz da minha vida, mesmo.

3.6 ANA RITA RODRIGUES: O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR E DE COMPLEMENTO AO ENSINO REGULAR. UM CAMINHO DE DESAFIOS, RESILIÊNCIA E PRIMOR.

3.6.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Ana Rita Rodrigues tem 23 anos e integrou a primeira turma de ensino articulado de música do CMAD. Licenciou-se em Economia pela Universidade de Coimbra e, atualmente, frequenta o mestrado em Gestão no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Ana Rita desde cedo que teve contacto com a música e entrou na Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias com cerca de sete anos. Saiu do CMAD no 9.º ano, mas manteve contacto com a música fazendo parte, até aos dias de hoje, da Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias. Ana Rita não sente qualquer arrependimento por não ter continuado a sua formação na área da música e sente-se realizada com o seu percurso, tendo boas perspetivas para o que o futuro lhe reserva.

3.6.2 A MÚSICA COMO UMA ATIVIDADE EXTRACURRICULAR

Ana Rita Rodrigues tem 23 anos e, atualmente, frequenta o mestrado em Gestão no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Apesar de não ter nenhum familiar a exercer profissão na área artística e cultural, Ana Rita desde cedo teve contacto com a área, sendo que o seu pai e tios frequentaram a Banda Filarmónica. No final do seu 2.º ano, início do 3.º ano do primeiro ciclo entrou na Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias, maioritariamente pela necessidade de ter uma atividade extracurricular:

Foi um bocadinho essa necessidade que eu também tinha de ter alguma atividade extracurricular, porque aqui na zona, não é? Ao fim de semana é um bocadinho complicado fazer alguma coisa e se fizermos é sempre com os pais, com a família, não há propriamente assim programas de desporto, de cultura e eu tinha essa necessidade de preencher um bocadinho o tempo e também tinha essa curiosidade de ‘ah quero fazer mais, quero fazer mais’ e pronto, foi a área que surgiu e foi a área que fui experimentar.

Frequentou a Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias durante dois ou três anos até ingressar no CMAD:

Eu já conhecia na altura a equipa fundadora do Conservatório e, portanto, já era uma coisa que eu ouvia falar. E depois para além de já ouvir falar e já ter falado com os meus pais e dizer que já tinha ouvido falar e que era uma ideia interessante, também houve uma grande força na Banda [Filarmónica], porque alguns professores também

faziam parte da equipa do Conservatório, para que de facto ‘ok isto aqui é muito interessante fazer aqui [na Banda Filarmónica], mas que tal sermos um bocadinho mais rigorosos e termos notas associadas a isto, termos mesmo alguma coisa mais séria? Temos um ensino verdadeiramente da área.’ E também como surgiu a oportunidade (...), eu fazia aquilo por ‘desporto’, mas também queria saber mais, ser mais perfeccionista nas coisas, achei uma excelente ideia.

Ana Rita ingressou no CMAD no seu 6.º ano, integrando na primeira turma de ensino articulado de música, por vontade própria e com a compreensão e o apoio dos pais:

Eu acho que os meus pais também perceberam desde início que, para além de eu querer, também é muito importante essa questão de ok, eu chegava a casa, chegava às cinco ou seis [horas] da tarde, estudava, ao fim de semana não fazia nada, se era uma coisa que eu queria, para a qual eu trabalhava e que me dava conhecimentos culturais, se eu tinha tempo e era uma idade perfeita para eu começar a desenvolver esse tipo de conhecimentos, porque não? Não havia nenhum transtorno.

Terminado o 5.º grau do Conservatório e o ensino articulado de música, Ana Rita decidiu abdicar do ensino da música, mas sem a deixar de lado continuando a fazer parte da Banda Filarmónica. No 10.º ano entrou no curso de Científicos e saiu do CMAD:

Eu acho que à partida eu sempre soube que não queria seguir música, se calhar tem um bocado a ver com a personalidade, não sei, mas também nunca foi o estilo de vida que eu quis, mas que de facto me fazia bem a mim porque me metia à prova e tinha novos objetivos semanalmente, que era conseguir aquele estudo, conseguir acabar aquela aula e eu gostava disso.

3.6.3 O PERCURSO “ENRIQUECEDOR E DESAFIANTE” NO CMAD

Ana Rita vê o seu percurso no CMAD como enriquecedor e desafiante:

Gostava de, acima de tudo, que me punha à prova, porque enquanto nós na escola tínhamos uma avaliação, mas era uma avaliação em testes que não vês uma avaliação contínua, que não vês um crescimento, uma evolução, fazes um teste, este ano aprendes isto, para o ano aprendes aquilo, na música é: ‘eu não consigo fazer esta escala, vou treinar mais uma semana’, ‘já consigo’, e essa evolução é assim mais

visível, então eu como criança criava uma expectativa e criava um gosto, mas nunca foi o gosto de ser artista, eu nunca quis isso, sempre tive assente que não queria isso. Mas gostava disso, que era isso, de ultrapassar as barreiras, meter-me à prova, ver a minha evolução a cada semana, a cada período, que era muito mais visível do que na escola.

No 12.º ano ingressou no curso de Economia, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e, atualmente, frequenta o mestrado em Gestão no Iscte– Instituto Universitário de Lisboa. Apesar de o seu percurso se ter desviado do ensino da música, Ana Rita continuou em contacto com a mesma, fazendo até aos dias de hoje parte da Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias: “Estou no 1.º ano de mestrado, continuo a fazer parte da Banda Filarmónica, sempre tive algum contacto. Um contacto completamente diferente, mas pronto, é semanalmente ou de duas em duas semanas.”

3.6.4 A INFLUÊNCIA DO ENSINO ARTICULADO NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Ana Rita considera que o ensino articulado de música influenciou a sua escolha profissional e de formação:

Ajudou-me se calhar a perceber mais o que eu não queria, a perceber se calhar que não tinha perfil para algumas coisas, nomeadamente tudo o que seria assim mais artístico, eu percebi que aquilo era tudo muito incrível, mas que eu nunca ia seguir uma área dessas, porque de facto é preciso ter um certo gosto, uma certa devoção, que eu sempre percebi que de facto não era virada para isso e quando estive em contacto com tanta gente que era músico e que depois quando estava no Conservatório, nós tínhamos o teatro, nós recebíamos artistas, eu percebi que não tinha nada a ver comigo, nada a ver com o tipo de escolhas que eu iria fazer na vida, porque nem sequer tinha perfil para isso. Por acaso ajudou-me a perceber mais aquilo que eu não gostava do que aquilo que eu gostava.

3.6.5 A VOCAÇÃO NA ÁREA ARTÍSTICA

Ana Rita considera desta forma que é necessário ter vocação para seguir a área artística. O trabalho e resiliência são importantes, contudo considera que é sempre necessário ter

algum tipo de vocação e gosto pela música. É um meio de muita competição onde é necessário muito trabalho para além de ter vocação:

Eu tenho colegas que conheço que seguiram por vocação e outros por trabalho e de facto percebe-se quem é que seguiu e à partida não tem tanta vocação, tanto talento, tem uma vida muito mais ingrata, é verdade, porque se for preciso estuda mais e nunca tem a visibilidade que os outros têm. Os outros têm o carisma, uma sensibilidade que se calhar à partida quem não nasce com isso não terá.

3.6.6 AS VANTAGENS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Ana Rita observa várias vantagens em frequentar o ensino articulado de música aludindo à sua própria experiência explicando que, para ela, a ajudou a lidar com o erro e com o facto de que “ninguém é perfeito”:

Eu acho que tinha mais dificuldades em estar na música do que tinha nas outras disciplinas todas da escola, ajudou-me também a lidar com isso, com ter dificuldades, com o nem sempre conseguir, ter que trabalhar mais, com essa resiliência (...) Eu via outros amigos, que aí está, tinham talento e à partida eram muito melhores que eu (...) e se fizesse o mesmo que eles nunca ia chegar lá, eu tinha de trabalhar mais, acho que me ajudou a perceber que de facto as pessoas não estão todas viradas para o mesmo, é preciso trabalhar, que a evolução vem devagarinho não vem num instante e isso é uma coisa incrível, porque até lá ‘ok eu vou fazer isto e amanhã acontece’, na música não, temos se calhar que estudar um ano inteiro para no ano seguinte começar um nível igual ao dos outros.

Apesar de gostar de música e de este ensino lhe ter trazido várias competências e inúmeras mais valias, Ana Rita considera que se tivesse seguido música, este percurso seria marcado por frustração:

Percebi que aquilo não era para mim (...) porque eu ficava demasiado stressada e tinha grande pressão para tentar ser melhor e melhor, (...) gastava muita energia e deixava-me às vezes muito em baixo, por isso, por um lado eu... mas no imediato se calhar senti um bocado o arrependimento, mas se pensar a longo prazo, de facto só me ia trazer mais frustração.

3.6.7 A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES

Ana Rita continua e atenta ao facto de que os professores influenciam a qualidade dos alunos e da escola, não só por uma questão de exemplo, mas também pela visibilidade que podem dar:

Nós na altura tínhamos todos excelentes professores, eu lembro-me que quando conversava convosco, eu acho que até posso ter a ideia errada, mas a ideia que eu tenho é que a nível de professores, nós tínhamos professores muito melhores do que eles têm atualmente e acho que isso também nos dava a nós uma visibilidade e também nos dava assim um entusiasmo que atualmente eu não vejo tanto, mas também estou afastada e posso ter a ideia errada.

Ana Rita acredita que a profissão de músico e de outras atividades artística é subvalorizada e instável em Portugal:

Não há investimento, não há reconhecimento, mesmo na rua se disseses ‘sou ator de teatro’ dizem ‘o que é que é isso, é nos tempos livres?’ E acho isso ridículo e um bocado assustador, são pessoas que, como eu conheci algumas, trabalham imenso e depois falta a parte, também importante, que é o reconhecimento, é ter essa segurança laboral.

3.6.8 A FALTA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NA REGIÃO

Atualmente, Ana Rita não frequenta com regularidade atividades artísticas e culturais, apesar de ter empatia pela área:

Sinceramente, eu tento, se tiver disponibilidade (...) eu não sou muito de ter iniciativa, de fazer, acho que tem a ver com a minha personalidade, (...), mas sempre que combinam comigo, seja os meus amigos ir ao cinema, ‘vamos ali ver um concerto’ eu digo sempre que sim aí está, eu nunca tenho a ideia, mas digo sempre que sim, acho que tem a ver comigo, não tem a ver com gostar ou não gostar de ver.

Na região onde se insere o CMAD, Ana Rita observa a falta de oferta de atividades culturais, ressaltando o trabalho do Conservatório:

O grande, aliás, não é o grande, mas à partida o que tem uma dimensão considerável serão os musicais e mesmo assim uma orquestra vir cá ou assim são raras as vezes e quando vêm também é só no Conservatório, enquanto que o musical está no Carregal [do Sal], está em Santa Comba [Dão], como está em Tábua. (...) São menos publicitados os concertos, os musicais são mega publicitados, têm mais público sem dúvida alguma.

3.6.9 PERSPETIVAS FUTURAS

Atualmente sente-se realizada com o seu percurso e tem boas perspetiva para o que o futuro lhe reserva:

Eu estava muito inclinada para engenharias, mas ainda bem que escolhi economia, que eu adorei estudar economia. E agora, no mestrado de Gestão, eu acho sempre que ‘se calhar isto não é para mim’, mas acho que, no final, agora também estou a acabar o 1.º ano de mestrado, começo a pensar ‘não, de facto, eu gosto disto’ e, agora, sinto-me cada vez mais concretizada, mas para o ano, vou fazer um ano de tese e depois isto, estava em alguns processos de recrutamento que, entretanto, tive de desistir, porque tive mesmo de optar por fazer só tese, porque não dava para conciliar as duas coisas.

3.7 LUÍS CARLOS PINTO: DE TROMPISTA, A ATOR, APRESENTADOR E ENGENHEIRO INDUSTRIAL. O MEDO DA INSTABILIDADE NO MEIO ARTÍSTICO E CULTURAL E A SEGURANÇA E ESTABILIDADE DE UM CURSO SUPERIOR EM ENGENHARIA.

3.7.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Luís Carlos Pinto tem 23 anos e frequenta o último ano de mestrado em Engenharia Industrial no IST – Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Entrou na Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias com cerca de sete anos e integrou a primeira turma de ensino articulado de música do Conservatório de Música e Artes do Dão. No 10.º ano seguiu a área de científicos, mas continuou no ensino de teatro musical até ao 12.º ano, quando se candidatou à licenciatura de Engenharia Industrial no IST - Instituto Superior Técnico. O seu percurso académico foi dividido entre a vontade de seguir o mundo das artes e ter um “plano B” que lhe

trouxesse estabilidade financeira. Atualmente considera que tomou a decisão certa, apesar de continuar a ter interesse e paixão pelo mundo artístico, em especial pela representação e apresentação.

3.7.2 OS PRIMEIROS CONTACTOS COM A MÚSICA

Luís Carlos tem 23 anos e está, atualmente, no último ano de mestrado em Engenharia Industrial no IST – Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Nasceu no seio de uma família de músicos amadores e com cerca de sete anos entrou na Banda Filarmónica Fraternidade de São João de Areias por imposição do seu tio, até então Presidente da Banda. Apesar de ter entrado na Banda Filarmónica por obrigação, Luís Carlos não sentiu o peso da obrigação, mostrando-se entusiasmado com o contacto com a música: “Era toda uma experiência social para mim, era uma coisa que eu nunca tinha tido contacto e de repente estava ali com pessoas mais velhas a aprender uma coisa nova e comecei a gostar imenso”. Começou com aulas de percussão e solfejo e só meio ano mais tarde é que começou a aprender a tocar um instrumento, neste caso trompete, mas passado algum tempo, com a chegada de novos instrumentos à Banda Filarmónica, Luís Carlos trocou o trompete por trompa:

Só passado meio ano é que me deram um instrumento, neste caso foi trompete, que eu não conhecia, só conhecia o saxofone alto (...) porque era o instrumento que os elementos da minha família tocavam. Estive a tocar trompete mais ou menos um ano e depois chegaram à Banda [Filarmónica] trompas. (...) Mudei para trompa e estou há mais de 10 anos a tocar trompa.

Para além da Banda Filarmónica, Luís Carlos também tinha aulas de música na escola primária, o que influenciou ainda mais a sua entrada no CMAD:

Nós para além da Banda [Filarmónica], começamos a ter aulas de música na primária e foi também aí, na primária, no meu 4.º ano, foi quando aí começaram a sondar alunos que possivelmente gostariam de ter um ensino especializado de música, para além da Banda Filarmónica e foi então que criaram o Conservatório. (...) Nós tivemos uma reunião, connosco e com os nossos pais, os pais dos alunos todos disseram logo que sim e nós também. E foi então assim que começou a minha aventura no Conservatório.

3.7.3 O DESPERTAR PARA O MUNDO ARTÍSTICO

Luís Carlos considera que a sua entrada no CMAD foi uma descoberta do mundo das artes, não só da música com que já tinha contacto, mas também da dança, canto e teatro: “Porque a [Banda] Filarmónica era música, não é que seja mau, mas era música e nós pelo Conservatório começámos a descobrir os outros mundos, tanto o teatro musical, tu sabes, classes de conjunto, canto, porque nós tínhamos coro, artes plásticas”. Contudo, elege o teatro musical como a disciplina que lhe despertou mais interesse e que gostava mais, tendo continuado a frequentar o teatro musical mesmo depois da saída do CMAD no 9.º ano, como uma atividade extracurricular no ensino Secundário: “O que eu gostei mais do Conservatório foi do teatro musical, que era uma coisa que eu sempre gostei desde pequenino e nunca tinha tido a experiência e desde o momento que tive adorei”.

Terminado o ensino articulado, decidiu deixar o ensino da música ingressando no curso de Científicos no 10.º ano. No início do seu Secundário teve algumas dúvidas e decidiu inscrever-se, no 11.º ano, no ensino de música complementar do CMAD, até que desistiu definitivamente do ensino da música:

Eu ainda tentei no 11.ºano, ainda fui para o ensino complementar em que andava no curso de Científicos e no curso de música ao mesmo tempo, só que depois comecei a pensar que se calhar não era bem a música que eu queria seguir, o ensino profissional e comecei então a pôr de lado, (...) a não pôr tanto esforço, a não dar tanto esforço, a não pôr tanto empenho na música como punha no meu curso.

3.7.4 A INCERTEZA DE UMA CARREIRA ARTÍSTICA E “O PLANO B”

As dúvidas de Luís Carlos em seguir uma carreira artística acentuaram-se, principalmente, devido à instabilidade da profissão e às influências do seu seio familiar:

Pesou bastante a nível profissional onde é que eu iria ter uma segurança maior, porque eu sempre pensei ir [para o mundo artístico], mas os meus pais sempre me fizeram ver isso, que eu com um curso, digamos sólido, em que pudesse ter um bom emprego, poderia sempre fazer como hobby a parte artística. Eu sei que não é bem assim e ambos sabemos isso. Mas havia sempre, ou seja, havia um curso dito seguro

e depois, eventualmente, se quisesse seguir o meio artístico e se corresse mal, tinha sempre um plano B.

Desta forma, e também por pressão familiar e social, Luís Carlos deixou de lado o ensino artístico e candidatou-se a Engenharia Industrial:

Acabei por pôr de lado o lado artístico, apesar de sempre gostar e de sempre ter ‘o bichinho’ dentro de mim. (...) Também por medo de como é o estado da cultura e da arte no nosso país. (...) Acho que foi também o medo da instabilidade da profissão que me levou a escolher uma outra profissão fora do mundo da arte.

3.7.5 PARA UM PERCURSO DE “SUCESSO” É NECESSÁRIO MUITO TRABALHO E É ESSENCIAL TER VOCAÇÃO

Luís Carlos considera ser essencial ter vocação, mas o trabalho é, em grande parte, o fator que distingue um percurso de “sucesso”:

É 90% trabalho e 10% de talento. (...) Tu podes ser bastante talentoso, e eu considero que sou talentoso, mas depois não tinha a parte do trabalho, (...) o meu plano era ter um plano sólido para que se as artes não corressem bem, tinha outro plano, mas depois nunca fiz nada para lutar pelo meio artístico. Agora não sei se era a falta de coragem minha, falta de arriscar.

3.7.6 A FALTA DE OFERTA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS NA REGIÃO

Luís Carlos sempre gostou de frequentar atividades artísticas e o seu primeiro contacto foi através dos concertos da Banda Filarmónica e mais tarde através dos teatros da escola. Contudo, salienta que não frequentava mais atividades artísticas e culturais porque teria de se deslocar até grandes cidades: “Lá está, nunca tive assim muita oportunidade, porque ou íamos a Lisboa ou ao Porto e não era uma coisa fácil para nós irmos”.

Apesar de não ser fácil assistir a outros espetáculos, considera que:

Nós temos alguma sorte nosso concelho de ter, de dar [o concelho de Santa Comba Dão] bastante importância à arte. Acho que o nosso concelho dá importância à arte e ao futebol, mais nada, e acho que isso é o principal que o nosso concelho tem a oferecer.

Luís Carlos observa que se vivesse numa cidade grande talvez pudesse ter mais oportunidades, mas poderia não se ter interessado pela arte pelo facto de haver uma maior diversidade de oferta de atividades extracurriculares. Na cidade onde cresceu, ele acabou por optar por aquela que lhe despertava mais interesse entre as existentes, futebol ou música, através das Bandas Filarmónicas:

Aqui como só há arte, arte ou futebol, ou tu ias para um ou tu ias para o outro, e eu não gostando muito de futebol tinha a arte, que apareceu assim na minha vida e se calhar se tivesse numa grande cidade, como o leque de opções era tanto, se calhar teria ido por outra coisa em vez de arte.

Luís Carlos menciona ainda a escassez de oferta de atividades culturais e artísticas na região onde o CMAD se insere:

Aqui na nossa região não pensava em mais, não há oferta. Ou vinham companhias de teatro aqui a Santa Comba [Dão], que não é assim uma coisa comum de acontecer, ou então não. O único exemplo que poderíamos ver, e que eu vi algumas vezes, era teatro amador por algumas associações do concelho que faziam, lá está não passa de teatro amador, e não tirando o valor, que acho que com os recursos que têm e os meios que têm, é muito bom, mas lá está, não é profissional.

3.7.7 AS MAIS VALIAS DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Luís Carlos entrou no CMAD sem saber se queria seguir música, mas com a certeza que iria aperfeiçoar uma aptidão e que o ensino articulado lhe traria inúmeras mais valias:

No início foi mais como uma aptidão, ou seja, era uma mais valia, eu sabia que mesmo que não seguisse música como vida, como vida profissional, sabia que aquilo era uma mais valia para mim em todos aspetos, quer a nível de conhecimento, de cultura e de socialização. Devido a todos os eventos que há neste meio e a todas as oportunidades que o Conservatório ofereceu como encontros nacionais de música (...), tu conhecias imensa gente e, lá está, era o que possibilitava sair daqui e teres contacto com outras realidades.

Luís Carlos destaca ainda as vantagens de frequentar o ensino articulado de música como sendo uma mais valia, quer a nível social, como intelectual e cultural:

A nível pessoal acho que me desenvolveu imenso, a nível intelectual, a nível cultural, a nível de socializar, tornei-me uma pessoa muito mais fácil de me adaptar aos meios em que estou e acho que uma das vantagens principais que o Conservatório me deu foi a capacidade e habilidade de conseguir estar num sítio e quebrar logo o gelo. (...) Deu-me esse tipo de inteligência emocional, de saber lidar com instabilidades, a adaptação, a disciplina também.

Sobre estas vantagens, Luís Carlos menciona ainda que as aulas de orquestra foram muito importantes no seu percurso e foi das disciplinas onde adquiriu mais aptidões, o facto de não ser um trabalho individualista, como as aulas de instrumento, fez com que o entrevistado se tornasse mais rigoroso no seu trabalho: “Mesmo que sejas um solista, mesmo que sejas um músico solista, é sempre um trabalho de equipa e acho que isso foi o principal, é saberes que as coisas têm de ser feitas em equipa e que dependes sempre dos outros”. Ele continua dizendo que estas características da sua personalidade foram desenvolvidas através do ensino articulado de música, tendo-o ajudado também a aprender a comunicar, saber lidar com pessoas das mais diversas áreas e *backgrounds*, o que o ajuda atualmente no mercado de trabalho na sua área de formação. Luís Carlos ressalta ainda a importância da interação com o mundo da música e das artes em geral numa idade jovem, afirmando que ajuda no desenvolver de determinadas habilidades, competências e valores que “eu penso que se não tivesse ido para o mundo das artes não iria ter”.

3.7.8 AS DÚVIDAS E A IMPORTÂNCIA DE UMA SEGUNDA PROFISSÃO

Nos primeiros anos de licenciatura surgiram várias dúvidas sobre a decisão que tinha tomado, mas, com o tempo, Luís Carlos apercebeu-se que tomou a decisão certa, apesar de ainda hoje pôr em causa a sua decisão de não investir numa formação artística, em consequência da sua paixão pela apresentação:

Nos meus três primeiros anos, apercebi-me que tinha tomado a decisão certa, pronto e foi sempre uma decisão que me que me atormentou e que me atormenta, se calhar

não nessa palavra tão pesada, mas sempre pus em causa se estava a seguir o caminho certo, se realmente é isto que eu gosto.

Comparando o curso em que se encontra atualmente e possibilidade de seguir um curso de representação, Luís Carlos diz que o teatro, a representação e, principalmente, a apresentação: “Era o que eu gostava mesmo e era no que eu me sentia feliz e sinto mesmo felicidade quando estou a fazer uma apresentação”. Contudo, e apesar de sentir que está a fazer um bom trabalho na área da engenharia, nunca sentiu a mesma realização, enfrentando até, em certas etapas, a engenharia como “tenho que fazer isto para tentar sobreviver”. Nas alturas de dúvida e incerteza, Luís Carlos confessa que pensou várias vezes que não tomou a decisão certa em ter desistido de uma formação artística, no entanto, foi “a mais sensata na altura”.

Luís Carlos confessa ainda que seguiu engenharia por ser o mais seguro: “Posso dizer que fui um bocadinho covarde por não ter tido a coragem suficiente e ter seguido aquilo que era mais seguro”. A mentalidade da população da região também ajudou a que ele tivesse mais receio de seguir uma carreira artística, aliado à sua educação e à influência do seu seio familiar em seguir um curso que lhe trouxe-se mais estabilidade financeira:

Eu acho que a cultura e o meio em que estamos inseridos não é fácil, não é que as pessoas não deem o devido valor à cultura, mas eu acho que a nossa mentalidade aqui na região é muito: ‘ok, a cultura é muito importante, mas não deixa de ser um *hobby*’, ou seja, nunca deixa de ser vista como uma coisa secundária que tu podes fazer na vida e não com uma coisa principal que podes seguir como profissão.

Ressalva o facto de que as profissões de índole artística, para além de terem um caminho de progressão mais difícil, o retorno monetário também não é o melhor quando comparado com outras profissões: “não é tão gratificante a nível monetário e de valorização social, ao valor que as pessoas te dão”.

3.7.9 A LIGAÇÃO COM O MUNDO ARTÍSTICO

Atualmente o contacto que Luís Carlos ainda tem com a música é através da Banda Filarmónica e estar em Lisboa permite-lhe também frequentar outras atividades artísticas: “Lisboa dá-me a possibilidade de poder ver imensas peças de teatro, musicais, concertos”.

Contudo a sua condição de estudante não o permite frequentar tantas atividades artísticas quanto gostaria: “Não por não querer, mas também a nível financeiro, porque parecendo que não é dispendioso e tu, como estudante, conseguires ir ver uma peça de teatro por mês ou todas as semanas, não vou dizer que é impossível, mas torna-se difícil”.

Luís Carlos menciona ainda a falta de apoios do Governo e das várias organizações competentes e ainda das faltas de incentivo para as pessoas irem mais ao teatro, por exemplo: “Quando falam que as pessoas não vão ao teatro, não participam na cultura e depois não há um incentivo, ou seja, aqueles que podem, muitas vezes não vão, os que não podem não tem qualquer tipo de incentivo para poderem ir ver”.

Luís afirma que o CMAD não lhe deu a vontade de frequentar atividades artísticas, essa sempre teve, mas ajudou-o a valoriza-las: “Acho que iria ter sempre vontade, porque a vontade iria estar lá, mas não daria tanto valor.” Considera que foi importante ter na sua formação o ensino da música e que isso também o ajudou a valorizar todo o trabalho que está por detrás de um concerto ou de uma peça de teatro, todas as horas de estudo e ensaios que levaram àquele produto final:

Como nós passámos por todo aquele meio e por todo o trabalho que aquele meio necessita, (...) quando nós vamos ver uma peça de teatro, por exemplo, nós olhamos, não só como entretenimento, mas também tentamos absorver tudo o está a ser feito, o trabalho que está por detrás.

Luís Carlos recorda a sua passagem no CMAD como uma mais valia no seu percurso e, apesar de não se sentir arrependido das suas escolhas, continua a ter dúvidas que este seja o caminho que o deixe mais realizado.

3.8 LEONARDO COELHO: DO VIOLINO, À BATERIA, GUITARRA E POR FIM À FLAUTA TRANSVERSAL. A PAIXÃO PELA MÚSICA E A PROCURA CONSTANTE POR MAIS E MELHOR FORMAÇÃO

3.8.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Leonardo Coelho tem 22 anos e é licenciado em música pela Universidade de Aveiro. Frequentou o CMAD do 5.º ao 9.º ano e, no Secundário, mudou-se para Espinho, onde frequentou o curso profissional de música lecionado pela Escola Profissional

de Música de Espinho. Atualmente, frequenta o mestrado em Ensino na Universidade de Aveiro e ambiciona alargar a sua formação musical no estrangeiro.

3.8.2 O CRESCIMENTO DE MÃOS DADAS COM A MÚSICA

Leonardo Coelho tem 22 anos e frequenta o mestrado em Ensino na Universidade de Aveiro. Começou a ter aulas de música apenas com quatro anos, confessa que o facto do seu pai ser músico e professor de música o ajudou a ter contacto com o mundo artístico e musical desde muito cedo. Leonardo, atualmente, toca flauta transversal, contudo experienciou vários instrumentos, como violino, guitarra e bateria, mas apenas na entrada para o Conservatório e por influência do pai, escolheu o seu instrumento definitivo: flauta transversal. Frequentou o CMAD do 5.º até ao 9.º ano do ensino Básico e considera que foi a partir do seu 8.º ano que decidiu seguir a área da música, contudo o 9.º ano do ensino Básico foi decisivo:

O meu 9.º ano foi o mais fulcral, foi o último professor, foi aquele que disse ‘já consideraste a hipótese?’ Aí foi mesmo, ok se calhar posso mesmo ir para Espinho, posso tentar fazer isto, porque não? Foi o professor sem dúvida que mais influenciou e ajudou também a chegar lá.

3.8.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES

Leonardo considera que quando se escolhe estudar música os professores são um ponto crucial na escolha das escolas:

É que hoje em a dia ainda é um bocadinho pelos professores que a gente vai atrás. E eu digo isto porque pronto, tu sabes, estou a estudar música e nós vamos um bocadinho, e eu sempre fui, mas quando foram as provas da universidade era ‘quem é que dá aulas aqui? Quem é que dá aulas ali? O que é que eles fizeram? Com quem é que eles estudaram? O que é que eles nos podem trazer?’. Então acho que sim, sem dúvida, que antes de ir para Espinho, uma das minhas maiores influências foi o meu professor e depois o Igor e o Zé estarem lá também [Igor Varela e José Pedro Morais, ambos também entrevistados], foi saber da escola, daquilo que ela nos podia proporcionar, mas sim os professores são sem dúvida, se forem bons, que tu conheças bem e que te ajude, acho que pode ser o gatilho.

3.8.4 O ENSINO PROFISSIONALIZADO DE MÚSICA E AS DÚVIDAS DURANTE O PERCURSO DE FORMAÇÃO

Terminado o 5.º grau do conservatório e o 9.º ano do ensino Básico, Leonardo escolheu ingressar no curso profissional de música da Escola Profissional de Música de Espinho. Apesar de algum receio demonstrado pelos pais, estes apoiaram a sua decisão:

Na altura eu nem estava muito à espera de um ‘podes ir’ ou ‘não podes ir’, eu não fazia ideia. E acho que foi bastante positiva a reação deles, desde inicio que eles disseram ‘ok se é isso que queres tudo bem, agora pensa bem nisso, não vás só por ir. Tens 15 anos, és novo não vás só pela ideia de ir morar sozinho’, mas apoiaram sempre bastante as minhas decisões.

Ao longo do tempo que estudou na Escola Profissional de Música de Espinho, ele diz ter-se sentido confiante na sua decisão, contudo mais tarde começaram a surgir algumas dúvidas sobre a decisão que tinha tomado:

Durante Espinho se calhar não, mais tarde, sim, pensar ‘epá isto não é bem...’ A gente às vezes tem uma ideia que..., sei lá. Aqui em Portugal nós temos uma ideia de que, claro que podemos tocar, mas há poucos sítios para tocarmos, passa muito pela parte de irmos dar aulas. Por isso é que acho que só mais tarde, mais depois de Espinho é que pensei ‘será que foi a melhor ou a pior escolha?’. Foi uma escolha, fui eu que fiz e claro na altura só queria tocar.

3.8.5 A PREPARAÇÃO DO ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Olhando para trás, Leonardo considera que o ensino articulado de música lhe deu boas bases para o ingresso no curso profissional de música, contudo salienta que o percurso de formação é feito pelo aluno, cujo empenho está intrinsecamente ligado ao seu aproveitamento:

Para a maioria das coisas penso que sim, que ia bem preparado. Claro que havia coisas que poderia ter desenvolvido mais, até porque, foi como te disse, acho que foi mais no 9.º ano, o ano antes de ir para lá que foi ‘ok este pode ser o caminho’ e foi nesse ano que comecei a estudar mais, a empenhar-me mais, foi o ano que fiquei

mais focado para isso e lá está, cheguei lá e podia ter desenvolvido muitas outras capacidades, mas no geral acho que ia minimamente bem preparado.

3.8.6 O ENSINO SUPERIOR

Concluído o Secundário, Leonardo candidatou-se à licenciatura de Música, na Universidade de Aveiro, especializando-se no seu instrumento:

A minha licenciatura é música e a especialização é o nosso instrumento, no meu caso flauta transversal, mas lá está depois também depende um bocadinho de universidade para universidade, as cadeiras que tens e essas coisas, mas sim a base do curso é performance, tens sempre a parte teórica claro, mas a base do curso é performance, ou seja, instrumentista.

Terminada a licenciatura candidatou-se ao mestrado em ensino: “Neste momento estou no primeiro ano de mestrado, fiz três anos de licenciatura e agora estou no primeiro ano de mestrado em Ensino, tudo em Aveiro”. A escolha do mestrado em Ensino foi uma escolha tomada por Leonardo como um “plano B”, sendo que gostaria de ser instrumentista, contudo existem poucas oportunidades em Portugal de pertencer a uma orquestra, sendo que o ensino da música acaba por ser uma opção mais segura caso não pretenda sair de Portugal.

3.8.7 O TRABALHO ALIADO À VOCAÇÃO

Leonardo observa que para seguir uma carreira no mundo artístico é necessário ter uma certa vocação, mas não só, o trabalho e empenho também são parte importante e fundamental para se ter “sucesso”:

Eu acho que quem goste de música, pode não saber tocar, pode não saber nada, mas quem goste de música e sinta vontade de, talvez depois aprender, vai ter sempre hipótese de chegar lá. E lá está, isso depois aliado ao trabalho, sempre, porque essa parte é fundamental, não há cá só a vocação, isso aí sim. Há pessoas que tu pensas ‘não, esta pessoa não podia estar a fazer outra coisa, tinha de ser isto’, são génios mesmo, mas isso há em todas as áreas, agora claro que tu te sentires motivado e teres uma boa base de trabalho também, acho que qualquer um pode chegar lá.

3.8.8 O ENSINO DA MÚSICA COMO UM COMPLEMENTO DE FORMAÇÃO

Para Leonardo, o ensino da música e, em especial do ensino articulado de música, é importante, não só para quem quer seguir música, mas também para quem segue outras áreas de profissionalização, sendo que desenvolve várias competências para além das competências musicais:

É assim, muita gente não segue ou nem sequer liga à música, mas fala-se também muito na música como um meio para. A música já é suficiente para uma coisa só, ou seja, dá tanto trabalho como uma matemática ou o que quer que seja, mas é muito bom para desenvolver outras capacidades cognitivamente e não só, concentração, organização, trabalho em grupo etc.

3.8.9 A RELAÇÃO COM ATIVIDADES CULTURAIS E ARTÍSTICAS E FALTA DAS MESMAS NA REGIÃO

Sendo músico, Leonardo dá preferência a idas a concertos, todavia gosta também de ir ao cinema, confessando que não gosta tanto de ir a museus ou ao teatro. Salienta a falta de ofertas culturais na região onde se insere o CMAD, mencionando que teria de se deslocar até Viseu ou Coimbra para participar de atividades artísticas com mais regularidade. Contudo, ressalva a importância do trabalho desenvolvido pelo CMAD nesse aspeto:

Volta e meia, o Conservatório vai fazendo umas coisas, mas se quiser algo, não quero dizer com mais nível, não é esse o ponto, quero dizer algo mais, sei lá, porque os espetáculos aqui no CMAD são sempre de alunos, algo mais profissional é muito raro haver aqui em Santa Comba [Dão], nós sabemos muito bem isso, é raro haver. (...) Fico muito contente e satisfeito por estarem [CMAD] cada vez mais a tentar dinamizar a nossa terra e tudo mais e hoje em dia quase toda a gente passa pelo CMAD.

3.8.10 A “RAMPA DE LANÇAMENTO”

Leonardo recorda o CMAD como sendo uma grande escola e considera que foi a sua “rampa de lançamento” para o mundo da música:

Foi uma rampa, foi onde eu comecei, foi onde eu aprendi a tocar flauta, não aprendi nas Bandas [Filarmónicas] como muita gente. Lá está, muita gente começa na Banda [Filarmónica] e eu só entrei depois de já estar no Conservatório e agradeço por ter apanhado o professor que apanhei e de me ter direcionado para Espinho. (...) Eu penso no Conservatório como, lá está, uma rampa para me lançar, digamos assim. Foi onde comecei, foi onde tive a experiência de tocar em orquestra, quando pensei ‘opá isto afinal é bom’ e pronto, acho que é um bocadinho por aí.

3.8.11 ESPECTATIVAS FUTURAS

Apesar de estar a frequentar o mestrado em Ensino, que considera ser um passo seguro em Portugal, Leonardo ambiciona conhecer outros professores e aprofundar a sua formação no estrangeiro:

É assim, eu estou um bocadinho lá, no mestrado em Ensino, porque, lá está, era o que estava a dizer há bocadinho, cá em Portugal se queremos dar aulas temos, porque somos praticamente obrigados a ter esta especialização, de ir para o mestrado em Ensino porque se não, não há hipótese, mas neste momento se calhar não sei se vou acabar já, se vou para o ano fazer tudo, se não. Este ano provavelmente não, mas a ideia é se calhar ir fazer umas provas, ir ter aulas, ir conhecer uns professores lá fora, tentar também criar outras oportunidades e ver como corre.

3.9 SÓNIA PAIS: DE SANTA COMBA DÃO À ESFERA INTERNACIONAL – UM CASO DE SUCESSO

3.9.3 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Sónia Pais tem 22 anos e toca flauta transversal. Frequenta, atualmente, a licenciatura em música, na Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlin, em Berlim, na Alemanha. Frequentou o ensino articulado de música lecionado pelo CMAD do 5.º ao 9.º ano do Ensino Básico. No 10.º ano decidiu ingressar no curso profissional de música, lecionado pela Escola Profissional de Música de Espinho. Terminado o 12.º ano, frequentou durante meio ano o curso de música na Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO), em Lisboa. Atualmente, está feliz com o caminho

que escolheu e sente-se realizada, contudo, ambiciona um dia poder estudar biologia: “satisfazer esta minha coisa de perceber como é que as coisas funcionam”.

3.9.4 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

Sónia Pais tem 22 anos e frequenta atualmente a licenciatura em música na Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlin, em Berlim, na Alemanha. Começou o seu percurso na música com cerca de sete anos por influência da irmã mais velha 10 anos:

Nós olhamos para a irmã como modelo e tudo isso e pronto, uma vez que ela andava lá e os meus pais também sempre a apoiaram bastante para estar na música e na [Banda] Filarmónica em especial então, quando chegou a minha altura de ir para a Banda [Filarmónica], o que mais queria era tocar o mesmo instrumento que a minha irmã.

3.9.5 DA BANDA FILARMÓNICA À ENTRADA NO CMAD

Sónia diz ter entrado na Banda Filarmónica muito pela influência da irmã, contudo a evolução na aprendizagem, aliada aos momentos de convívio e confraternização que esta proporcionava fizeram Sónia apaixonar-se verdadeiramente pela música. Quando surgiu a oportunidade de ingressar no Conservatório, ela admite que se sentia tão realizada com a Banda Filarmónica que não pensou em ingressar, todavia os pais incentivaram-na a ter um ensino mais profissionalizado:

Eu lembro-me de que quando o Conservatório abriu era o Professor Paulo, o Pedro Carvalho que na altura era também nosso maestro [maestro da Banda Filarmónica de São João de Areias] e mais outra equipa, fizeram uma ronda pelas [Bandas] Filarmónicas a apresentar o projeto que tinham, o Conservatório. (...) E chamaram também os meus pais e eu na altura pensei: ‘estou tão feliz com a [Banda] Filarmónica que não preciso de mais nada’, sabes? (...) mas os meus pais fizeram-me perceber que era diferente, que era uma escola, que ia ter mais disciplinas, que era mais direcionado, que era diferente da Banda [Filarmónica].

3.9.6 O ENSINO ARTICULADO DE MÚSICA

Sónia observa que, apesar do pouco tempo livre, o ensino articulado de música é uma mais valia no percurso de formação, quer pessoal, quer profissional de qualquer pessoa desenvolvendo várias competências importantes:

Não tens tempo extra, para além disso ainda tens de estudar para o Conservatório, mas eu acho que ajuda muito a saberes gerir o teu tempo desde cedo e acredito muito também que a parte musical te traz outras competências para além de estudarmos um instrumento. Para além de competências sociais, que acho que é superimportante e que acho que, no Conservatório, sempre apelaram muito a isso. Em todos os concertos, a ter teatro, eu já mais me imaginaria a fazer teatro e, no entanto, fiz o musical. E isso traz-te muita bagagem, muito conhecimento, para além da tal gestão de tempo, por isso acho que é uma experiência bastante positiva. (...) Acho que te desenvolve muito mais rápido, ajuda muito cognitivamente.

Recorda ainda a opinião da sua diretora de turma do ensino Básico:

Eu lembro-me que a minha diretora de turma sempre disse que as turmas do Conservatório, quando começaram a surgir, sempre foram as turmas com melhores resultados às outras disciplinas e eu acho que também, penso que seja muito também pela gestão de tempo, que tens de gerir, porque é assim, ao contrário dos outros que têm uma tarde livre, na teoria, para poderem fazer trabalhos de outras disciplinas, estudar e assim, a tua quarta-feira é um dia igual aos outros, não tens tempo extra, para além disso ainda tens de estudar para o Conservatório.

3.9.7 A IMPORTÂNCIA DOS PROFESSORES NA SUA TRAJETÓRIA E TOMADA DE DECISÃO

Terminado o 9.º ano e o 5.º grau do Conservatório, Sónia estava dividida entre seguir música ou a área de Científicos, para mais tarde ingressar no curso de Biologia. Porém, a opinião e ajuda do seu professor de flauta foi um fator importante na sua decisão, acabando por se candidatar ao curso profissional de música em Espinho:

Houve uma pessoa que foi mesmo muito importante para isso, que era o meu professor do Conservatório na altura que era o Professor Samuel Couto e eu não

tinha, não posso dizer que tinha, a certeza. Eu não tinha certezas nenhuma, eu adorava música, mas adorava também ciências, sempre fui doida pela parte da biologia e tudo isso e não foi uma decisão fácil, mas na altura era eu e o Leonardo [Leonardo Coelho, também entrevistado], erámos os alunos mais velhos dele e ele contou-nos um bocadinho a experiência dele, contou-nos que tinha estudado na Escola Profissional de Música de Espinho e, pronto, é uma escola de muito renome e muito antiga, uma escola com “E” grande por assim dizer, já com muitos anos de experiência.

Apesar de ter tomado esta decisão, Sónia continuava com algumas dúvidas sobre o caminho a seguir: “Eu segui música porque gostava muito, mas também porque o Professor Samuel me ajudou bastante a ver os caminhos e a ver um pouco mais além”.

A importância dos professores e a influência dos mesmos na trajetória de formação dos músicos é notável:

Claro que é muito importante as instituições por onde passas, onde estudas, (...) mas também com quem estudas, [a ANSO] tendo o professor que tem, o Professor Nuno Inácio, não importa tanto eu dizer que estudei na ANSO, mas importa dizer que eu estudei com o Professor Nuno Inácio, percebes? Portanto, é importante a instituição por onde passas, mas também especificamente o professor que tens.

Sónia, para além de salientar a importância de mencionar o professor com quem estudou, mais até do que a escola que frequentou, salienta também que nem sempre as conquistas de um aluno estão ligadas ao seu percurso, pode ter um percurso de excelência, mas na altura de fazer uma prova, se esta lhe correr menos bem não consegue o lugar, mesmo que tenha um percurso de formação exímio. Aqui a subjetividade dos gostos de quem está a avaliar também tem um peso importante, tornando a trajetória de um músico, por vezes, ingrata:

Na hora da verdade tens de fazer uma prova e tens de mostrar que tens capacidade, que estás apto e para além disso, às vezes, e é um bocadinho ingrato nesse aspeto não é como uma pessoa de matemática que tira 20 e o 20 serve para todo o lado, tu podes ser um músico incrível para mim, mas se calhar para o meu colega do lado do júri tocas muito bem, mas não lhe tocas, percebes? Tem muito também um cariz

pessoal e dos gostos pessoais de cada um, o que é um bocadinho ingrato, mas é como funciona.

3.9.8 O APOIO INCONDICIONAL DOS PAIS

Sónia pôde desde sempre contar com o apoio e incentivo dos pais para seguir música profissionalmente, mesmo que estes não tivessem muito contacto com o mundo artístico:

Os meus pais sempre me apoiaram nesse sentido, para eles também é uma coisa bastante nova, não é? Quer dizer, o meu pai é mecânico, a minha mãe trabalha com ele, não é que sejam pessoas retrógradas, mas aqui no nosso meio, se não fosse o Conservatório onde é que se falaria de seguir música profissionalmente? ‘Mas o que é que fazes?’ É sempre essa a pergunta, agora um bocadinho menos, está mais desmistificado, mas ‘estudas música e mais?’ E acho que os meus pais nesse sentido sempre foram muito abertos e confiaram muito em mim e também lhes agradeço muito, porque acho que não é fácil teres um filho a dizer-te que quer seguir uma profissão que nem ele entende ao certo o que é que é e o que vais fazer. Então pronto, eles também sempre me apoiaram, se acontecer alguma coisa podes sempre voltar.

3.9.9 A ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR E A IDA PARA O ESTRANGEIRO

Concluído o ensino Secundário, Sónia realizou várias provas de admissão para várias universidades em Portugal, não estando nos seus planos próximos ir para o estrangeiro, contudo surgiu a oportunidade de se candidatar a uma universidade de renome em Berlim, na Alemanha. Foi então que, após meio ano de formação na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, se candidatou com sucesso à universidade Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlin, em Berlim. Este processo foi, uma vez mais, marcado pela influência de professores:

Eu fiz diversas provas, sempre em Portugal, antes, quando terminei o 12.º ano não estava nos meus planos próximos ir para o estrangeiro e então acabei por fazer meio ano em Lisboa, na Academia Nacional Superior de Orquestra, fiz lá meio ano, só que entretanto no verão antes de ir para Lisboa conheci uma das professoras que dá aulas na universidade onde eu estou em Berlim, (...) eu gostei muito dela, gostei muito da maneira de como ela trabalha e no final da *masterclass* falei com ela a dizer

que, pronto, a minha situação, que ia estudar para Lisboa e ela disse ‘olha, porque é que não fazes provas para Berlim? Não te garanto nada, mas é uma opção, acho que terias possibilidade de entrar’. E eu, apesar de estar muito feliz em Lisboa com o meu professor, que era o Professor Nuno Inácio, pensei: porque não? Vou fazer a prova e logo se vê.

3.9.10 AS OPORTUNIDADES “LÁ FORA”

Apesar de não estar nos seus planos ir para o estrangeiro, Sónia foi para a Alemanha à procura de um professor. Embora se sentisse realizada com o seu professor na ANSO, a ida para a Alemanha foi uma oportunidade que surgiu e que não quis deixar escapar, com a certeza que se não corresse bem poderia voltar a estudar em Lisboa:

Foi mais uma porta que se poderia abrir e eu experimentei, (...) fui mais numa ideia de conhecer outra cultura, uma nova universidade com professores muito bons e de renome. (...) Eu fui mais com essas ideias, mas depois quando lá cheguei e quando percebi onde estava, percebi que era muito mais para além disso.

Confessa que nem tudo é fácil e que o início foi complicado, em grande parte devido ao choque de culturas e por ter ido para um país desconhecido, não falando a língua alemã e estando completamente sozinha. Todavia Berlim trouxe-lhe oportunidades únicas:

É um país que aposta muito na cultura, tem muitas oportunidades. Sei lá, para além de tu poderes ver mil e um concertos, o que não há em Berlim, é o que eu costumo dizer às vezes, o que não há em Berlim vai a Berlim, sabes? (...) Passa-se mesmo imensas coisas, então para estudar, para tu absorveres conhecimento acho que é muito positivo. (...) Acho que me trouxe bastantes mais experiências, (...) por ter mais apoios na cultura acabas por ter mais caminhos que podes seguir e experimentar.

3.9.11 O CONTACTO COM ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

A música esteve desde cedo presente na vida de Sónia, mesmo quando ainda não praticava, pois assistia aos concertos da Banda Filarmónica, da qual a irmã mais velha

fazia parte. Porém, e devido à falta de oferta na região, na sua infância e adolescência não frequentava tanto outras atividades artísticas, apesar de hoje em dia ter interesse:

Aqui na nossa zona também não temos muita presença de, por exemplo, exposições, teatro, dessa parte e, automaticamente, não sendo uma coisa que tu vais procurar, se não é uma oferta que tu tens, se calhar é uma coisa que te passa um bocadinho ao lado. (...) Diretamente estive sempre mais ligada à música, sim, mas agora que tenho mais oferta cultural e tudo isso, para além de gostar saber um bocadinho de cada coisa, gosto de ver um bocadinho de coisas diferentes e procurar.

Sónia salienta ainda que as poucas atividades artísticas que se desenvolvem na região, são derivadas ou produzidas pelo CMAD. Quando está em Portugal gosta de assistir aos espetáculos produzidos e promovidos pelo CMAD, sendo que não existem outras opções na região: “A primeira coisa que tu te lembras são atividades do Conservatório e até as ofertas que há mais longe, em Tábua e no Carregal [do Sal], acabam sempre por vir direcionadas pelo Conservatório, (...) o ponto mãe é sempre o CMAD”.

3.9.12 AS INCERTEZAS DA PROFISSÃO

Sónia considera que a cultura em Portugal é desvalorizada, razão pela qual a questão da empregabilidade na sua área de formação sempre a preocupou. Estando agora a estudar fora, Sónia consegue apontar as várias diferenças que existem em termos de apoios à cultura dentro e fora de Portugal. Considera que em Portugal “a cultura é um bocadinho um segundo plano” e que a cultura é a identidade de um país: “E eu acho que, por exemplo, houve várias discussões durante esta quarentena sobre o que é que seríamos de nós sem a cultura, o que é que seria um país sem a sua cultura? A cultura é uma identidade”.

Sónia acredita que o problema da empregabilidade no setor artístico e cultural se deve em parte aos poucos apoios existentes:

Há bastante poucos apoios na cultura e claro, uma dúvida para alguém que se está a formar profissionalmente numa área é ‘será que depois de me formar, estou a dar o meu melhor, saí de casa aos 14 anos, estou à procura de uma vida melhor, será que depois no final vai ser correspondido todo o meu trabalho?’ essa foi uma dúvida que

tive, mas acho que a Escola [Profissional de Música de Espinho] também foi bastante importante e acho que a educação que temos, as pessoas que nos orientam são muito importantes nesse aspeto.

3.9.13 O FATOR VOCAÇÃO

Sónia acredita que é muito importante ter-se vocação, porém, afirma que também é necessário dedicação e trabalho:

Depois essa questão da vocação acho que é muito importante e o talento é importante, não diria que é o mais importante, porque acho que há várias pessoas com muito talento e se não tiverem a parte do trabalho, vamos dizer que o talento é 10%: uma pessoa com 10% não faz os 100% e se calhar uma pessoa com menos talento e que tenha o trabalho está mais perto dos 100% do que uma pessoa só com talento. Mas uma pessoa com trabalho que esteja nos 90% para chegar aos 100% precisa sempre daquela vocação, do talento. Acho então que é uma coisa bastante importante, a vocação.

Sónia acredita que para uma pessoa seguir a área artística, para além de precisar de muita dedicação e trabalho, precisa também de ser consciente das dificuldades que irá enfrentar: “Ter noção de todas as dificuldades e obstáculos do caminho, mas saber que no final vale muito a pena.”

3.9.14 O CMAD “É COMO UMA CASA”

Sónia recorda o CMAD como uma casa, foi onde deu os primeiros passos na sua carreira e onde, sempre que possível, pretende voltar sabendo que a irão sempre receber, a ela e a todos os antigos alunos, de braços abertos:

Apesar de estar há muito tempo fora, eu acho que o Conservatório acaba sempre por ser, pronto para além de ter pessoas que gosto mesmo muito e que agradeço mesmo muito. O Conservatório, especialmente quando tu saís e tens uma perspetiva de fora, não sei, é como uma casa, sabes? Foi onde dei os meus primeiros passos, foi onde, sei lá, pessoas foram mesmo muito importantes. Mesmo o Professor Paulo e tudo, são pessoas que foram mesmo importantes para nós e eu penso várias vezes:

qualquer uma das pessoas que saiu aqui do CMAD pode voltar. (...) Não seguiria a minha carreira se não fosse o Professor Paulo a ter aquela ideia maluca de em Santa Comba Dão abrir um conservatório, percebes? E sempre que tenho possibilidade de falar do CMAD, de dizer alguma coisa, tenho mesmo orgulho naquilo que saiu daqui.

3.10 MARIANA BANDEIRA: DO TROMPETE À GESTÃO. O “BICHINHO” QUE PERMANECE.

3.10.1 APRESENTAÇÃO GERAL DA TRAJETÓRIA

Mariana Bandeira tem 22 anos e é licenciada em Gestão pela Nova SBE – Nova School of Business & Economics. Frequentou o ensino articulado do 5.º ao 9.º ano e o ensino complementar de música do 10.º ao 12.º ano, concluindo o 8.º grau do Conservatório. Terminou este ano, 2020, o mestrado em Gestão, também na Nova SBE – Nova School of Business & Economics e, atualmente, trabalha na sua área de formação.

3.10.2 A DECISÃO DOS PAIS

Mariana Bandeira tem 22 anos e o seu primeiro contacto com a música foi através da Banda Filarmónica, tendo apenas uma bisavó que era pianista e professora de piano na família, mas considera que isso não teve qualquer influência no seu contacto com o meio artístico e cultural. Um ano antes do CMAD iniciar a sua atividade, Mariana entrou na Banda Filarmónica por decisão dos pais reforçando que: “Eu na altura não me lembro de ter consciência para decidir se queria entrar ou não na [Banda] Filarmónica, até porque não sabia bem o que é que era a [Banda] Filarmónica”.

À semelhança da sua entrada para a Banda Filarmónica, também a entrada no CMAD foi, em grande parte, determinada pelos pais:

Eu não me lembro de ter dito que não, nem me lembro de dizer que sim. Eu acho que como era tão pequena, acho que foi um bom incentivo, porque era uma coisa mais a sério vá. Na [Banda] Filarmónica nós aprendíamos, e aliás, tínhamos o mesmo professor de instrumento na [Banda] Filarmónica e no Conservatório. Mas fomos um bocadinho encaminhados para lá, para fazer uma formação mais a sério, com aulas de formação musical.

3.10.3 O ENSINO ARTICULADO E COMPLEMENTAR DE MÚSICA

Mariana encara o ensino articulado de música como uma das melhores decisões que os pais poderiam tomar por ela: “Eu acho que foi das melhores decisões que os meus pais algum dia podiam ter tomado por mim logo no início da minha juventude”. Considera que o facto de o ensino de música ser integrado no ensino regular é importante e algo necessário: “Até para os miúdos se organizarem melhor e acaba por ser mais fácil para os pais é aquela questão ‘não têm aquela disciplina na escola para poderem ter uma a mais do Conservatório’”. Mariana salienta ainda as vantagens do ensino da música mesmo para aqueles que não seguem a sua profissionalização:

A música é um estímulo enorme para toda a gente, sobretudo se a começarmos a aprender de jovens, (...) acho que esta oportunidade de termos o contacto com as artes, seja dança, seja música, seja teatro, seja o que for, acho que é muito importante, não fecharmos logo essa porta à partida, porque se calhar vou chegar aos meus 18 anos e vejo ‘epá tenho uma paixão enorme por música e agora podia ter feito este tempo todo um ‘conservatóriozinho’ aqui ao lado e não fiz’. Acho que é superimportante.

Terminado o ensino articulado de música no 9.º ano, Mariana decidiu, desta vez por sua vontade, continuar a sua formação no conservatório tendo ingressado no ensino complementar:

Isso aí já fomos mais nós a decidir, a minha irmã antes de mim e depois eu também fiz o mesmo percurso que ela, mas acho que era uma coisa que nós queríamos fazer até terminar a escola e termos mesmo que sair. Até porque, eu pelo menos, até ao final do meu percurso no Conservatório ainda ponderei, se calhar ou não, seguir música. Portanto, era mesmo para levar até ao fim e enquanto pudesse ficava lá.

Ao longo dos oito anos que frequentou o CMAD Mariana testemunhou a sua evolução, principalmente porque fez parte da primeira turma do ensino articulado de música criada logo no primeiro ano de existência:

Começou do zero, se calhar havia só a D. Augusta e o Sílvio, não sei se logo no primeiro ano, agora já vêes logo pelo número de miúdos que lá andam, que agora há imensa gente no Conservatório [funcionários] que se calhar não havia tanta antes. Acho que tudo ganhou uma dimensão diferente, eu acho que me lembro do primeiro do 1.º Festival de Clarinetes do Dão, quando se organizou aquilo era uma coisa ‘uau nunca se fez isto aqui, vai trazer gente de fora e não sei quê’ e agora é todos os anos. Há esse tipo de festivais a ‘dar com um pau’, a Orquestra [Filarmonia] das Beiras começou a aparecer com os anos, o Herman José, as coisas estão a ganhar uma dimensão enorme e sim, sem dúvida que houve uma evolução e felizmente deu para lançar muito boa gente no mundo da música e, infelizmente, se calhar não se vão manter por Portugal, ou voltar, lá está, pelo país que é no lado artístico, mas sem dúvida que despertou o talento e o interesse em muita gente.

3.10.4 O FATOR TALENTO E A EMPREGABILIDADE DO SETOR ARTÍSTICO

Ao longo do ensino Secundário Mariana ponderou se seguiria ou não uma carreira musical, contudo o fator talento e vocação e a incerteza do que queria para o futuro culminaram na decisão de seguir o curso de Gestão:

Primeiro, porque apesar de me dar muito bem com o trompete, eu acho que não tinha um talento descomunal e acho que não ia conseguir. É assim, com trabalho se calhar ia lá, mas acho que não tinha o mesmo talento que colegas que seguiram música tinham. E também porque estava um bocadinho indecisa em relação ao meu futuro, não sabia se queria música, não sabia se queria ir para uma engenharia, se queria gestão, que foi o que acabei a fazer. Havia uma série de possibilidades (...) acho que foi basicamente isso.

Mariana diz ainda que a questão da empregabilidade na área artística não foi, pelo menos conscientemente, um fator que pesou na sua decisão de não seguir uma carreira nessa área:

A empregabilidade em Portugal na veia artística é muito ingrata, mas não acredito que, pelo menos conscientemente, esse tenha sido o motivo da minha decisão, porque eu podia sempre ir para fora. Porque lá está, em Portugal o ramo artístico é um bocadinho desvalorizado, infelizmente, mas acho que não foi aquilo que pesou

diretamente a minha decisão, mas concordo plenamente que a empregabilidade em Portugal é muito chata no meio artístico.

3.10.5 “HÁ VOCAÇÃO E VOCAÇÃO”

Mariana considera que para se trabalhar no ramo artístico é preciso predispor-nos a uma formação constante, que para além de achar necessário ter vocação, o trabalho é uma parte muito importante para se obter sucesso:

É assim, há vocação e vocação. Há pessoas que nascem com ouvidos absolutos, com um talento descomunal para a música, mas acho que este talento de que falo, se calhar também está um bocadinho relacionado com o trabalho, porque há pessoas, aliás conheço pessoas que não são muito talentosas, mas que trabalham imenso e acabam por chegar ao mesmo nível daqueles nascem com vocação, que têm um talento nato. Eu acho é que não me via a trabalhar nesse ramo, porque para se ser músico, para se ser artista é um estudo constante e em muitas áreas acaba por ser e aprendes todos os dias, mas era um tipo de rotina que eu não me via a ter o resto da vida.

3.10.6 O CONTACTO ATUAL COM O MUNDO ARTÍSTICO

Atualmente Mariana continua a manter contacto com o mundo artístico através da Tuna da sua Faculdade, na qual ingressou no seu primeiro ano de licenciatura e frequenta até aos dias de hoje, mesmo já tendo dado por terminado os seus estudos: “Desde que saí do Conservatório, ainda me mantive mais ou menos um ano na [Banda] Filarmónica, (...) mas assim que fui para a Faculdade, entrei na Tuna e é o meu mundo”. Foi após entrar na Tuna da sua Faculdade que Mariana voltou a ponderar seguir uma formação na área artística:

Curiosamente, eu ponderei essa área já depois de estar na Faculdade até, porque continuei ligada à Tuna e fizemos teatro musical dentro da Tuna, temos vindo a fazer nos últimos quatro anos e voltou a crescer o bichinho. Porque também acho que estava mais madura e comecei a ver as coisas de uma forma diferente e, lá está, também sentia que não tinha um talento descomunal para seguir, mas ficou o bichinho e é uma área que me desperta muito interesse.

3.10.7 O IMPACTO DO CMAD NA VIDA DO ALUNO

Mariana afirma que o CMAD teve mais impacto no seu percurso do que a escola, ligando as suas memórias de infância diretamente ao CMAD e não à escola e aos professores do ensino regular:

Eu acho que o Conservatório em si teve um impacto maior na pessoa que sou agora do que a escola em si, do que a escola, o Secundário, o ciclo. Por exemplo, eu tive o mesmo professor de instrumento desde sempre, só tive três ou quatro professores de formação musical. O professor Paulo viu-nos a crescer desde miúdos, o professor Sérgio, o professor Pedro – o meu professor de trompete, o professor Mário, é que tu consegues enumerar assim uma série de pessoas que te ajudaram na evolução, que foram essenciais e que nos guiaram, literalmente, no percurso musical e que se calhar no lado da escola eu não vejo isso, (...) o Conservatório teve um impacto enorme, sem dúvida. E eu olho para trás e mais facilmente penso no Conservatório como parte da minha infância do que a escola, que era uma coisa obrigatória.

3.10.8 A PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

Mariana entrou no mercado de trabalho há relativamente pouco tempo e recorda que anteriormente, enquanto estudante, não frequentava mais atividades artísticas e culturais devido ao fator financeiro:

Estou a começar a amealhar mesmo o meu dinheiro, acho que vou poder fazer mais do que aquilo que fazia em termos de ir ao teatro, musicais, concertos e tudo mais. Mas fui ver algumas coisas, mas como ainda era estudante, tinha um impacto na carteira, portanto não podia fazer tanto quanto queria.

Na perspetiva de Mariana, o CMAD trouxe para a região onde se insere muita oferta cultural:

Eu tento pensar noutra coisa e acaba por ser o Conservatório (...) acho que ganhou tudo uma dimensão enorme e sim, vai sempre parar ao Conservatório, o que quer que haja aqui à volta, sei lá até penso em Mortágua, não acontece nada em Mortágua,

Tábua às vezes há lá musicais, mas são os dos Conservatório, portanto acaba por ser, vai tudo dar ao Conservatório, sem dúvida. Eu não consigo imaginar o que seria Santa Comba Dão sem o Conservatório.

CAPÍTULO 4 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com estes “retratos sociológicos” procurei responder à minha questão inicial: até que ponto o ensino articulado de música é importante na formação profissional dos alunos? Contudo, foi também possível responder a outras questões e pontos chave de orientação considerados: qual é a relevância do ensino articulado de música no contexto descrito? Qual é a relevância do trabalho desenvolvido pelo CMAD na trajetória de carreira dos seus alunos? Como pode o ensino articulado de música ajudar na profissionalização dos seus alunos, não só na carreira musical, mas também noutras áreas de profissionalização?

Tendo em conta a faixa etária dos entrevistados, que se compreende entre os 19 e os 23 anos, e a frequência do ensino articulado de música entre os 10 e 15 anos, não é notória a existência de muitas diferenças entre homens e mulheres, que se faz verificar no meio artístico, talvez em idades mais tardias. Existem várias óticas através das quais podemos analisar a relevância da frequência do ensino articulado de música. Por exemplo, através dos “retratos sociológicos” que apresentei foi possível analisar três grandes perspectivas: a de quem seguiu a formação na área da música, a de quem seguiu a formação na área artística e cultural e a de quem seguiu uma formação completamente distinta em relação à música ou ao meio artístico. Ouvindo e utilizando as suas palavras, procurei organizar o discurso dos entrevistados de forma a analisar as suas opiniões e percursos, quer de formação, quer pessoais, o porquê das suas decisões, as suas influências, os seus objetivos, entre outros aspetos mencionados anteriormente.

Ao analisar os “retratos sociológicos” dos entrevistados, é possível dizer que ficou demonstrado que o ensino articulado de música teve um impacto positivo em todos os percursos. Os jovens começaram a frequentar o Conservatório em circunstâncias semelhantes: em geral, pela iniciativa familiar (apontada por quatro deles), por iniciativa própria (apontada por três) e pela influência dos professores oriundos das Atividades de Enriquecimento Escolar (AECs) e Bandas Filarmónicas (apontada por dois dos entrevistados). Apenas um dos entrevistados aponta a influência de colegas de escola.

O CMAD insere-se num concelho onde existe pouca oferta de atividades extracurriculares e numa região onde se verifica a escassez de ofertas culturais e artísticas, pelo que o trabalho desenvolvido pelo CMAD se destaca, quer a nível de formação, quer pelo facto de proporcionar atividades culturais à população. Para quem seguiu a formação na área da música, o ensino articulado foi o despertar de uma vocação que, aliada à influência dos professores, e ao apoio dos pais, fez com que estes jovens quisessem seguir

esta área. O CMAD tem várias ofertas formativas, em conjunto com o ensino da música, tem também a dança e o teatro musical, o que ajuda o aluno a ter contacto com outras vertentes artísticas para além da música, fazendo despertar em alguns alunos o gosto pela dança, pelo teatro, pela produção de espetáculos, entre outras atividades. Contudo, existe quem frequente o ensino articulado como uma ferramenta complementar de ensino, tendo logo à partida posto de lado a opção de seguir a sua formação na área da música ou na área artística e cultural, como foi o caso de duas das entrevistadas.

No discurso de todos os entrevistados valoriza-se o trabalho desenvolvido pelos professores, salientando-se que estes ensinam muito mais do que simples matéria, música, não marcam apenas o percurso de formação dos jovens, mas também o percurso de crescimento, ajudando a moldar as suas vidas. São não só um importante pilar no percurso destes jovens no CMAD, mas também fora dele.

Provou-se que a atual instabilidade na área cultural e artística fez com que alguns dos entrevistados preferissem seguir cursos superiores que não estivessem relacionados com a música ou outras atividades artísticas. A segurança de ter um “plano B”, como é mencionado por um dos entrevistados, faz com que alguns alunos se afastem desta área, mesmo gostando e tendo aptidão. Podemos verificar que este medo ainda vem incutido pelo meio familiar. O CMAD insere-se num concelho pequeno onde a população é maioritariamente idosa e onde questões como “fazes teatro/música e mais?” e “esse curso não dá dinheiro” são a uma realidade. A desvalorização do meio cultural e artístico faz com que muitos jovens, apesar de terem vontade e quererem seguir uma carreira artística, prefiram formar-se numa outra área que lhes dê mais estabilidade financeira e seguir música ou teatro como um *hobby*.

Todos os entrevistados frequentaram o ensino articulado de música lecionado pelo CMAD pelo que, todos tiveram a mesma oportunidade de seguir esta vertente de formação, porém existiram vários fatores que fizeram com que estes jovens seguissem percursos distintos. Os entrevistados que seguiram música tiveram de com 14,15 anos, no final do 9.º ano, sair do seu local de residência e irem viver sozinhos em Espinho para poderem prosseguir os estudos na área da música, o que nem todos os pais aceitam, quer devido à distância da nova escola, quer pela idade que, na maior parte dos casos, é considerada uma idade muito jovem. Porém, a certeza de que os filhos possuem talento e que vão seguir uma formação de qualidade, que de outra forma não seria possível devido à inexistência de oportunidades mais perto, faz com que estes pais apoiem a decisão, aliada a uma condição financeira familiar estável que permite esta mudança. Os alunos

que seguiram outras áreas de formação artística, não havendo a oferta de cursos profissionais na região, seguem a área de Artes Visuais e Humanidades no Secundário, em paralelo com outras atividades desenvolvidas pelo CMAD, até escolherem o curso no Ensino Superior. Aqueles que ingressaram no ensino articulado apenas como um complemento de formação, terminado o 9.º ano, seguem a área que desejam. Contudo, dois dos entrevistados, de entre os quatro que seguiram áreas de formação fora do meio artístico, mencionaram ter tido dúvidas sobre a sua escolha durante o Secundário, e acabaram por seguir a área de estudos que lhes dava mais segurança.

Desta forma, é possível definir três motivos pelos quais seis dos entrevistados não seguiram uma carreira musical: por não considerarem ter predisposição para a música, a chamada vocação, por medo da instabilidade ou porque viam a música apenas como um complemento ao ensino regular. O percurso dos alunos após a passagem pelo ensino articulado não é algo previsível ou linear. Com efeito, este ensino abre um conjunto muito diferenciado de possibilidades de formação, conjunto esse do qual ressalta obviamente a formação musical e profissões de índole artística.

Dos quatro entrevistados que seguiram música, nem todos seguiram o percurso que inicialmente tinham delineado. O entrevistado que seguiu a sua carreira dentro do Exército, inicialmente entrou no curso de música em Aveiro e só, posteriormente, decidiu entrar no Exército Português e fazer parte da Banda Sinfónica do Exército, profissão que lhe traz uma maior estabilidade financeira e profissional. A entrevistada que está, atualmente, na Alemanha tinha decidido fazer a sua licenciatura em Portugal, mas após conhecer uma professora num *masterclass* de verão acabou por mudar de país para poder ter o nome desta professora associado à sua trajetória.²² O entrevistado que está agora em mestrado, vertente Ensino da música, quer seguir uma carreira em orquestra, contudo este mestrado pode dar-lhe estabilidade caso não consiga seguir o planeado, ser professor de música será uma opção. Por fim, o entrevistado que assinala ter, desde cedo, uma trajetória de sucesso, tinha como objetivo ser solista, contudo, como o próprio indica, o seu amadurecimento ao longo do seu percurso de formação fizeram-no perceber que preferia seguir uma carreira como músico de orquestra e música de câmara, uma carreira que lhe traz mais segurança e estabilidade. Como podemos verificar, os entrevistados, apesar de seguirem uma trajetória de formação desafiante, que gostam, procuram ao longo

²² Aqui, uma vez mais, se faz notar a importância do professor no percurso do aluno. A importância de ter o nome do professor no seu currículo acima de ter o nome de uma Escola.

da mesma criar um caminho que lhes ofereça uma certa estabilidade, onde possam fazer aquilo que mais gostam, mas com segurança financeira.

As duas entrevistadas que seguiram uma formação na área da artística mencionaram a falta de uma escola profissional ou de ensino especializado no Secundário na região, na área artística como o teatro ou a dança. A entrevistada que é, atualmente, atriz quis seguir o curso de teatro, mas não havendo nenhuma escola na região e, uma vez que os seus pais não a deixaram sair de casa aos 14 anos, ingressou no curso de Artes Visuais no ensino Secundário que, apesar de apelar ao seu lado criativo, a entrevistada não gostou de frequentar. Em paralelo, seguiu a formação em teatro musical no CMAD até poder entrar num curso superior de teatro na Faculdade. A entrevistada que, atualmente, frequenta a licenciatura em Estudos Artísticos com variante em Artes do Espetáculo gostava de ter seguido o curso profissional de dança no ensino Secundário, mas essa possibilidade anulou-se logo à partida quando teria de sair de casa dos pais aos 14 anos, pela mesma razão apontada pela entrevistada anterior. Terminado o 12.º ano decidiu estudar finalmente dança, no entanto apercebeu-se, após um ano, que esta não era a sua vocação, pelo que, posteriormente, decidiu ingressar num curso que fosse mais abrangente e que a fizesse estar em contacto com várias áreas como teatro, produção, cinema e não apenas dança.

Por fim, dos quatro entrevistados que seguiram a sua trajetória de formação fora do ramo artístico, dois deles admitiram ter tido dúvidas sobre a sua decisão ao longo do seu percurso e os outros dois afirmam que frequentaram o ensino articulado de música como um complemento à sua formação sabendo, desde início que o objetivo final não seria seguir música ou outra área artística. Por exemplo, A. Rodrigues afirma que a sua entrada no mundo da música foi proveniente da necessidade que sentia de ter uma atividade extracurricular que, como mencionado anteriormente, existe pouca oferta na região.

Os dois entrevistados que tiveram dúvidas ao longo da sua trajetória foram estando sempre ligados ao meio artístico. A entrevistada que trabalha atualmente na área de gestão, após terminar o ensino articulado seguiu o ensino complementar de música e na universidade entrou para a Tuna da sua Faculdade, da qual faz parte até hoje, mesmo já tendo terminado os seus estudos, esta é a sua maneira de continuar em contacto com a música e com o mundo artístico. Por sua vez, o segundo entrevistado que também apresentou ter dúvidas ao longo da sua trajetória menciona o facto de querer ter um “plano B” que lhe conferisse mais estabilidade financeira e emocional, contudo continuou a fazer

teatro e a fazer parte da Banda Filarmónica. Tem ainda como objetivo futuro fazer formação numa área artística como teatro ou apresentação.

4.1 PORQUE RAZÃO ESCOLHERAM SEGUIR A FORMAÇÃO NO CONSERVATÓRIO?

O CMAD começou a sua atividade no mesmo ano letivo em que abriu a primeira turma de ensino articulado de música, sendo indicado pelos entrevistados que o fator novidade e o facto de alguns dos fundadores do CMAD fazerem parte das Bandas Filarmónicas, das quais alguns dos entrevistados também faziam parte, foram importantes influências para a entrada destes alunos. É de assinalar que sete dos entrevistados foram integrantes da primeira turma de ensino articulado de música, dois fizeram parte da segunda turma e um fez parte da terceira.

É também mencionado que o facto de o ensino ser articulado, com as aulas de músicas integradas no horário de ensino regular, ter facilitado o acesso destes alunos, uma vez que os encarregados de educação não tiveram de se preocupar com deslocações, planificação de horários, entre outros fatores que necessitariam de estruturar caso o ensino da música fosse na vertente complementar.

Os dez entrevistados têm *backgrounds* socioeconómicos distintos, pelo que a entrada no CMAD foi facilitada a alguns deles, pela razão de este ser um ensino gratuito do 5.º ao 9.º ano. Mais tarde, aquando a saída dos alunos no 9.º ano, este fator socioeconómico é importantíssimo, uma vez que para seguir música os alunos necessitam de se deslocar para fora do seu local de residência indo viver sozinhos, o que acarreta custos acrescidos e nem todas as famílias têm essa capacidade financeira. Analisando os “retratos sociológicos” dos antigos alunos que não seguiram a sua formação na área artística, é de assinalar que um dos fatores para que isso não tivesse acontecido foi a incerteza e instabilidade que está inerente à área artística e cultural. Aqui, o *background* familiar e socioeconómico salienta-se também pelo facto de que estes entrevistados preferirem seguir uma área de formação que lhes confira, à partida, uma determinada estabilidade financeira e conseqüentemente afetiva.

Em suma, o que une estes entrevistados na sua entrada no ensino articulado de música é o gosto pela música e/ou artes, a influência do meio social onde se inserem, quer sejam os seus colegas de escola, os professores ou os próprios encarregados de educação, que reconheceram a importância de uma formação artística no percurso de formação dos seus filhos aliada ao facto de o CMAD ser um fator novidade na região.

4.2 O ENSINO ARTICULADO

Em geral, os entrevistados salientaram a importância do ensino articulado de música na sua trajetória como sendo uma mais valia na sua formação. É de opinião comum que o ensino da música oferece ferramentas essenciais aos seus alunos, quer estes sigam a área da música ou outras áreas, como por exemplo, saber lidar com a pressão, saber comunicar com facilidade, aprender a gerir horários, saber trabalhar em grupo, aprender a ser resiliente, entre outras.

O entrevistado I. Varela, com uma carreira de sucesso, menciona o facto de o CMAD ter muito bons professores e, conseqüentemente, muito bons alunos, o que confere um estatuto de qualidade à escola e ao seu ensino. J. Morais, que seguiu música na vertente militar, diz que este ensino “traz outra personalidade às pessoas” e ajuda na “evolução de certas características cognitivas e até de personalidade”. Em outras palavras, isto significa que o aluno ao frequentar esta metodologia de ensino desde uma idade jovem, numa fase fundamental do desenvolvimento da personalidade do indivíduo enquanto pessoa, faz com que este desenvolva certas características de personalidade e até cognitivas, que talvez não chegasse a desenvolver ou desenvolveria numa fase mais tardia. O facto é que estes alunos estão expostos desde cedo a uma determinada exigência e parâmetros de excelência que apenas com determinação e resiliência se conseguem alcançar com êxito.

A entrevistada M. Jesus, que ingressou no ensino articulado de música apenas como um complemento à sua formação, não tendo ponderado em momento algum seguir o ramo artístico, menciona que “em termos de currículo é uma grande mais valia (...) mais concentração, tens outras habilidades e aptidões para reagir aos problemas, aos desafios que surgem”. Ao analisar a entrevista de M. Jesus foi possível perceber que no mercado de trabalho atual um dos diferenciais num currículo de um jovem são as atividades que este desenvolveu ao longo da sua formação, quer estas estejam interligadas à própria formação ou fora dela. Neste caso, o facto da entrevistada ter frequentado o ensino da música qualificou-a também para a área de economia e finanças.

A entrevistada M. Rebelo, que seguiu teatro, ressalva a importância deste ensino quando se segue uma formação no meio artístico. A música foi um complemento à sua formação que a ajudou a destacar-se na sua licenciatura em Teatro. Comparando o seu percurso ao percurso dos seus colegas de licenciatura, M. Rebelo tinha a vantagem de ter na sua formação o ensino articulado de música. A própria menciona que muitos dos seus

colegas apenas tinham formação em teatro e representação e o facto de ela ter, na sua base de formação, uma formação musical, ajudou-a a destacar-se dos seus colegas e, conseqüentemente, na sua área de trabalho. Para I. Matos, que seguiu a licenciatura em Estudos Artísticos com variante em Artes do Espetáculo, o ensino articulado foi importante para a aprendizagem, não só da música, mas também de outras áreas artísticas, como o teatro musical e a dança, mas, essencialmente, ajudou-a a perceber que não queria música, apesar de querer seguir a área artística. Este aspeto verificou-se também em A. Rodrigues que mencionada que, apesar de gostar de música e considerar ter uma certa aptidão, o ensino articulado de música e toda a sua exigência ajudou-a a perceber que esse não era o caminho que queria seguir.

De entre os dez entrevistados, há quem considere que o período em que frequentaram o ensino articulado de música foi o descobrir e o aperfeiçoar de uma aptidão e há quem considere que foi uma experiência importante na sua formação pessoal e profissional, sem a qual não seriam quem são hoje nem teriam optado pela trajetória que elegeram e que consideram ser de sucesso. L. Borges em entrevista alude os vários aspetos em que o ensino articulado pode influenciar a trajetória de quem o frequentou, salientando a inteligência emocional que adquiriu no período que frequentou o CMAD, o saber lidar com instabilidades, a adaptação e a disciplina.

Foi possível concluir que o ensino articulado de música é um estímulo bastante positivo no crescimento dos jovens que o frequentam. Quando ingressado numa idade relativamente jovem, acompanhando a transição para a adolescência, num período de amadurecimento, certas capacidades e características pessoais desenvolvem-se com maior facilidade. Para além de poder despertar determinadas aptidões, a música ajuda a moldar a personalidade e tem um impacto bastante positivo cognitivamente.

Os entrevistados afirmaram que a música os ajudou a desenvolver capacidades que, fora deste ensino, caso as chegassem a desenvolver, desenvolveriam apenas numa idade mais tardia. Por força dos métodos de ensino, os alunos aprendem a gerir o seu tempo da melhor forma, aprendem a lidar com a exigência, a falha, o erro, a tensão e frustração, a importância do trabalho em grupo, desenvolve a capacidade de concentração, comunicação, o espírito de equipa e resiliência.

4.3 OS ALUNOS E A FAMÍLIA

Presentemente, apenas três dos entrevistados exercem uma profissão a tempo integral, tendo terminado a sua formação até ao momento, sendo eles J. Morais que é músico, M. Bandeira que trabalha na área de gestão e M. Rebelo que é atriz. Estes entrevistados conseguem ter uma perspetiva mais concreta de como o ensino articulado os ajudou na sua profissão atual, sendo que os restantes conseguem apenas mencionar a influência deste ensino na sua trajetória de formação ou de trabalho a tempo parcial; o que no caso dos músicos, a sua trajetória de formação é também profissional, sendo que estas andam de mãos dadas.

A família torna-se um fator importante pela razão de que estes jovens ingressam no meio artístico cedo, em idades em que nem sempre a barreira do certo e do errado está presente, onde facilmente um jovem considerado um prodígio pode deslumbrar-se pela notoriedade criada à sua volta. Num meio onde o sucesso e a falha estão presentes no dia a dia destes jovens é importante existir um porto seguro onde estes se sintam apoiados. É essencial terem uma base segura onde regressar, quer seja após uma vitória ou após uma derrota.

Como mencionado anteriormente o *background* socioeconómico do aluno também é importante. Para seguir o ensino artístico é necessário que estes jovens saiam de casa bastante cedo, o que pode ser um tombo no orçamento familiar. Para quem segue música e, ao analisar os “retratos sociológicos” dos jovens músicos aqui retratados, é possível verificar que estes se deslocam várias vezes durante o ano para vários pontos do país ou até mesmo para estrangeiro, quer seja para irem participar em concursos, fazer *masterclasses*, fazer provas de ingresso numa escola, academia ou orquestra. Aqui a família é importante não só financeiramente, mas também como um apoio emocional, ajudando a gerir expectativas, dúvidas, sucessos, mas também desilusões e frustrações.

4.4 VANTAGENS DO CMAD NA REGIÃO

É da opinião geral dos entrevistados que o CMAD foi uma mais valia para a região, não só culturalmente, mas também em termos pedagógicos, sendo de frisar a escassez de escolas de música, principalmente escolas com ensino certificado.

A satisfação dos entrevistados pela existência do CMAD na sua cidade é notória, não só porque lhes proporcionou frequentar um ensino diferenciado, marcando de forma bastante positiva a sua formação, mas também por todas as vantagens que trouxe à população e meio envolvente. Através das palavras dos entrevistados podemos corroborar

esta satisfação: “fico muito contente e satisfeito por estarem (CMAD) cada vez mais a tentar dinamizar a nossa terra e tudo mais e hoje em dia quase toda a gente passa pelo CMAD”; “para além de ser muito vantajoso pedagogicamente termos um conservatório, o Conservatório, sobretudo, veio trazer mais cultura, mais diversidade de cultura, não só à cidade, mas à região”; “acho que ganhou tudo uma dimensão enorme e sim, vai sempre parar ao Conservatório”; “eu não consigo imaginar o que seria Santa Comba (Dão) sem o Conservatório” (citações de partes dos discursos de vários entrevistados).

Como podemos verificar, a abertura do CMAD veio não só trazer à região um ensino de música e artístico de qualidade e diferenciado, como também veio colmatar as várias falhas no âmbito artístico e cultural existentes na região, uma das falhas às quais os seus fundadores se propuseram colmatar. Para além deste fator, as atividades desenvolvidas pelo CMAD vieram trazer um sentido de união e fraternidade à população, sendo que estas envolvem não só os alunos e professores como também pais, familiares e amigos, de todas as faixas etárias. Em virtude de o CMAD estar inserido num território geográfico relativamente pequeno, faz com que as pessoas se conheçam e publicitem facilmente as atividades e feitos do CMAD e dos seus alunos, espalhando a sua excelência e ajudado a desenvolver hábitos culturais e criar o gosto pelas diferentes formas de artes, que até então eram quase inexistentes na região e por essa razão as pessoas não frequentavam ou não procuravam frequentar.

4.5 VOCAÇÃO /TALENTO VS TRABALHO

Ter vocação significa, para os entrevistados, ter uma determinada predisposição para a música, contudo esta não está necessariamente relacionada com o sucesso da trajetória de carreira de um músico, sendo que a maioria dos entrevistados quando questionados sobre a necessidade de ter vocação para seguir música responderam que, grande parte de uma carreira de sucesso se faz com muito trabalho, a vocação/talento é importante, contudo não é um ponto fulcral.

Os entrevistados que seguiram a sua trajetória na área da música mencionam que grande percentagem de um percurso de sucesso é feito com muito trabalho, como indica I. Varela que tem um percurso de sucesso na música, “música é 90% suor, 10% talento”. O entrevistado que está no mestrado em Ensino, L. Coelho, acredita que com trabalho é possível chegar-se a uma carreira de sucesso, o gosto pela música e o esforço são fundamentais, mais que a vocação. Por sua vez, J. Morais, o entrevistado que está

atualmente na Banda Sinfónica do Exército, fala também de um fator importante que é a subjetividade de quem assiste ao trabalho de um músico, menciona ainda que quem tem uma determinada aptidão para a música acaba por se destacar, que é sempre preciso muito trabalho, contudo a opinião de cada pessoa e os seus gostos são uma variável a ter em conta.

As duas entrevistadas que estão atualmente no ramo artístico partilham da opinião que a carreira de um artista e a sua valorização e progresso se faz através da formação contínua, é necessário muito trabalho e empenho para se ter uma trajetória de sucesso, não apenas possuir talento e vocação.

Os entrevistados que seguiram áreas mais tradicionais, como engenharias, economia e gestão, têm uma visão bastante semelhante à dos seus colegas que prosseguiram a sua formação na área artística e cultural. Talvez o facto de todos terem tido a mesma base de ensino os tenha feito adquirir uma determinada sensibilidade sobre o percurso de uma carreira artística. Independentemente destes entrevistados se terem desviado do ensino artístico, este faz parte da sua base de educação e formação, pelo que acabam por ter os mesmos ensinamentos, valores e princípios que os restantes alunos.

Em suma, a opinião partilhada por todos os entrevistados é que ter talento/vocação não é suficiente para se ter uma carreira de sucesso. Como referido, a sua base de ensino, o ensino articulado de música, poderá ter ajudado a que todos os entrevistados, independentemente da sua área de formação, partilhem a mesma opinião. É interessante perceber no discurso daqueles que não são artistas e, que à partida não sabem o que é exercer uma profissão de índole artística, o destaque dado à importância da dedicação, do trabalho contínuo e do esforço que está inerente a estas profissões. O facto de terem frequentado o ensino articulado de música e terem estado expostos à exigência desta área, de certo que influencia as suas opiniões e perspetivas.

CONCLUSÃO

A elaboração deste projeto de mestrado revelou-se desafiante a cada etapa, devido à falta de informação disponível sobre o ensino articulado, em especial, sobre o ensino articulado de música e, principalmente, pela dificuldade na gestão de tempo, em virtude de trabalhar a tempo integral. É de referir ainda que grande parte do trabalho de terreno desta pesquisa foi efetuado durante a pandemia resultante da doença COVID-19, provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2 que veio trazer grandes mudanças ao nosso quotidiano. Esta situação tornou-nos a todos mais vulneráveis, dificultando a comunicação com o outro, o que dificultou a realização das entrevistas *in vivo*. A intenção inicial seria realizar as entrevistas no CMAD o que, infelizmente, não foi possível, tendo a sua maioria sido efetuadas via plataforma ZOOM. Uma das partes fundamentais do trabalho no terreno ficou então comprometida, aliada à perda de um dos elementos mais essenciais desta pesquisa e fonte de informação, que já não está mais entre nós, o Professor Paulo Gomes. É de notar que, apesar destas dificuldades sentidas, foi feito um esforço imensurável para terminar com brio este projeto, sendo possível responder às questões de partida desta pesquisa.

Ao longo da realização deste projeto foi possível verificar que a música faz parte de um universo complexo podendo o seu significado ser bastante diversificado. Isto deve-se não só aos vários estilos e géneros musicais existentes, mas também aquilo que a música significa para cada um de nós e para cada pessoa que está, de uma forma ou de outra, em contacto com ela. Cada indivíduo interage com a música de forma singular, qualquer que seja o seu *background* social. A música está presente em todas as culturas, das mais tradicionais, às mais populares e às mais eruditas. Para que a música ganhe significado é tão importante o músico que a cria e interpreta como o público que a ouve e sente. Apesar da música estar presente no quotidiano de toda a gente, infelizmente, ainda é bastante desvalorizada, como por exemplo, em meios mais pequenos como aquele em que se insere o CMAD, onde a carreira de músico ainda é vista como um *hobby* ou como um complemento de uma outra formação. O CMAD veio desmistificar aquilo que é uma carreira artística, contudo o seu ensino é ainda muitas vezes visto como um ensino complementar.

Ao analisar o percurso individual de um conjunto de dez jovens que passaram, durante a sua formação escolar, pelo ensino articulado de música – nomeadamente pelo ensino articulado de música lecionado pelo Conservatório de Música e Artes do Dão

(CMAD) foi possível responder às questões que deram mote a esta pesquisa. Apesar deste trabalho ter enfoque num cenário específico de dimensão micro – os percursos dos entrevistados – foi possível também ler estes resultados à luz dos cenários de dimensão macro, como a evolução do setor artístico e cultural e do ensino artístico especializado, em Portugal, em especial na região Dão-Lafões.

Ao longo desta pesquisa foram descritas as trajetórias de formação destes antigos alunos do ensino articulado de música e como este ensino os influenciou, quais os seus benefícios, não só na sua formação profissional, mas também pessoal. Através da análise das entrevistas de carácter biográfico que realizei foi possível compreender a relevância do ensino articulado música na sua trajetória, como este tipo de ensino pode ajudar na profissionalização dos seus alunos, não só na carreira musical, mas também noutras áreas de profissionalização; e ainda foi possível analisar a importância do trabalho desenvolvido pelo CMAD, não só na formação dos seus alunos, mas também no desenvolvimento de atividades artísticas e culturais na região onde se insere.

A minha conclusão recai sobre a análise de duas dimensões: a importância do Conservatório no território onde se insere, um meio pequeno, no interior do país e, em segundo lugar, nas trajetórias dos antigos alunos, aqui mencionados. Todos estes jovens frequentaram o ensino articulado de música, mas nem todos prosseguiram esta área de estudos. O mercado das artes é desigual e, por isso, os artistas enfrentam várias dificuldades para se manterem neste meio. Estas dificuldades aliadas ao meio socioeconómico onde estes jovens se inserem fizeram com que alguns deles se desviassem deste percurso, optando por uma formação que lhes pudesse conferir mais estabilidade, financeira, emocional e social.

Uma profissão de índole artística é difícil de preservar, pelo que nem todos estão dispostos a fazer determinados sacrifícios. No caso da música e dos jovens entrevistados, sair de casa dos pais cedo, irem viver sozinhos para longe e até para fora do país, passar grande parte do dia sozinhos a estudar, entre outros fatores, foram determinantes para a sua escolha. É uma profissão onde a pressão, o saber lidar com o erro e a falha e a apreciação de terceiros tem um grande impacto. A profissão de músico e a sua trajetória de carreira difere consoante a qualidade das suas interações nas várias etapas ao longo do seu percurso enquanto profissional. Em qualquer situação, quer de evolução de carreira e formação, quer de oportunidade de trabalho, os músicos têm de prestar provas, quer seja para entrar em orquestras, escolas ou academias. É um eterno trabalho de insatisfação onde nunca estão satisfeitos com o que já alcançaram e estagnar é colocar um fim ao

sucesso da sua profissão. Para que isto não aconteça, é necessário prestar mais provas, conseqüentemente estudar mais, estar propenso a mais exigências, como menciona I. Varela, é necessário muito trabalho e dedicação.

Os entrevistados mencionam também a desvalorização existente em Portugal pelo setor artístico e, em especial pelo trabalho do músico, como um dos fatores que os afasta deste percurso e que o torna mais difícil para quem o segue. Um músico dedica horas de estudo e formação para fazer um concerto ao qual as pessoas não aderem preferindo usar o seu dinheiro para adquirir um bilhete, muitas vezes mais caro, para assistir a outros eventos. Aliada a esta desvalorização ressaltam a falta de oportunidades em Portugal, derivada, uma vez mais, pela ainda fraca adesão do público (apesar das pessoas estarem cada vez mais interessadas no setor cultural, como mostrei no capítulo 1) que, por conseguinte, faz com que existam poucos concertos, o que delimita as oportunidades de emprego como os lugares em orquestra, havendo, por sua vez também, poucas orquestras em Portugal. Os músicos que optam por seguir a área do Ensino, como é o caso de L. Coelho, também atravessam várias dificuldades de empregabilidade, como o próprio indica, há cada vez há mais pessoas formadas e cada vez menos lugares para professores de música.

O ensino articulado de música torna-se importante para estes entrevistados que seguiram música, pela razão de ser o princípio da sua carreira, sendo que mencionam que o percurso da sua carreira é iniciado ainda jovens, no início da sua formação, caracterizando este percurso como um conjunto de etapas desde o começo da sua formação até ao exercício da profissão a tempo integral, apesar de nunca deixarem de lado a formação sendo um percurso de contínua aprendizagem e evolução. Também os entrevistados que seguiram a sua formação na área artística mencionam a importância desta contínua aprendizagem e a desvalorização sentida na área em Portugal.

Comparando as trajetórias dos entrevistados e tendo como modelo a base da sua formação – o ensino articulado de música – podemos considerar que este método de ensino é importante do ponto de vista cognitivo e enquanto momento de socialização. Foi possível verificar que não existe uma rutura com o meio artístico e cultural dos jovens que decidiram não seguir uma carreira artística, pelo que esta área continua presente no seu quotidiano. As atividades que estes jovens primam por participar, nos seus tempos livres e de lazer, são concertos e espetáculos culturais. Mesmo não exercendo uma profissão de índole artística, a sua formação ensinou-os a valorizar esta área e a saber desfrutá-la.

Estes dez jovens têm em comum pertencerem à mesma cidade e terem o gosto pela música, o que possibilitou terem a mesma base de ensino, o ensino articulado de música. Porém, ao longo do seu percurso pelo CMAD existiram vários aspetos que os afastou de continuarem a mesma trajetória, sendo de salientar três fatores: o apoio familiar, quer por condições financeiras, porque para prosseguirem os estudos após o 9.º ano teriam de sair da sua área de residência, quer porque alguns encarregados de educação considerarem que 14, 15 anos é uma idade jovem, não sendo o momento certo para os filhos criarem a independência de irem estudar e viver para fora; pelo facto de logo à partida não serem considerados, quer pelos professores, quer por eles próprios, alunos com aptidão para prosseguir esta carreira e, por fim, a desvalorização cultural existente em Portugal que incute medo e insegurança aos jovens para prosseguirem uma carreira numa área com tanta incerteza inerente.

No que diz respeito à escola que serviu aqui de base a esta pesquisa, o Conservatório de Música e Artes do Dão (CMAD), é possível concluir que a sua atividade se destaca, não só pela sua qualidade de ensino, como também pelas características do território onde se este se insere. O CMAD tem uma excelente qualidade de ensino, detendo professores de grande qualidade e, conseqüentemente, ao longo dos anos ajudou a formar bons alunos com trajetórias de sucesso no mundo da música, quer em Portugal, como no estrangeiro. O facto de se inserir num dos concelhos com maior densidade demográfica da Região Dão-Lafões e por estar localizado num território de fácil acesso, possibilitou a realização de parcerias com vários concelhos adjacentes ao concelho de Santa Comba Dão, como por exemplo, Carregal do Sal, Arganil, Oliveira do Hospital, Tondela, Mortágua, Nelas e Penacova. Este Conservatório beneficia ainda de várias parcerias com o Ministério da Educação, uma delas que deu origem ao regime articulado de música e os alunos que o frequentam fazem-no de forma gratuita. Outra das parcerias do Conservatório resulta do Programa Nacional da Educação Estética e Artística (PEEA), um programa proveniente da Direção-Geral da Educação (DGE) que tem como objetivo desenvolver um plano de intervenção nas escolas através das diferentes formas de arte, sejam elas a Educação e Expressão Musical, Educação e Expressão Plástica, quer sejam o Movimento e Drama/Teatro e Dança.

É de destacar ainda o trabalho desta escola no combate à escassez de ofertas culturais na região. O CMAD, em conjunto com a Associação de Música e Artes do Dão (AMAD), promove inúmeros eventos culturais e artísticos, não só na área da música, mas também noutras áreas artísticas como o teatro musical e a dança, tendo desta forma um papel de

relevo na vida cultural desta região. A cultura e a arte em geral são, assim, vistas pelo CMAD como uma necessidade no processo educativo e estas parcerias incentivam a dimensão estética da educação, estimulando o conhecimento cultural e artístico dos estudantes, como processos que promovem a afirmação da cidadania e o desenvolvimento da literacia cultural dos jovens.

De uma forma conclusiva, a influência deste ensino articulado de música atua nas trajetórias de carreira dos dez entrevistados, enquanto uma mais valia de carácter intrínseco para quem o frequenta, independentemente da sua trajetória profissional futura. Todos os entrevistados mencionaram o facto de que o ensino articulado de música, e o ensino de música em geral, desenvolve certas capacidades cognitivas que, fora deste ensino, caso as chegassem a desenvolver, seriam apenas desenvolvidas numa idade mais tardia e não as desenvolveriam com tanta facilidade. Por força dos métodos de ensino, estes alunos aprendem a gerir o seu tempo da melhor forma, aprendem a lidar com a exigência, a falha, o erro, a tensão e a frustração, aprendem a importância do trabalho em grupo, a definir prioridades, a desenvolver a capacidade de concentração, comunicação, o espírito de equipa e a resiliência. O ensino articulado de música traz benefícios para os seus alunos, quer estes façam a sua profissionalização na área artística quer não, e o trabalho desenvolvido pelo CMAD representa uma mais valia para as pessoas e para a região onde este se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adamson, S. J., Doherty, N., & Viney, C. (1998), “*The meanings of career revisited: implications for theory and practice*”. Londres: British Journal of Management, 9: 251-259.
- Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2020), I.P. Disponível em: <http://www.anqep.gov.pt/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=562258815914AAAAAAAAAAAA>. Acedido a 28.01.2020.
- Barata, A. A. (2017), *Perceção e efeitos no sucesso de carreira: um estudo exploratório numa amostra de trabalhadores na área da gestão de recursos humanos (Dissertação de mestrado)*. Lisboa: Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Economia Política.
- Becker, H. S. (2008), *Outsiders: Estudos de sociologia dos desvio*. (M. L. Borges, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. (2010), *Mundos da Arte*. (L. S. Payo, trad.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Becker, H. (2013), "Uma carreira como sociólogo da música", *Contemporânea*, 3: 131-141.
- Borges, V. (2007). *O mundo do teatro em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Borges, V., & Costa, P. (2012). *Criatividade e Instituições. Novos desafios à vida dos artistas e dos profissionais da cultura*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Borges, V. (2008). *Teatro, prazer e risco. Retratos sociológicos de atores e encenadores portugueses*. Lisboa: Roma Editora.
- Cabral, M. V. e Borges, V. (2006). *Relatório Profissão: Arquiteto/a*. Lisboa: Ordem dos Arquitetos e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC) - DataCentro (2019), *Informação para a Região. Unidades Geográficas - Zoom Territorial*. Disponível em: <http://datacentro.ccdrc.pt/ZoomTerritorial.aspx?D=4CBAFB1E47B0CD51391F23EBCEC9C56DD396DA10F6BDE2AD885FE258A8CC246C>. Acedido a 10.12.2019.
- Câmara Municipal de Santa Comba Dão (2019), "Informações Úteis do Município". Disponível em: <https://www.cm-santacombadao.pt>. Acedido a 10.12.2019.

- Cardim, J. C., & Miranda, R. R. (2007), *O universo das profissões. Da qualificação às competências e à evolução profissional*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Chanlat, J.-F. (1995), "Quais carreiras e para qual sociedade?", *Revista de Administração de Empresas*, 35: 67-75.
- Coulangeon, P. (2004). *Les musiciens interprètes en France. Portrait d'une profession*. França: Ministério da Cultura (DEPS).
- Delicado, A., Borges, V., & Dix, S. (2010). *Profissão e Vocação. Ensaio sobre grupos profissionais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Diário da República (DRE) (2018), "Educação Portaria n.º 229-A/2018". Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/116068173>. Acedido a 09.12.2019.
- Dubar, C. (2005), *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais* (Maria Fontes trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Dubar, C. (1998). *Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002#back. Acedido a 11.11.2019.
- Dubar, C., Tripier, P. (1998), *Sociologie des professions*. Paris: Armand Colin.
- Enriquez, E. (1999), "Perda do trabalho, perda da identidade. Relações de trabalho contemporâneas". Minas Gerais: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais.
- Freidson, Eliot (1986), "Les professions artistiques comme défi à l'analyse sociologique", *Revue Française de Sociologie*, XXVII 3: 431-443.
- Godoy, S. (1995). "Introdução à pesquisa qualitativa e as suas possibilidades", *Revista de Administração de Empresas*, 35: 57-63.
- Gomes, C. A. (2002). *Discursos sobre a "especificidade" do ensino artístico: A sua representação histórica nos séculos XIX e XX*. (Dissertação), Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Goffman, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Instituto Nacional de Estatística (2020), "Estatísticas da Cultura - Espetáculos ao vivo com mais 9,5% de espectadores e museus com mais 13,5% de visitantes - 2018". Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUES_dest_boui=354601381&DESTAQUESmodo=2. Acedido a 28.01.2020.

- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos*. (D. Martin, & P. C. Reuillard, trads.) Porto Alegre: Artmed.
- Lopes, J. T., Boia, P., Veloso, A. L., & Caldas, M. (2018), "A orquestra e a vida, percursos juvenis na Orquestra Geração", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 86: 91-108.
- Lopes, J.T. (Org.). (2012), *Registos do ator plural: Bernard Lahire na sociologia portuguesa*. Porto: Afrontamento.
- Lopes, R. (2018), *Estudo de Caso - Licenciatura em Dança, na FMH (documento de preparação para tese de mestrado, apresentado na disciplina de Políticas públicas para a cultura)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Júnior, P. L., & Massi, L. (2015), "Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação", *Ciências da Educação*, 21: 559-574.
- Menger, Pierre (1999), "Artistic labor markets and careers", *Annual Review of Sociology*, 25: 541-574.
- Menger, P.-M. (2002), *Portrait de l'artiste en travailleur. Métamorphoses du capitalisme*. Paris: La République des Idées, Seuil.
- Menger, P.-M. (2005), *Retrato do artista enquanto trabalhador*. Lisboa: Roma Editora.
- Ó, J. R., Ferreira, M., Marto, A., Paz, A., & Travassos, A. (2007). *Estudo de Avaliação do Ensino Artístico*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Paz, A. (2008), *Ensino artístico especializado da música. Para a definição de um currículo do ensino básico*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Educação Estética e Artística (2020), *Programa de Educação Estética e Artística em Contexto Escolar*. Disponível em: <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/peea.html>. Acedido a 08.02.2020.
- Rodrigues, M. L. (2012). *Profissões. Lições e ensaios*. Lisboa: Almedina.
- Tolfo, Suzana Rosa. d. (2002). "A carreira profissional e os seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudança", *Revista de Psicologia, Organização do Trabalho*, 2, 39-63.
- Wagner, I. (2015), *Producing Excellence: The Making of Virtuosos*. Londres: Rutgers University Press.
- Weber, M. (1979), *O Político e o Cientista* (C. G. Babo, trad.). Lisboa: Editorial Presença.

ANEXOS

ANEXO A – MODELO DA ENTREVISTA E AS SUAS PRINCIPAIS DIMENSÕES

Dados gerais da entrevista

Nome do entrevistado: _____

Entrevista: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____

Local: ZOOM

Duração: _____

Antes de começar:

- Explicar os motivos da realização da entrevista e quais os objetivos da mesma;
- Relembrar o que está escrito no Consentimento Informado;
- A informação recolhida será utilizada estritamente para a dissertação.

Elementos gerais de caracterização sociodemográfica

Idade: _____

Sexo: _____

Profissão atual: _____

Nível de escolaridade mais elevado: _____

Residência: _____

Contactos: _____

Dimensão: *Pessoal* (procurar compreender a trajetória pessoal do/a entrevistado/a)

- Qual é a profissão dos seus pais?
- Tem alguém próximo ligado à música ou às artes?
- Qual foi o primeiro contacto com a música?
- Como começou o interesse pela música?
- Como chegou ao ensino da música?
- Qual era o contacto que tinha com a música antes de integrar o ensino da música?
- Qual foi a reação dos pais ao escolher o ensino da música? // qual foi a reação dos pais ao escolher não seguir o ensino da música após o Conservatório?
- Considera-se um artista, músico? Porquê?

Dimensão: *Profissional* (procurar conhecer melhor a trajetória profissional do/a entrevistado/a)

- Atualmente exerce apenas a profissão de músico ou tem outra profissão?
- O que faz hoje na área da música?
- O que fez desde a saída do CMAD? Qual foi o percurso até hoje?

Dimensão: *Procurar conhecer a relação do entrevistado/a com a área cultural e musical*

- Com que idade começou a frequentar atividades artísticas e culturais? Quais?
- Onde vai ver espetáculos artísticos na região da Beira-Alta e quais são? (teatro, concertos, exposições, entre outras)
- Qual a principal razão para frequentar atividades artísticas e culturais?
- O que é para si a música?

Dimensão: *Procurar conhecer o percurso do entrevistado/a dentro da escola*

- Frequentou o CMAD por iniciativa própria, dos pais ou outro familiar?
- Frequenta ou já frequentou outra instituição de ensino de música além do CMAD?
- Durante quanto tempo frequentou o CMAD?
- Porque razão escolheu seguir a formação no CMAD/Conservatório?
- Quais foram as oportunidades que o CMAD lhe proporcionou?

Dimensão: *O ensino articulado de música* (procurar perceber a sua importância, relevância, influência para o/a entrevistado/a)

- Como é que o ensino integrado de música influenciou a sua escolha profissional atual e a sua escolha ao nível de formação escolar? Qual a relevância do ensino integrado de música no seu percurso e formação profissional?
- Qual a relevância do trabalho desenvolvido pelo CMAD no exercício da sua profissão? Quais são as influências?
- Na sua visão, de que forma o ensino integrado de música pode ajudar na profissionalização dos alunos, não só na carreira musical, mas também noutras áreas de trabalho?
- Qual o grau de preparação, que a seu ver, o CMAD dá para o mundo do trabalho na área da música e das artes em geral?
- Durante o tempo que frequentou o CMAD até hoje, como é que observa a evolução do ensino nesta escola?
- Quais foram os principais obstáculos/facilidades que sentiu quando saiu do CMAD?

Dimensão: Procurar pensar sobre a tensão entre binómio Profissão/Vocação nas artes

- O que considera ser a vocação artística? É necessário ter vocação para seguir o ensino da música? A vocação tem influência no sucesso nas artes?
- Quais foram as suas motivações intrínsecas e extrínsecas que sentiu para seguir uma profissão nas artes? (destinada aos entrevistados que seguiram música).
- Qual a sua visão de empregabilidade na área da música e/ou outras atividades artísticas em Portugal e no estrangeiro?
- De que forma a sua atual profissão (ou futura profissão) corresponde às suas expectativas?
- Como ocorre a progressão de carreira/ hierarquia/valorização de carreira na música/ e no mundo artístico em geral?
- Porque é que não seguiu a área da música? Que obstáculos identificou? (para aqueles que não continuaram na música).
- Atualmente, o que é que o CMAD representa para si?
- Qual é a atividade que exerce com mais tempo, a música ou a outra profissão (caso tenha)? Como funciona a conjugação dos tempos de trabalho? (se exercer outra atividade para além da música).

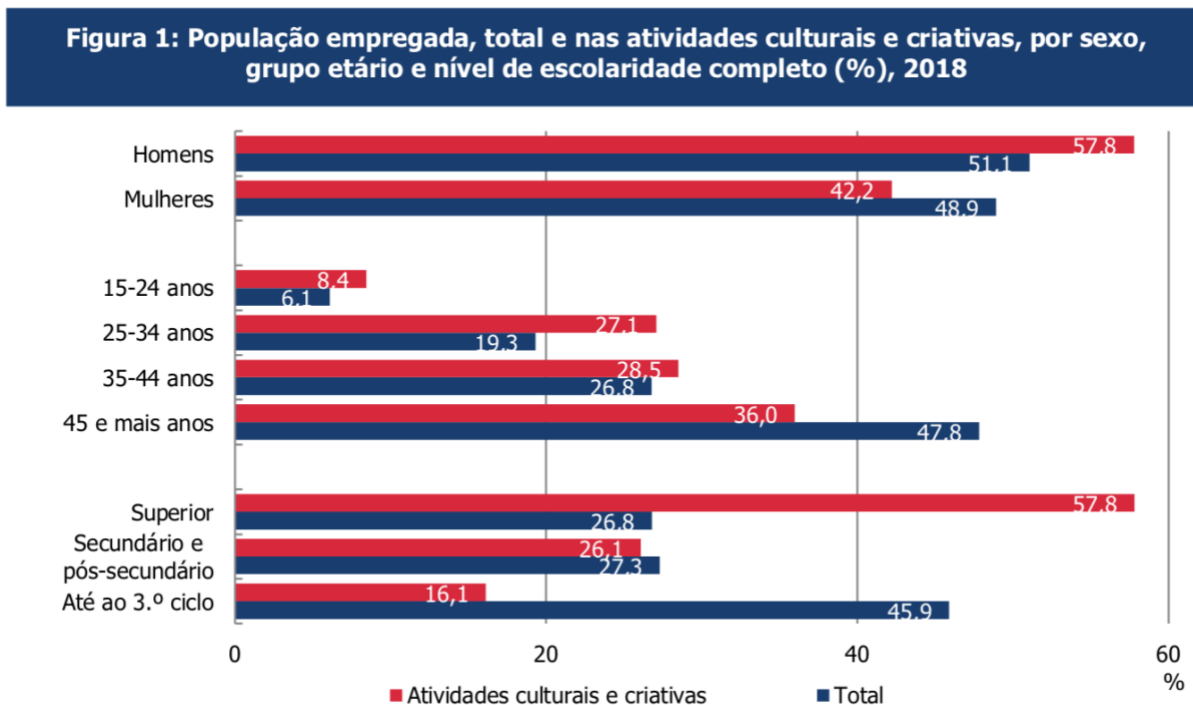
ANEXO B – DADOS DE CARATERIZAÇÃO GERAL DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado/a:	Género:	Idade:	Habilitações Literárias:	Principal ocupação/profissão:	Frequência no CMAD:	Percurso Pós CMAD:
Igor Varela	M	23	Licenciatura (a frequentar mestrado)	Músico	6.º ao 9.º ano (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Profissional de Música de Espinho; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura: Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO); Mestrado: Haute École de Musique de Genève.
Leonardo Coelho	M	22	Licenciatura (a frequentar mestrado)	Músico	5.º ao 9.º ano (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Profissional de Música de Espinho; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura e Mestrado: Universidade de Aveiro.
José Pedro Morais	M	23	12.º ano	Músico	6.º ao 9.º ano (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Profissional de Música de Espinho; <u>Ensino Superior:</u> 1 ano de Licenciatura: Universidade de Aveiro
Sónia Pais	F	22	12.ºano (a frequentar licenciatura)	Músico	5.º ao 9.º ano (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Profissional de

						Música de Espinho; <u>Ensino Superior:</u> Meio ano de Licenciatura: Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO); Licenciatura: Hochschule für Musik Hanns Eisler.
Mariana Rebelo	F	23	Licenciatura	Atriz	6.º ao 9.º ano (11 aos 14 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico de Carregal do Sal; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura: Escola Superior de Teatro e Cinema
Inês Matos	F	20	12.º ano (a frequentar licenciatura)	Estudante	Iniciação (8 aos 10 anos) e 5.º ao 9.º (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária de Santa Comba Dão; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Maria Miguel Jesus	F	23	Licenciatura (a frequentar mestrado)	Estudante	7.º ao 9.º ano (12 aos 14 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária de Santa Comba Dão; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura: Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL); Mestrado: Lisbon School of Economics &

						Management (ISEG).
Mariana Bandeira	F	22	Mestrado	Gestora	6.º ao 12.º ano (10 aos 17 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária de Santa Comba Dão; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura e Mestrado: Nova SBE – Nova School of Business & Economics.
Ana Rita Rodrigues	F	23	Licenciatura (a frequentar mestrado)	Estudante	6.º ao 9.º (11 aos 15 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária de Santa Comba Dão; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; Mestrado: Iscte – Business School.
Luís Carlos Pinto	M	23	Licenciatura (a frequentar mestrado)	Estudante	6.º ano 9.º ano (11 aos 14 anos) e 11.º ano (16 anos)	<u>Ensino Secundário:</u> Escola Secundária de Santa Comba Dão; <u>Ensino Superior:</u> Licenciatura e Mestrado: Instituto Superior Técnico (IST).

ANEXO C – POPULAÇÃO EMPREGADA, TOTAL E NAS ATIVIDADES CULTURAIS E CRIATIVAS, POR SEXO, GRUPO ETÁRIO E NÍVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO (%), 2018



Anexo 2 Fonte:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354601381&DESTAQUESmodo=2

ANEXO D – GRELHA DE ANÁLISE GERAL DAS ENTREVISTAS

Dimensão pessoal e familiar

- Descrição do seu percurso pessoal, influência familiar e do ambiente social na escolha dos cursos, das instituições, as razões de escolha;
- *Background* familiar, as primeiras interações com a música, as condições sociais e escolares dos pais.

Trajétoria de profissionalização

- Atividade profissional atual;
- Compreender o percurso académico e profissional, escolha de outros cursos, instituições de ensino, quais as suas razões de escolha;
- Caracterização da sua trajetória profissional e decisões;
- Trajetória, organização e planeamento: a escolha de uma profissão; a escolha da música como profissão a tempo inteiro;
- Empregabilidade, aspirações e expectativas dos entrevistados;
- Motivações (importância das motivações intrínsecas);
- Escolhas, conjugações, influências, vocação.

Relação com a área cultural e artística envolvente

- Influências sociais e económicas (meio onde se insere, disponibilidade financeira);
- Qual a rede de oferta na região: a importância das três bandas locais
- Frequência de atividades culturais e artísticas: quais são as atividades culturais e artísticas em que cada entrevistado escolhe participar nos momentos de lazer? Porquê?
- O que faz cada um dos entrevistados continuar, ou não, a frequentar atividades artísticas e culturais?

A importância do CMAD para o percurso do indivíduo

- Perceber a razão da entrada nesta instituição (motivações, influências);
- Compreender o percurso de cada um dentro da instituição;
- Compreender a ligação que manteve, ou não, com a instituição após saída da mesma;
- Identificar as escolhas tomadas na área da música, dentro e fora do CMAD;
- A duração do percurso na instituição;
- Descrever a experiência na instituição, os ensinamentos e valores transmitidos;
- O que representa a instituição atualmente para o entrevistado;
- Perceber a influência do CMAD no contacto não só com a música, mas também com outras atividades artísticas e culturais.

As mais valias do ensino articulado de música nas trajetórias de carreira dos indivíduos

- Compreender a importância, relevância e influência deste ensino na formação do indivíduo;
- Como capacitou os alunos para a profissão que estão a exercer atualmente;
- Até que ponto a qualidade de ensino influenciou na tomada de decisão de continuar ou não a fazer formação na área artística;
- Descrever as aptidões adquiridas: sociais, relacionais, musicais.